Mais de 4 toneladas de gás no céu de Lisboa
Pág. 24

Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 195 Terça-Feira 21 de Outubro de 1986 Preço 40$00

CONSTERNAÇÃO EM TODO O MUNDO PELA MORTE DE MACHEL

A vastidão da tragédia reflecte-se na expressão deste investigador sul-africano, enviado para o local

Comissão mista vai investigar queda do Tupolev

Erro humano ou atentado? A interrogação surgiu logo após a notícia da morte do presidente Samora Machel provocada pelo despenhamento do avião onde seguia. Investigadores presentes no local da tragédia afirmaram que os factos conhecidos apontam para erro do piloto. A palavra final caberá, contudo, a uma comissão de investigação constituida por Pretória e Maputo.

Págs. 12 e 13

Três rostos na sucessão: Marcelino dos Santos, Joaquim Chissano e Mário Machungo

PETROQUÍMICA
Presidente «liquidatário» faz negócio de 4,5 milhões com «amigo americano»

O presidente da Comissão Liquidatária da Companhia Nacional de Petroquímica (CNP), Jorge Gonçalves, celebrou no passado mês de Agosto um importante contrato de fornecimento de nafta, no valor de quase 4,5 milhões de contos, que está a suscitar dúvidas quanto à sua transparência. Jorge Gonçalves, está neste momento em férias nos EUA e, de acordo com uma notícia de um semanário, encontra-se num rancho da Virgínia pertencente ao dono da empresa com quem celebrou aquele contrato.

Continua na pag. 16

«DL» EM BARCELONA COM O SPORTING

PATROCÍNIO DE:

LAGOSTA REAL

APOIO DE:

EURO-PRÁTICO
Soc. Comer. de Imp., Exp. & Representações, Lda
A casa das brilhantes ideias

O «DL» NO FESTIVAL DE GASTRONOMIA DE SANTARÉM

com patrocínio

APETITE
apetite mais saboroso

AO TELEFONE COM

Jorge Lemos

«Parlamentares de todo o mundo defendem moratória soviética e sanções contra a África do Sul»

De 6 a 12 deste mês de Outubro realizou-se, em Buenos Aires, mais uma Conferência Interparlamentar, que reuniu representantes de mais de 100 parlamentos de todo o mundo. Portugal fez-se representar por uma delegação de seis deputados: Montalvão Machado e Guido Rodrigues, do PSD, Almeida Santos, do PS, António Feu, do PRD, Narana Coissoró, do CDS e Jorge Lemos, do PCP.

Ao telefone com este último deputado falamos da reunião. Jorge Lemos começou assim:

«Como sabe, as conferências da União Interparlamentar realizam-se duas vezes por ano, na Primavera e no Outono, e têm como pontos da Ordem de Trabalho, normalmente, a apreciação de problemas que afligem os povos, com a finalidade de tentar encontrar, em termos parlamentares, processos de actuação para a resolução desses problemas».

«Em Buenos Aires, que pontos foram discutidos?»

«Havia dois pontos na agenda. O primeiro, relativo ao esforço a empreender pelos parlamentares no sentido da implementação do Direito Humanitário Internacional e o papel da Cruz Vermelha em conflitos armados...«

»...E o segundo...«

«O segundo ponto era relativo a medidas a tomar para erradicação do regime de «apartheid» na África do Sul, pela independência da Namíbia e autodeterminação dos pequenos territórios ainda colonizados».

«E a que conclusões chegou a Conferência Interparlamentar?«

«Antes de lhe responder a essa questão deixe-me que lhe diga que a Conferência decidiu ainda inscrever um novo ponto na Ordem de Trabalhos...«

«O qual foi...«

«O qual foi proposto pela delegação soviética, visando canalizar a hipótese de contribuição dos parlamentares para pôr termo a todos as explosões nucleares. A inscrição deste novo ponto...«

»...Foi polémica...«

«Nada disso. Apenas 41 votaram contra a inscrição, enquanto 959 votaram a favor. Nada polémica, portanto, a inclusão deste novo ponto da Ordem de Trabalhos«

«A delegação portuguesa votou toda a favor, suponho.

«Supõe mal. Esse foi um traço negativo, a meu ver, na nossa representação, pois os deputados do PSD e do PS votaram contra a admissão de tal questão. Isto numa altura em que as próprias delegações parlamentares dos EUA e da Grã-Bretanha votaram unanimemente a favor da inclusão do tal ponto, que assumia de resto particular importância pois estávamos na véspera do encontro de Reiqueiavique entre Reagan e Gorbachev«

«Volto à pergunta já feita anteriormente: que conclusões?:

«No quadro da aprovação deste ponto, a Conferência adoptou uma resolução muito positiva, no sentido de que os parlamentares incitassem os seus governos a associarem-se à moratória soviética sobre explosões nucleares, tentando igualmente tornar possível o estabelecimento de acordos entre todas as potências nucleares com vista a evitar os perigos de uma hecatombe nuclear».

«E quanto aos outros pontos?«

«Olhe, quanto à África do Sul a resolução aprovada é também bastante positiva e aponta no sentido de que sejam impostas sanções globais obrigatórias contra o regime do «apartheid», como único meio pacífico e eficaz para o seu derrube...«

«Mas o segundo ponto não englobava só o «apartheid»...«

«Tem razão. Foi também reafirmado o direito do povo da Namíbia à autodeterminação e à independência, sublinhando-se a necessidade de dar cumprimento à resolução 455/78 do Conselho de Segurança da ONU. Foi ainda denunciado e feito um apelo para que cesse o apoio que determinados países ocidentais, designadamente os EUA, têm vindo a dar aos bandidos da Unita e da Renamo, que combatem os governos legítimos de Angola e Moçambique».

«Já agora, que decisões foram tomadas no que se refere ao primeiro ponto da agenda?«

«Aí foi possível uma resolução que aponta no sentido de tudo ser feito, a nivel parlamentar, para que se respeitem os princípios internacionais quanto a feridos de guerra e se apoie a acção da Cruz Vermelha».

«Por falar nisso: nestas reuniões de parlamentares de todo o mundo passa-se por cima da questão de Timor?«

«O que lhe posso dizer é que a delegação portuguesa tomou posição, unânime, de defesa dos princípios do Direito Internacional e dos princípios da Constituição Portuguesa, denunciando a invasão e ocupação militar de Timor Leste pela Indonésia e o genocídio do povo maubere, reafirmando com vigor o direito desse povo à autodeterminação e independência».

«Os indonésios estavam lá e assistiram à intervenção portuguesa? Como reagiram?«

«Sobre Timor foi na verdade possível travar um debate em plenário, com a delegação indonésia, tendo ficado claramente demonstrada a justeza da posição portuguesa, de resto apresentada aos órgãos de Comunicação Social que fizeram a cobertura da reunião, em conferência de Imprensa expressamente convocada para o efeito».

«Quando e onde vai realizar-se nova reunião?«

«Será em Managua, na Primavera, durante a semana que se inicia a 27 de Abril«

«Já se conhece a agenda?«

«Prevê-se como um dos pontos para discussão o apoio dos parlamentares para a realização de uma conferência internacional sobre a Paz no Médio Oriente. Está igualmente prevista a inclusão do problema dos subsídios às produções agrícolas nos países industrializados».

«As decisões saídas deste tipo de reuniões têm força vinculativa? Que eficácia, a destas reuniões de parlamentares de todo o mundo?«

«Bom, as reuniões em si não têm poder vinculativo, mas reproduzem a vontade política dos parlamentares, sendo do nosso ponto de vista necessário que não nos fiquemos pelas declarações de intenção e que assumamos até as últimas consequências as posições adoptadas nas conferências«

Ribeiro Cardoso

A História começa na Suméria

Carlos Amado Reis

Está seguramente averiguado que existe vida na Terra há milhares de milhões de anos e que a espécie humana provém de um longo processo evolutivo; mas não há muito tempo que pessoas altamente colocadas ainda sustentavam que o Universo fora criado há poucos milénios e que a primeira mulher tinha sido feita de uma costela do primeiro homem.

A lenda da origem da mulher numa costela provém da antiga Suméria, e Samuel Noah Kramer apresenta essa lenda no seu livro que inicialmente se chamou «From the Tablets of Sumer».

Segundo o referido autor, os Sumérios veneraram centenas de deuses, e dentre essas centenas destacavam-se quatro divindades: — A grande deusa-mãe, Ninhursag; o deus do céu, An; o deus do ar, Enlil; e o deus da água, Enki.

Segundo um poema sumério, Enki teria estado doente de oito órgãos e para curar cada órgão Ninhursag teria criado uma nova divindade. Um dos órgãos doentes teria sido, precisamente, uma costela, e para curar a costela teria sido criada a deusa Ninti.

Acontece que a palavra «ti» era uma palavra suméria com dois significados completamente diferentes: por um lado significava «costela», e por outro lado significava «criar vida». Nasceu daí o equívoco entre «costela» e «origem da vida» - equívoco que os Hebreus cultivaram para subalternizar a mulher ao apresentá-la como proveniente de um modesto órgão do homem. (A subalternização foi levada ainda mais longe ao apresentar-se a mulher como primeira culpada do pecado original).

A lenda referida consta do capítulo XVII da citada obra de Samuel Noha Kramer. Mas ainda que possa duvidar-se que essa seja a origem da lenda bíblica, está fora de dúvida que a primeira mulher não foi feita de uma costela!

A lenda de Noé também se radica numa antiga lenda suméria. Nunca houve dilúvio universal, mas a Mesopotâmia teve um, ou mais do que um importante dilúvio regional de que dão testemunho os sedimentos que então se formaram e que lá estão; daí nasceu a lenda de um dilúvio universal, pois os sobreviventes tinham achado que a água cobrira tudo e o mundo que eles conheciam era pequeno, e da sobrevivência de Ziusudra — referido como um rei piedoso e temente dos deuses. A lenda bíblica aumentou de 7 para 40 dias a duração do dilúvio e no lugar de Ziusudra colocou Noé.

Em muitas regiões do mundo se encontra a tradição de dilúvios; mas trata-se de grandes inundações independentes umas das outras e não simultaneas, e, a avaliar pela espessura dos sedimentos, a da Mesopotâmia foi de importância muito destacada.

Numa das obras de Platão, o «Timeu», apresenta-se um antigo sacerdote egípcio a dizer que os seus interlocutores só recordavam um dilúvio mas que tinha havido muitos antes desse: tratava-se, sem dúvida, de dilúvios regionais conhecidos pelos antigos egípcios. É possível que a História não tivesse o seu começo na Suméria, mas no Egipto, se os muçulmanos não tivessem destruído a biblioteca de Alexandria — que principiou a formar-se já depois da helenização mas reuniu textos de origem muito remota.

Qualquer texto pressupõe a existência de uma forma de escrita; mas nem mesmo a escrita cuneiforme apareceu sem uma evolução anterior, e já antes dos Sumérios haveria a possibilidade de fazer graficamente a comunicação de ideias. Seja onde for que a História tenha começado a escrever-se, parece dever-se aos antigos Sumérios o início da História que subsiste — e encontra-se nas suas lendas, seguramente, a raiz de crenças que atravessaram milénios. Se se perderam, ou não, histórias anteriores, isso é outra «estória». A evolução deu alguns saltos, mas sempre pequenos.

Em suplemento «DL» no dia 23 de Outubro

ANUÁRIO VÍDEO 86

No mercado português há já mais de 400 filmes editados em videocassetes. Todas as semanas novos títulos são lançados. Seleccionar o que mais interessa, torna-se difícil.

O «DL» propõe-se ajudá-lo

O «Anuário Vídeo 86»
(um suplemento, a cores, com 24 págs.)

vem facilitar-lhe as opções

O que há no mercado?
Como escolher?

O «Anuário Vídeo 86»

fornece-lhe as respostas!

Dia 23 de Outubro na edição normal do seu «DL»!

Samora Machel: Um revolucionário africano

Após o assassinato de Eduardo Mondelane, a direcção da Frelimo foi cometida a uma comissão presidencial. Três homens foram chamados a preencher o vazio aberto pela carga explosiva que vitimara o presidente Mondelane: Marcelino dos Santos, Uria Simango, Samora Moisés Machel. Em Bagapoyo, na Tanzânia, numa cerimónia comemorativa do massacre de Mueda. Samora Moisés Machel recordou os acontecimentos de 16 de Junho de 1960, dispensando-se de mais uma vez os descrever e deles retirando, para a luta do povo de Moçambique, a lição político-militar. Para Samora Machel, a constituição da Frelimo »... foi o resultado de 16 de Junho de 1960, quando os portugueses assassinaram, quando os portugueses fizeram massacres na administração de Mueda». A Frelimo nasceu da consciência de que os colonialistas respondiam com as armas, com a força militar e a repressão sangrenta, às reivindicações dos moçambicanos. Numa linguagem directa, Samora perguntava como se deveria actuar: «Se é à boca ou então é com as armas. Nós todos aqui presentes já sabemos, não sei se alguns ignoram, da necessidade de pegar em armas. Há quem tenha dúvidas ainda hoje?»

Ele viera fazer a sua formação militar na Argélia, integrara-se nas unidades guerrilheiras, afirmara-se como combatente, revelara-se um chefe militar. Era, também, um político. Não ignorava que a unidade do povo africano era minada pelos colonialistas. Dizia Samora: «Os camaradas sabem que, depois de começar a luta armada, os portugueses intensificaram as tentativas de continuar a dividir o povo moçambicano, usando várias manobras, incluindo os próprios moçambicanos. Nas zonas onde hoje nós lutamos, os primeiros inimigos que nós encontramos no interior do nosso país são os africanos usados como PIDE. Porque os africanos facilmente se infiltram no nosso seio, têm a mesma cara como nós, usam as mesmas expressões como nós, usam a mesma linguagem como nós e também manifestam a mesma vontade de liberdade e por isso facilmente esses indivíduos se infiltram no nosso seio. Essa é a manobra actual, essa é a arma fundamental que o inimigo usa e continuará a usar».

A experiência da luta de libertação nacional e a experiência política posterior à proclamação da independência de Moçambique, da crise que levou ao afastamento de Uria Simango ao combate contra a Renamo, daria razão a Samora Machel. O perigo era grande. Ele sublinhava: «Sobretudo quando nós não compreendemos como é que o inimigo se infiltra no nosso seio, quem são os nossos inimigos em cada fase em cada etapa e tentarmos formular a palavra que corresponde com a fase que nós atingimos. Cada vez que atingimos uma fase, há necessidade de definirmos claramente quem são os inimigos da revolução, quem são os inimigos da Frelimo, quem são os inimigos da independência, quem são os inimigos da luta em Moçambique».

Era um estratego militar e era um estratego político. Considerou, nesse discurso proferido em Bagapoyo, no dia 16 de Junho de 1969, que a experiência de quatro anos de luta armada exigia que sucessivamente se analisassem citamos as suas palavras: «As manobras que o inimigo realiza no nosso seio, as manobras que o inimigo realiza no interior, na certeza de tentar paralisar a nossa guerra. Usa muitos meios, actualmente usa os meios da corrupção. Há corrupção material, há corrupção espiritual, há corrupção ideológica». Samora não se iludia. Sabia que alguns moçambicanos se deixavam impressionar pelas «teorias» do inimigo colonialista, arrastar pelos «métodos subversivos» dos colonialistas.

Mas o carácter verdadeiro da luta em que se empenhava apresentava-se a Samora Moisés Machel com uma grande clareza. Em Março de 1973, definia-o assim: «A luta de libertação do povo moçambicano é uma luta contra a dominação colonial fascista portuguesa, contra o imperialismo, uma luta para instalar na nossa pátria uma nova ordem social, de conteúdo popular e democrático. O colonialismo e o fascismo portugueses são aberrações na nossa época. A dominação colonial fascista é a pior forma de negação e de humilhação da pessoa humana. A guerra colonial fomenta os crimes mais abjectos e horrorosos que repugnam à consciência humana». Para ele o combate do povo de Moçambique, como o de todos os povos sedentos de liberdade e de justiça »...é o combate comum, a nossa luta para instalar na nossa terra uma nova ordem social popular, que liberte o homem da miséria e da exploração, introduza a justiça no seio da sociedade, liberte a iniciativa criadora das massas». Luta nacional e internacional. «A luta contra o colonialismo e o fascismo português não é diferente na sua essência da luta contra o fascismo e o nazismo que teve lugar na Europa» — afirmava Samora Machel.

O seu discurso político era directo, simples na forma, mas nunca simplista na concepção dos desenvolvimentos doutrinários, algumas vezes aparentando um espontaneísmo que correspondia a uma experiência amadurecida, a reflexão responsável não desdenhando as imagens populares e, por vezes, um tom poético. Oiçamo-lo: «É correcto comparar-se uma revolução com um fogo na floresta. Começa hesitantemente, timidamente, tem que ultrapassar dificuldades para se afirmar, para se espalhar e se desenvolver. Assim que se firma, as chamas saltam e nada as pode deter. É isto que se está a passar com a nossa revolução em Moçambique».

O fogo progredia na floresta. A luta armada conquistava novos terrenos. Novos territórios de combate e novos palcos. Samora Machel tinha a consciência de que com o desenvolvimento da luta se tornavam mais agudas as contradições. Citamos do texto do discurso na honenagem a Amílcar Cabral, em Conakry, em 31 de Janeiro de 1973: «Porque o processo da luta armada de libertação não é homogéneo em todas as partes do território nacional, acontece que, simultaneamente nos nossos países, vivemos fases diferentes. Enquanto numa zona a tarefa imediata será desencadear a luta armada, numa segunda, a tarefa será a de a enraízar, enquanto numa terceira zona o objectivo será implantar as estruturas que tornam irreversível o processo de libertação. Esta heterogeneidade de situações requer na direcção, dos militantes que constituem a vanguarda do combate, uma clareza ideológica sem a qual se corre o risco dum desvirtuamento da luta». E, como sempre, dos pressupostos teóricos tirava as conclusões práticas. A questão era: «Saber quem deve exercer o poder na aldeia, e, em favor de que grupo social, determinar qual o regime de propriedade, como organizar o comércio, são questões imediatas, palpáveis, que todo o povo é capaz de compreender e assumir, se levarmos a cabo o necessário trabalho político. Por outras palavras, podemos dizer que uma vez destruída a presença física do colonialismo, um novo conflito mais decisivo surge. À luta de classes no plano internacional, entre o nosso povo e o inimigo colonialista e imperialista sucede-se no plano interno, a luta de classes contra as forças nacionais com vocação exploradora. Quer isto dizer ainda que a demarcação anterior entre colonizados e colonizadores tem que ser completada por uma demarcação, mais profunda ainda entre explorados e exploradores».

O pensamento político de Samora Moisés Machel não tinha sido formado nas academias, nem se firmara a partir de leituras repousadas. Aprendera na escola da vida, frequentara as aulas de um «povo-classe oprimido» e as universidades da guerrilha. Era um pensamento amadurecido na vida, aprofundado na lição das contradições da sua experiência. Era um saber e experiência feito.

Um dia perguntaram-lhe quando lera Marx pela primeira vez. Respondeu com o seu sorriso malicioso.

«Nunca li Marx pela primeira vez.»

Soares e Thatcher encontram-se esta manhã

Mário Soares encontrou-se esta manhã com a primeira ministra britânica, Margareth Thatcher. Este encontro entre o Presidente português e a chefe dos conservadores britânicos foi classificado pelo chefe da Casa Civil de Mário Soares como muito significativo, devido aos interesses dos dois países nos problemas da África Austral, cujas linhas de força se alteraram com a morte de Samora Machel.

Mário Soares tinha ainda marcadas outras duas reuniões para hoje, sendo uma com lord Averbury, membro do grupo parlamentar europeu que trata dos assuntos dos direitos humanos, e outra com Neil Kinnock, lider da oposição trabalhista.

Quanto ao previsto encontro com François Miterrand, Soares tentará mantê-lo mas está dependente da data do funeral do presidente Samora Machel

Homenagem a Portugal

Ontem, na Universidade de Lancaster, onde recebeu o grau de doutor «honoris causa», Mário Soares afirmou que, escolhendo-o como pretexto, esta universidade queria no fundo homenagear Portugal e reforçar os laços entre as universidades inglesas e portuguesas, iniciativa a que correspondera trazendo consigo dois doutorados portugueses - Veiga Simão e Frausto da Silva - entre muitos doutorados portugueses em universidades inglesas.

«É neste intercambio científico, tecnológico, universitário, cultural - disse Mário Soares - que nós podemos trabalhar para a modernização do nosso País e pelo seu desenvolvimento efectivo no quadro da Europa e do ocidente europeu».

No seu discurso, o Presidente da República referiu-se aos 600 anos da aliança anglo-lusa, ao casamento de D. João I e D. Filipa de Lencastre, a Oliveira Martins e a Fernando Pessoas, bem como ao facto de Portugal, depois do 25 de Abril de 1974, ter voltado a ser um país livre, democrático e pluralista.

Afirmou, a terminar, que agradecia, em nome de Portugal e em seu próprio, o gesto daquela universidade.

«Neste ano em que se celebra uma amizade seis vezes secular, a melhor forma de lhe sermos fieis é actualizarmos, de acordo com as exigências dos novos tempos, as nossas relações de cooperação e intercâmbio. Estou certo de que o conseguiremos, a bem dos nossos países e dos nossos povos».

Ele é o único candidato

Fernando Amaral volta à presidência do Parlamento

O PSD voltou a propor Fernando Amaral para o cargo de presidente da Assembleia da República. Ele é de resto o único candidato já que o PS, ao contrário do que sempre aconteceu em relações anteriores, não apresentou um nome alternativo.

O prazo para a entrega das listas de candidaturas à Presidência da Assembleia da República para a sessão legislativa agora iniciada terminou ontem. Os restantes partidos, incluindo o próprio PSD, propõem os mesmos nomes que haviam propoosto na anterior sesão e que haviam sido eleitos para os cargos de vice-presidentes e secretários da Mesa.

Delegação Jordana na AR

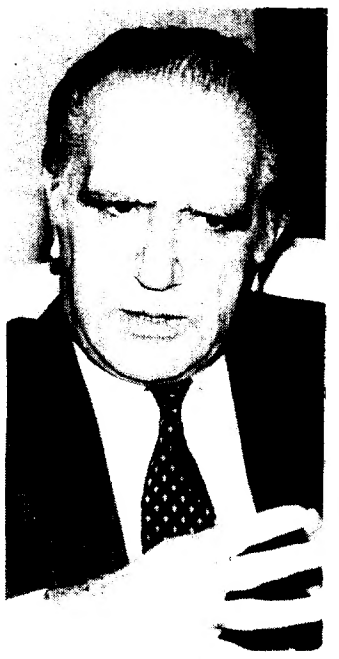
Uma delegação do Parlamento da Jordânia, encabeçada pelo respectivo presidente, Akef Al-Fayez, foi recebida ontem na Assembleia da República, no início de uma visita de uma semana a Lisboa. Os deputados jordanos tiveram encontros com o presidente do parlamentoo, Fernando Amaral, com representantes dos grupos parlamentares, e com o presidente da comissão de Negócios Estrangeiros.

Depois da visita ao Palácio de S. Bento a delegação jordana deslocou-s ao Ministério da Agricultura para uma audiência com o secretário de Estado. Encontros com membros do Governo, incluindo o primeiro-ministro, visitas à Lisnave, Câmara de Lisboa e Câmara de Comércio Luo-Árabe fazem parte da visita que inclui ainda deslocações à Gulbenkian, e Mosteiro da Batalha.

PCP e o plano integrado dos Açores

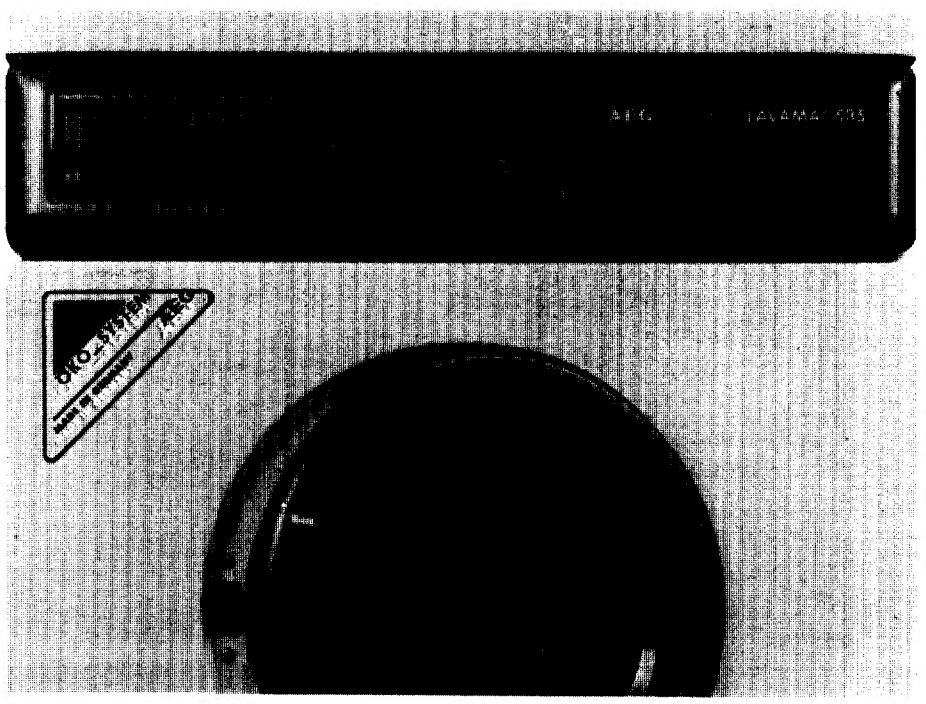
O PCP/Açores considera a promoção de um plano integrado de desenvolvimento de S. Miguel como instrumento de combate às situações de miséria existentes na mais populosa ilha do arquipélago, disse ontm um responnsável do PCP.

Mário Abrantes, que falava em Ponta Delgada na apresentação da primeira assembleia da ilha dos comunistas de S. Miguel, criticou o Governo Regional pelo «desrespeito profundo» a que tem votado as situações e as populações vitimas de desequilíbrios sociais e económicos localmente detectados».



CHEGOU A LAVAMAT MAIS ECONÓMICA DE TODOS OS TEMPOS:

Economiza 20% de detergente!



Na nova ÖKO-LAVAMAT da AEG a regra é simples: Usar menos 20% da porção de detergente em relação ao recomendado pelo fabricante na embalagem..

Mais não necessita a ÖKO-LAVAMAT da AEG para que a sua roupa fique branca e lavada como você está habituada.

O sistema ecológico (ÖKO SYSTEM) inventado pela AEG, consiste no aproveitamento total do detergente durante a lavagem. É uma ajuda, não só para a sua bolsa, como também para o meio ambiente.

Além do programa especial para lãs, da superprotecção contra a ferrugem e da alta centrifugação com arranque suave, a ÖKO-LAVAMAT da AEG economiza também até 30% de água e 20% de energia.

AEG – AJUDA NO LAR.

skip

AEG

Belarte/392

Sem portos e sem transportes não há desenvolvimento insular

— recorda Mota Amaral

O chefe do Executivo açoriano, Mota Amaral, defende num relatório a apresentar no próximo mês de Novembro, em Espanha, pelo Conselho da Europa, que «sem portos e sem sistema de transportes adequados não há desenvolvimento numa região insular».

Para Mota Amaral, que presidirá a uma das sessões da conferência sobre as regiões e cidades portuárias da Europa, marcada para Vigo de 5 a 7 de Novembro, «a existência de bons portos em regiões insulares tem não só grande interesse económico mas também estratégico, quer a nível nacional quer internacional».

O relatório do presidente do Governo Regional dos Açores, cujas principais conclusões foram ontem divulgadas em Ponta Delgada, sustenta também que uma boa rede, transportes e de comunicações constitui um importante instrumento para corrigir as tendências de concentração em regiões centrais.

Boas comunicações entre as regiões e os centros permitiriam igualmente, defende Mota Amaral, o «encorajar do crescimento nas regiões menos desenvolvidas». O presidente do Governo açoriano diz ainda no relatório à conferência de Vigo que a «forte dependência dos microssistemas insulares dos macrossistemas nacionais e comunitários torna mais necessária a organização de ligações externas». Isto através de «instalações portuárias e sistemas de transportes dirigidos especificamente às necessidades das ilhas», pormenoriza.

Eanes representará o PRD no funeral de Samora

Decorreu em ambiente tenso e de grande consternação o primeiro encontro da nova Comissão Directiva do PRD, convocado de emergência devido à morte trágica do Presidente Samora Machel, com o qual Ramalho Eanes mantinha uma relação de profunda amizade e estima. A reunião foi aliás convocada para tratar da representação daquele partido no funeral do Presidente mocambicano.

Eanes entrou pela primeira vez na sede do PRD de gravata preta e de expressão tensa, tendo declarado aos jornalistas que será ele próprio a representar o partido nas exéquias de Samora Machel.

Apenas participaram dez elementos da Comissão Directiva. Os ausentes foram Carlos Lilaia e Medeiros Ferreira, ausentes em Estrasburgo, José Carlos de Vasconcelos que se encontra em Freamunde, sua terra natal, por compromissos pessoais, Miguel Galvão Teles convalescente de uma intervenção cirúrgica e Sousa e Castro que se encontra no Minho.

A tensão era grande entre os renovadores, colhidos de surpresa pela notícia trágica do desaparecimento de uma grande figura da história contemporânea da África e um amigo de alguns deles.

Entretanto o PRD informou que os seus deputados no Parlamento Europeu solicitaram a Pierre Pflimlin que inicie as diligências necessárias para convidar o Presidente da República Popular de Angola a visitar o Parlamento Europeu.

Na carta enviada ao presidente do Parlamento Europeu pelo deputado Medeiros Ferreira, este solicita também que «seja ignorada a eventual presença de individualidades adversas ao regime de Luanda que podem prejudicar os avanços já realizados na aproximação entre os países da CEE e a República Popular de Angola, signatários da Convenção de Lomé».

RANK XEROX

PUBLICIS

Descubra o Cabo da Boa Esperança

Consigo, caminhamos para o futuro.

Hoje, na capital chinesa

Lisboa e Pequim voltam a discutir o futuro de Macau

Delegações governamentais da China e de Portugal iniciam hoje em Pequim mais dois dias de conversações sobre o futuro de Macau, na terceira fase do diálogo para a transferência da administração naquele território. A data de transferência do poder, o futuro estatuto de Macau e os direitos dos seus habitantes, além dos regimes económico, social e judicial são os temas de maior importância em debate nos contactos entre os dois países.

Chefiadas pelo vice-ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Zhou Nan e pelo embaixador Rui Medina, as duas delegações reúnem-se numa residência oficial do parque de Diaoyutai, no prosseguimento dos contactos iniciados em Junho que deverão conduzir a um acordo a assumir presumivelmente no próximo ano. Um cuidado silêncio sobre o teor das negociações tem impedido o conhecimento sobre o avanço registado nas conversações, embora ambas as partes tenham referido entretanto que foram alcançados progressos sobre questões substanciais em discussão.

Em clima de «amizade e harmonia», conforme assinalaram os comunicados oficiais conjuntos, as delegações dos dois países reuniram-se anteriormente, também na capital chinesa, em 30 de Junho 1 de Julho e 9 e 10 Setembro. Fontes diplomáticas têm indicado como provável que até final do ano fique concluída a negociação sobre parte significativa do futuro acordo, o qual deverá ser formalmente assinado em 1987.

Para além da data da transferência de Administração, as duas delegações estão ainda a negociar o prazo para o período de transição, de pelo menos cinco décadas, e durante o qual Pequim se compromete a aplicar no território (tal como o fez em relação a Hong-Kong) o princípio de «um país, dois sistemas». Através desta fórmula, Macau poderá continuar a contar com um regime económico de cariz capitalista, podendo manter a actividade do jogo, seu importante cartaz de atracção

As conversações desta semana deverão ser as últimas antes da anunciada visita a Lisboa, no próximo mês de Novembro, do negociador chefe chinês. Esta deslocação de Zhou Nan, que esteve na capital portuguesa em Março último, por ocasião da tomada de posse do Presidente Mário Soares, será feita a convite do Governo português e foi caracterizada como uma «visita de amizade».

Conversações em Lisboa

Tendo a parte chinesa rejeitado de início a proposta portuguesa para que as conversações sobre Macau decorressem alternadamente em ambas as capitais, a deslocação de Zhou Nan a Lisboa assume um significado especial, já que durante as negociações Londres-Pequim sobre Hong-Kong os contactos oficiais decorreram sempre na China. Durante a sua visita, o vice-ministro chinês terá encontros ao mais alto nível com as autoridades portuguesas, numa ocasião em que se espera estejam praticamente definidas as grandes linhas do processo de transferência da Administração de Macau.

Um deputado por aquele território à Assembleia Nacional Popular da China integra a delegação chinesa às conversações que se desenrolam terça e quarta-feira. Trata-se de Ke Zhengping. Além dele, fazem ainda parte da equipa o director do departamentos dos assuntos de Hong-Kong e Macau no Conselho de Estado, Zhua Hua, o director e o director-adjunto do gabinete de Hong-Kong e Macau no Ministério dos Negócios Estrangeiros, Ke Zaishou e Zhao Jihua, e o consultor do Ministério para os Assuntos Jurídicos, Shao Tianren.

A delegação portuguesa integra o representante diplomático em Pequim, embaixador Octávio Neto Valério, o cônsul-geral em Hong-Kong, Nuno Lorena, o diplomata João de Deus Ramos, um representante da Presidência da República, Carlos Gaspar, um ex-funcionário da Administração de Macau, José Henriques de Jesus e o consultor João Ascensão.

ANUÁRIO VIDEO/86

Um suplemento no seu

Diário de Lisboa

de 23 de Outubro

No mercado português
há cerca de 400 filmes
legalmente editados
em vídeo-cassetes.
Todas as semanas
novos títulos
são lançados.
Seleccionar o que
mais interessa,
torna-se difícil.
O que há no mercado?
Como escolher?

ANUÁRIO VÍDEO/86

Relação, por ordem alfabética e por editoras, dos filmes em vídeo-cassetes legalmente editadas em Portugal, contendo a ficha técnica, comentários críticos e classificação.

Dia 23 de Outubro no

Diário de Lisboa

O Diário de Lisboa propõe-se ajudá-lo!

O «Anuário Vídeo/86»,

(um suplemento, a cores, com 24 págs.)

fornece-lhe as respostas
e vem facilitar-lhe
as opções.

Sem problemas nas pescas

Bancos portugueses em Espanha e novas pontes e fronteiras

— temas da cimeira de Guimarães

As pontes sobre o Minho e o Guadiana, a abertura de delegações de bancos portugueses em Espanha e de um centro cultural espanhol em Portugal, são alguns dos temas a debater na Cimeira do próximo fim de semana, em Guimarães, entre Cavaco Silva e Felipe Gonzalez- admitiu uma fonte próxima da delegação espanhola, que ontem se reuniu em Lisboa com responsáveis portugueses para preparação da agenda do encontro. Por outro lado, uma fonte portuguesa referiu que, pela primeira vez desde há muitos anos, a pesca «não será assunto polémico numa cimeira luso-espanhola».

A fonte portuguesa, ligada à Secretaria de Estado das Pescas, frisou haver já um acordo tácito «sobre quais os interesses comuns entre os dois países relativamente às pescas». Tais interesses, acrescentou o mesmo informador, dirigem-se mais para a «obtenção do maior número possível de licenças para a pesca longínqua do que para conflitos nos mares ibéricos».

Novas fronteiras

A cimeira Cavaco-Gonzalez poderá ainda dar «luz verde» à abertura de cinco novas fronteiras. Do lado português, as novas fronteiras há muito requeridas e desejadas pelas respectivas populações, situar-se-iam em Penamaeor, Monfortinho, Alcoutim, Barrancos e Vinhais.

Em Alcoutim, a fronteira é desejada há cerca de meio século.A população local e mesmo os municípios de S.Brás Alportel, Castro Verde, Mértola, Ourique e Almodôvar reivindicam a abertura de uma ligação fronteiriça com San Lucar do Guadiana.

Quanto a Monfortinho, trata-se de uma fronteira considerada prioritária no Plano Nacional de Turismo dado que serviria as instalações hoteleiras, as termas e a existência de um pequeno aérodromo local.

Relativamente a Penamacor, a mesma comissão regional de turismo da serra da Estrela defende a abertura do posto dando como argumento importante o «aproveitamento cinegético e natural da reserva natural da serra da Malcata, além de ser uma porta de entrada importante de Espanha para a ROT-5, que irá situar-se entre as fronteiras de Vilar Formoso e Monfortinho».

Sobre Barrancos, há que recordar a afirmação em Junho passado do ministro do Plano, Valente de Oliveira, segundo a qual «a fronteira tem que ser aberta, embora seja um problema que não diz respeito só a Portugal».

O mesmo problema têm, mais a norte, em Trás-os-Montes, os habitantes de Vinhais, o último concelho para quem vai do Porto ou de Chaves para Bragança .Há muitos anos que a população se bate pela abertura da fronteira com Manzalvos. Os governdadores da províncias fronteiriças de Bragança e Orense têm a mesma opinião. Resta saber o que decidirão em Guimarães os principais responsáveis dos dois Governos ibéricos.

Durante os incidentes do 1.º de Maio de 1982 no Porto

PSP aceitou indemnizar famílias de mortos

No Tribunal Administrativo do Círculo Judicial do Porto foi ontem adiado o julgamento movido pelos familiares de Mário Emílio e Pedro Vieira, os dois operários mortos por disparos atribuídos à PSP durante uma manifestação promovida pela CGTP-IN, na noite de 1 de Maio de 1982.

Em Tribunal estiveram presentes vários dirigentes da União dos Sindicatos do Porto e um representante do Conselho Nacional da CGTP-IN. A próxima sessão do pleito foi marcada para o dia 14 de Janeiro de 1987, tendo a parte acusada proposto a hipótese de um acordo sobre o montante das indemnizações reclamadas pelos queixosos.

Esta madrugada no Dafundo

Fábrica da "Junex" destruída por incêndio

Um incêndio causado ao que tudo indica por curto-circuito deu origem a milhares de contos de prejuízos ao destruir esta madrugada quase por completo as instalações, no Dafundo, da fábrica de fogões, «Junex».

O sinistro foi detectado cerca das 4 e 25 no 2.º andar do edifício, onde estava instalado o armazém, tendo-se depois propagado à parte restante das instalações, só tendo sido dado como dominado por volta das 6 e 50.

Desmanteladas oficinas de «ratos»

A GNR de Almada anunciou ontem ter descoberto, em Fetal, duas oficinas de montagem e desmontagem de automóveis furtados, tendo detido cinco indivíduos implicados na rede, de apelidos Félix, Reis, Inácio, Vieira e Oliveira.

«Arrependidos do caso FP» proibidos de falar a jornais sobre matéria em julgamento

O Tribunal de Monsanto proibiu os «arrependidos» do «caso FP-25» de prestarem à Comunicação Social declarações sobre matéria em discussão no julgamento do processo. O colectivo indeferiu por outro lado o requerimento da defesa que pedia a suspensão da prisão preventiva de Maria Helena Alcalde Marques e Maria do Céu Pereira Duarte, detidas, como os restantes réus, desde meados de 1984.

A 204.ª sessão do julgamento foi preenchida na sua maior parte pelo depoimento do editor Bruno da Ponte, testemunha arrolada por Otelo, como fundador que foi da OUT (Organização Unitária dos Trabalhadores), e responsável pelas relações internacionais deste movimento.

O despacho do juiz Salvado sobre declarações dos «arrependidos» à Comunicação Social foi resposta a requerimenos iniciais de Romeu Francês, patrono de Otelo Saraiva de Carvalho, e Maria Jorge Pires, advogada de Gobern Lopes, que pretendiam a reinquirição de Macedo Correia e Guedes Monteiro, a propósito de declarações destes a jornais diários.

Nessas declarações, de Macedo Correia ao «Comércio do Porto» em 7 de Setembro passado, e de Guedes Monteiro ao «Correio da Manhã», no domingo e ontem, estes «arrependidos» identificavam a FUP (Força de Unidade Popular), dirigida por Otelo, com as FP-25, em contradição, segundo os requerentes, com anteriores afirmações na instrução do processo e na audiência.

O juiz-presidente determinou também que os entrevistados sejam notificados da «obrigação adicional de em meios de Comunicação Social não se exprimirem sobre matérias em discussão nesta audiência».

Adelino Salvado referiu tomar esta decisão «para que não surjam — disse — configuradas como sendo entrevistas de réus deste julgamento, novas publicações que dêem ou queiram dar conta de posições extra-audiência».

Ao denegar a suspensão da prisão preventiva das rés Maria Helena Alcalde Marques e Maria do Céu Pereira Duarte, requerida pelo advogado João Nabais, o juiz-presidente considerou o facto de serem ambas arguidas de crimes incaucionáveis e não reunirem outras condições previstas na lei para tal suspensão.

O editor Bruno da Ponte referiu nas suas declarações ter participado em Março ou Abril de 1980, na Marinha Grande, no congresso constitutivo da OUT em que foi eleito para a comissão central da organização, e por aquele órgão depois nomeado para o respectivo secretariado.

Bruno da Ponte disse nunca ter ouvido qulquer referência ao Projecto Global durante a sua demorada permanência na OUT.

O julgamento, em que já foram ouvidas todas as testemunhas e declarantes, com excepção dos bispos do Porto e de Setúbal, arrolados pelo padre Manuel Crespo, e até agora faltosos, prossegue hoje com a inquirição de dois técnicos de balística e grafologia da Polícia Judiciária.

Encerrada, com estes últimos depoimentos, a audição dos declarantes, a audiência terá uma interrupção de dias, ainda não fixada, para as partes prepararem as alegações: a nova fase do julgamento.

RANK XEROX

PUBLICITAS

Rede local Xerox XC 24

Existe um cabo que oferece novas perspectivas ao conceito informático das relações entre os equipamentos. É através desse cabo que a Xerox estabelece o diálogo entre equipamentos de diferentes marcas, graças a algo muito simples e económico: o cabo Ethernet. Assim, faça dialogar os computadores profissionais Xerox 6064/65 com o equipamento de que eventualmente já dispuser.

Compartilhe as funções memorizadas nos diversos computadores dos diferentes postos de trabalho. Compartilhe as capacidades do Xerox 4045, o sistema compacto de impressão laser que lhe oferece um grande volume de impressão a baixo custo.

A possibilidade de interligar diversos computadores através da Rede Xerox XC24 concede aos equipamentos interligados todas as funções de uma rede local de micros: correio electrónico, partilha de ficheiros e sistemas de impressão, especificada e limitada por chaves de acesso.

TeamXerox

Informe-se já, através da linha directa ☎ 01-54 04 88

Consigo, caminhamos para o futuro.

Um processo que envolve Força Aérea e Ordem dos Médicos

Capitão morre na Base de Tancos e autópsia diz que foi em Lisboa

Manuel Geraldo

Mercê de uma autêntica batalha, de tenacidade e perseverança, travada ao longo de quase dez anos, contra as malhas da burocracia e do comodismo instituídos na sociedade portuguesa, o procurador judicial Francisco Ribeiro, com cartório em Aveiro, considera ter reunido os documentos e as provas necessárias para demonstrar que o seu filho, capitão Júlio Pires Ribeiro, teria sido assassinado na Base Aérea de Tancos, em 18 de Maio de 1977, e não vítima de uma «hipertrofia cardíaca com possível enfarte de miocárdio» como até agora tem sustentado a versão oficial.

De acordo com a tese que irá defender em Tribunal, o seu filho foi assassinado devido ao facto de ser «um militar com formação de esquerda» e por ter sido «um dos únicos oficiais da base que, durante os acontecimentos do 25 de Novembro de 1975, ficaram ao lado dos revolucionários do Regimento de Caçadores Pára-Quedistas». A morte, por sufocação, terá ocorrido quando o capitão Júlio Ribeiro, sozinho e como era seu hábito quase diário praticava desporto no ginásio da unidade.

Entre os documentos mais «quentes» e controversos reunidos por Francisco Ribeiro contam-se os assinados pela médica responsável pela autópsia, dr.ª Amélia Vaz Cal Baptista Soares, e pela Secção Administrativa da PSP, que referem ter o capitão Júlio Ribeiro falecido no Hospital Militar Principal, em Lisboa, quando o clínico que observou aquele oficial na Base de Tancos, dr. José Telles Rocha, afirma que o mesmo saíra dali já cadáver.

Por outro lado, o relatório da autópsia não refere, estranhamente, a existência de quatro sufusões (manchas sanguinolentas) no rosto do extinto, quando, em declaração à Polícia Judiciária, afirma tê-las assinalado, utilizando os seguintes termos: «Tendo procedido ao exame médico constatei que o capitão Júlio Pires Ribeiro apresentava já sinais clínicos de morte, tendo verificado a existência de «manchas equimóticas» no rosto do cadáver, fenómeno que resulta de um traumatismo vascular supravital, concluindo não terem essas manchas sido produzidas por queda, devido à sua natureza e localização».

De realçar ainda o facto de, nesse seu depoimento, o dr. José Telles Rocha haver dito «não ter ordenado o transporte do corpo, nem saber quem o fez, não ter ordenado quem fosse falar com o agente do Ministério Público da Golegã, nem saber quem o fez, e de não haver na altura na unidade nenhum outro médico para além dele».

Mas o mais grave é que no relatório que assinou, com a data de 4 de Julho de 1977, quando por lei deveria tê-lo feito num máximo de 24 horas após a ocorrência, o dr. José Telles Rocha, na altura oficial miliciano, não referia a existência de sufusões. No entanto, ao ser questionado pela Polícia Judiciária, em 19 de Junho de 1980, já na disponibilidade, o dr. Telles, presentemente médico-cirurgião em Coimbra, diria textualmente: «O relatório médico do exame directo ao cadáver do capitão Júlio Ribeiro foi-me apresentado para assinar passado algum tempo, com data de 4 de Julho de 1977, já dactilografado, sem que eu tivesse participado na sua redacção, nem sido ouvido, nã sendo o mesmo portanto da minha responsabilidade. Assinei-o por uma questão de disciplina militar, contra a qual não quis levantar objecções, embora não concordando com o seu conteúdo, até porque num relatório médico de exame directo terão de constar conclusões retiradas do relatório médico-legal da autópsia realizada no Hospital Militar Principal, na qual nem sequer participei. O dr. José Telles Rocha acrescentaria depois lembrar-se de que o cadáver do capitão Júlio Ribeiro estava vestido com um fato de treino de cor verde, não se recordando se o mesmo apresentava vestígios de arrastamento, admitindo ainda ter dito ao pai da vítima que «apenas depois de passar à disponibilidade poderia falar à vontade».

Capitão da Força Aérea Júlio Ribeiro

Mas de referir que as sufusões seriam também assinaladas, em declarações à Polícia Judiciária, pelo dr. Horácio Briosa e Gala, que revelou ter feito essa observação «quando o corpo estava exposto na Capela do Cemitério Sul da cidade de Aveiro».

Por outro lado, e já em 25 de Fevereiro de 1981 (já na fase do processo de inquiração movido por Francisco Ribeiro) um parecer do Conselho Médico-Legal do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, subcristo pelo prof. dr. Artur Torres Pereira, precisa que «os sinais de anoxia, assinalados no relatório da autópsia, não têm, duma maneira geral, qualquer relação com uma queda por acidente cardiovascular. O parecer do Conselho mostra, por outro lado, surpresa pelo facto de no relatório da autópsia não terem sido feitas referências à presença de lesões graves de arteriosclerose das artérias coronárias da vítima», como seria de esperar caso se tivesse verificado uma «hipertrofobia cardíaca com possível enfarte de miocárdio».

Cadete Cabrita e aspirante Melro

Com base em toda esta vasta documentação, Francisco Ribeiro questionou posteriormente a Ordem dos Médicos sobre o facto da dr.ª Amélia Vaz Cal Baptista Soares ter ignorado no relatório da autópsia a existência de sufusões no rosto do seu filho. Após inquérito, a estrutura presidida por Gentil Martins acabaria por concluir, conforme ofício enviado a Francisco Ribeiro, de que «as manchas que existiam à data do funeral, patentes na fotografia enviada, poderão ter sido causadas por fenómenos de putrefacção consequentes à não refrigeração do corpo». Ora tal hipótese carece de fundamento, face ao depoimento do dr. José Telles Rocha à PJ, ao afirmar ter visto essas manchas no rosto do capitão Júlio Ribeiro, ainda junto ao ginásio da Base.

Outro ponto assinalado por Francisco Ribeiro diz respeito à circunstância de o seu filho ter chegado completamente desnudado ao Hospital Militar principal, tendo entretanto desaparecido o fato de treino e os ténis que usava no momento da sua morte. Em ofício que lhe foi dirigido, em 23 de Abril de 1979, a Polícia Judiciária Militar afirma desconhecer o paradeiro do fato de treino e dos ténis, acrescentando «não haver esperanças de os encontrar».

Para Francisco Ribeiro «os assassinos fizeram desaparecer o fato de treino e os ténis, porque neles existiam as marcas de que o corpo foi arrastado de dentro para fora do ginásio». «O meu filho — disse ao «DL» Francisco Ribeiro — foi dos poucos, se não provavelmente o único oficial de esquerda a permanecer na Base Aérea de Tancos após o 25 de Novembro. Várias vezes, superiores hierárquicos o tinham pressionado, como me alertou, para que passasse à reserva. Como resistisse a essas pressões, foi alvo de processos caluniosos e, finalmente, assassinado por três homens de mão às ordens de «forças negras» da extrema-direita militar, como irei demonstrar em Tribunal, com base nos dados que tenho em meu poder, alguns dos quais ainda não posso revelar por uma questão de estratégia processual e de segredo de justiça».

Tal como tinha acontecido quando, em 25 de Outubro de 1984, abordámos pela primeira vez este assunto, o Estado-Maior da Força Aérea, ao que foi afirmado ao «DL», continua a defender que «a decisão em causa está nas mãos do Poder Judicial a quem compete dar a última palavra». Última palavra que, há que reconhecê-lo, já tarda à semelhançado que vem a acontecer no seio das instâncias judiciárias militares, com os processos igualmente polémicos, relacionados, entre outros, com os casos das mortes do cadete de Artilharia Manuel Cabrita, do aspirante da ForçaAérea Melro, e , mais recentemente do 1.º cabo pára-quedista Valente.

Roubados 1500 contos

Três desconhecidos assaltaram, cerca das nove horas de ontem, um posto de abastecimento de gasolina da Auto-Boavista, em Póvoa de Santa Iria, no concelho de Loures, levando cerca de 1500 contos em dinheiro. Os assaltantes, que fugiram num automóvel em direcção a Lisboa, actuaram encapuçados e armados de ua pistola e de uma caçadeira de canos serrados.

Homem morre "cozido"

Um homem de 48 anos, Manuel Rodrigues Mota, suicidou-se no passado domingo nas Furnas, ilha de S. Miguel, atirando-se a uma «fumarola» (localmente designada por «caldeira»), de onde o seu cadáver foi retirado «cozido». As fumarolas, manifestação exclusiva de regiões vulcânicas — águas ferventes por acção de vapor de água —, são utilizadas nas Furnas para cozinhar pratos típicos da região.

Assassinado à paulada pela irmã e namorado

Em Póvoa de Lanhoso, no distrito de Braga, um jovem de 23 anos foi assassinado à paulada e a pontapé pela irmã e pelo namorado desta, devido ao facto de não estar de acordo com a ligação amorosa existente entre eles.

O crime aconteceu quando, na sequência de uma das frequenes discussões, Joaquim de Jesus Faria Coelho, solteiro, sem profissão, foi agredido até à morte pela irmã, Maria da Glória Faria Coelho, de 17 anos, e pelo namorado, Domingos da Costa Gonçalves, de 29 anos, electricista. Os dois homicidas foram detidos pela GNR.

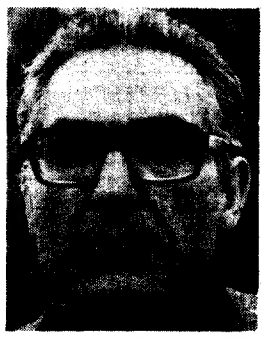
Inaugurada exposição dos 41 anos da Judiciária

A polícia Judiciária iniciou ontem as comemorações dos 41 anos da sua existência com uma exposição aberta ao público nas instalações da Associação de Comerciantes do Distrito de Lisboa, na Rua Castilho, 14.

Inaugurada pelo director adjunto da PJ, dr. Daniel Sanches, a exposição inclui fotografias criminalísticas, painéis sobre tráfico e consumo de estupefacientes, painéis sobre moeda falsa e serviços de telecomunicações, e painéis sobre medidas de segurança nas residências.

As comemorações irão ter o seu epílogo no próximo dia 27 com uma sessão solene presidida pelo Presidente da República.

ARTIGO DE FUNDO



Mário Castrim

«Meu caro senhor

— desculpe estar a incomodá-lo com estas coisas, mas a gente tem de desabafar com alguém, se não dá-lhe para aí algum badagaio.

«Meu caro senhor, eu venho contar-lhe da seguinte maneira.

«Depois de muito labutar e de muito esperar e de muito pedir consegui o lugarzinho de contínuo numa repartição pública. Muito bem. Não é lugar que se possa dizer de muita sorte, mas nos tempos que vão correndo, o que vem à rede é peixe.

«Tratei da papelada toda, e não era assim tão pouca como isso, comecei o serviço e já estava a criar amizades, quando o senhor Fonseca, chefe da Repartição, me mandou chamar. Percebi logo que havia bronca, mas estava bem longe de imaginar o pior...

«— Desculpe lá, Tavares *— diz ele —* **mas tenho a informá-lo de que tem de procurar outro emprego.**

— Porquê, não estão contentes comigo?

— Estamos, Tavares, estamos, o caso não é esse. Desculpe, mas não lhe posso dizer mais nada.

«Eu não percebia, ninguém percebia. Aquilo era o Estado que não queria fazer mais despesas e pronto. Mas a minha mulher, mais dada à luta do que eu, foi ter com a mulher do senhor Fonseca, as mulheres entendem-se melhor umas com as outras, e então soube que o senhor Fonseca estava de posse de uma informação onde eu era dado como 'terrorista'...

«Terrorista, eu? Que raio de coisa! De facto, há anos, tivera escondido em casa um jovem fugido à guerra colonial. Mas daí até ser terrorista, ó Deus, ia uma grande distância...

«Ainda mal me recompunha do choque, eis recebo um telefonema do senhor Fonseca. Era urgente. Precisava de falar comigo. Lá fui.

«Que desculpasse. Tratava-se de um equívoco. De um lamentável equívoco. Sabe como é esta coisa das fichas, às vezes gera confusões...

«Assim foi a minha história. O que eu pretendo, pela muita admiração que lhe tenho, é evitar-lhe surpresas e mágoas. Se alguma vez lhe exigirem que os seus artigos vão à Comissão de Censura, deixe lá, pode ser que seja engano, percebe, estas questões burocráticas...»

Leonor Beleza na Guarda

Mortalidade infantil baixou em Portugal depois do «25 de Abril»

Leonor Beleza afirmou ontem na Guarda que a mortalidade infantil baixou em Portugal depois de Abril de 1974. A ministra da Saúde advertiu, no entanto, para o facto da saúde em Portugal se encontrar pior que a dos países da Comunidade Económica Europeia.

A titular da Saúde, que durante dois dias visitou aquele distrito e que em Vila Nova de Foz Côa inaugurou as obras de remodelação do Centro de Saúde da vila, frisou que o importante esforço feito no sector da saúde nos doze últimos anos se espelha na «baixa sintomática da mortalidade infantil». A propósito da Guarda acentuou que os índices de mortalidade infantil são idênticos aos da média nacional, o que na sua opinião significa que os cidadãos da região têm «razoável acesso aos serviços de saúde».

Classificou de indispensável a colaboração entre os responsáveis do sector (Administrações Regionais de Saúde, Ministério da Saúde e Técnicos de Saúde) e as autarquias locais, com vista à resolução de carências na área da assistência à saúde.

Leonor Beleza disse ser importante que os cuidados a prestar em termos de assistência, nos Centros de Saúde com ou sem internamento, sejam idênticos para todos os portugueses. Aludiu também à necessidade de promover a nível do interior uma adequação de pessoal técnico especializado, sector que disse ser o que mais carece nas áreas do interior do país.

Na oportunidade, Leonor Beleza salientou que, quando se trata de socorrer pessoas em situação de emergência, o que é necessário é que o hospital mais perto esteja em condições de o fazer.

Para Leonor Beleza, aquilo que mais a impressionou no distrito da Guarda, pelas más condições em que funciona, foi o Centro de Saúde da Guarda, e o mais agradável foi o novo Centro de Saúde, com internamentos, em Vila Nova de Foz Côa, com valências para medicina, obstetrícia e pediatria.

O investimento é superior a 150 mil contos

Câmara de Sintra recupera clandestinos

Casal de Cambra, o maior bairro clandestino do país, vai ser recuperado pelo Municipio de Sintra numa operação que envolve um investimento de mais de 150 mil contos — foi ontem anunciado durante uma conferência de Imprensa na edilidade sintrense.

Esta acção insere-se num plano de recuperação dos bairros clandestinos do concelho de Sintra, onde existem cerca de 60 bairros de loteamento ilegal, ocupando uma área de 400 hectares e servindo uma população de mais de 20 mil habitantes.

Os bairros clandestinos do concelho de Sintra estãoi divididos em três tipos, entre os quais os bairros dormitórios, servindo a Grande Lisboa e situados entre os corredores Lisboa-Sintra e Lisboa-Odivelas-Loures.

Estes bairros constituem hoje um verdadeiro contínuo urbano, loteado na maioria ilegalmente, num total de 24 bairros clandestinos e entre os quais o de Casal de Cambra, que ocupa uma área de 175 hectares.

Outro tipo são os bairros que servem as zonas industriais localizadas entre os corredores Lisboa-Cascais e Lisboa-Sintra, onde se aloja, em elevada percentagem, a população trabalhadora das diversas zonas industriais onde estão inseridos.

Finalmente, os bairros localizados na zona rural do concelho, que dão resposta à falta de planeamento da expansão de velhos núcleos rurais, incapazes de responder com urbanizações legais quer ao normal crescimento da população quer às novas necessidades de alojamento decorrentes da instalação de indústrias.

A acção a desenvolver ao nível da Câmara de Sintra de recuperação de bairros clandestinos pode ser definida segundo duas grandes linhas: a contenção do loteamento ilegal e a recuperação urbana.

Segundo os autarcas sintrenses, a contenção do loteamento ilegal será feita servindo-se de todos os meios institucionais ao dispor e levará, inclusive, à demolição das construções que prossigam, uma vez detectadas ou definidas como ilegalizáveis.

A recuperação urbana será procurada através da recuperação e legalização de bairros que oferecem condições para tal, quer através de operações conduzidas pelos moradores organizados, quer através de acção directa do Município de Sintra.

Outra das formas é a viabilização de loteamentos de que a Câmara tenha tomado posse administrativa, sempre que essa acção não choque as directrizes gerais do planeamento municipal.

Neste último caso, todo o processo, desde a apresentação dos estudos urbanísticos à execução das obras é da responsabilidade das respectivas associações de proprietários.

Foi ainda revelado que está a ser feito um estudo de mercado e de rendibilidade de investimento para a aquisição de um parque de máquinas do Município, a utilizar exclusivamente na criação de infra-estruturas sanitárias nos bairros ilegais.

Caso este projecto se concretize, o Município passará a oferecer às associações detentoras de projecto urbanístico e de infra-estruturação o apoio técnico gratuito e as máquinas e materiais a preço de custo.

No âmbito desta acção, é ainda aberta pela primeira vez em Orçamento de Câmara a possibilidade de apoio financeiro, destinado à implementação de estudos de recuperação ou de obras de infra-estruturação.

O financiamento da recuperação dos bairros clandestinos será amortizado pelos proprietários das casas durante 10 anos, prevendo-se que as obras de urbanização se iniciem em Dezembro de 1992.

Algarve voltou a tremer com sismo de grau 5,6

O Algarve voltou a tremer, pelas 14 e 49 minutos de ontem, naquele que foi o mais intenso dos três sismos ocorridos na região nos últimos seis meses. Com a magnitude máxima de 5,6 graus da escala internacional de Mercalli, o abalo foi sobretudo sentido em Portimão, Faro, Lagos e Lagoa, tendo chegado a verificar-se a queda de objectos nas casas mais altas.

Uma fonte do Serviço Distrital de Protecção Civil disse que o Algarve é uma zona de «risco sísmico», salientando o facto de ser atravessado por várias falhas tectónicas desde o Barlavento ao Sotavento. As linhas de fractura mais importantes passam pela Bordeira e Odeceixe atravessando Aljezur, Alter, Salir, Querença e Albufeira, existindo ainda uma outra origem: em Estoi e que, passandopor Tavira, termina em Vila Real de SantoAntónio.

Mas, para além disso o Algarve é também influenciado pela falha tectónica dos Açores, que se prolonga até Gibraltar e que poderá ter estado na origem de mais este sísmico. Contudo, segundo a mesma fonte, existem em Portugal regiões ainda de maior risco sísmico como são os casos de Benavente, no Ribatejo e Messejana, no Alentejo.

O último terramoto de grande intensidade registado no Algarve foi o de Fevereiro de 1969, que, aliás, foi sentido em todo o País.

Arderam seis barracas na Arrábida

Chamas poupam dinheiro e trabalho ao Governo

Um incêndio deflagrou ontem à noite no Portinho da Arrábida e destruiu, em menos de três horas, seis habitações clandestinas da zona do Creiro. É nesta área, de resto, que decorre o trabalho de duas máquinas retroescavadoras e camionetas da Câmara de Setúbal: demolição das barracas que ainda se mantêm de pé, depois de retirados os haveres de quase todas elas.

As chamas que ontem à noite irromperam na Creiro, destruindo seis casas clandestinas, acabaram por vir abreviar a tarefa das duas empresas encarregadas da sua demolição, poupando tempo e dinheiro ao Governo, concretamente à Secretaria de Estado do Ambiente que estima a «Operação Mar-Serra» em vários milhares de contos», como oportunamente o «DL» noticiou.

Os Sapadores Bombeiros de Setúbal acorreram ao incêndio que deflagrou numa das casas clandestinas e se estendeu a mais cinco, entre a praia do Creiro e o Portinho da Arrábida. Além dessas, destruídas pelo fogo, sabe-se que durante o último fim-de-semana, uma centena de ocupantes demoliu as suas próprias barracas. Recorde-se que Carlos Pimenta havia concedido 72 horas de tréguas de modo a permitir aos interessados a total recuperação dos seus haveres, sem quaisquer encargos no seu transporte para local a escolher por todos eles. A própria Secretaria de Estado do Ambiente assumiu a responsabilidade de arcar com os fretes do transporte.

Neste momento, das 658 habitações clandestinas para demolir, apenas faltam demolir cerca de quatro centenas, uma vez que seis arderam ontem à noite, cem foram demolidas pelos próprios donos e 114 haviam sido destruídas pelos «bulldozer» das empresas de construção civil contratadas pelo Governo, durante os três primeiros dias da «Operação Mar-Serra», a uma média diária superior à inicialmente prevista. Tudo indica que dentro de duas semanas a «operação» esteja concluída, como o «DL» admitiu na sua edição de terça-deira última.

Aliás, o secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais confirmou, ontem mesmo, que a «Mar-Serra» deverá estar concluída dentro em breve, uma vez que o Governo havia previsto para a operação uma duração de três meses. Contudo, como numa semana foram destruídas mais de duas centenas, é muito provável que até à próxima semana o Portinho da Arrábida fique «limpo' de «clandestinos».

Ainda sobre o incêndio acima referido: os Sapadores Bombeiros de Setúbal desconheciam esta manhã os motivos do fogo.

A partir de ontem é vedado aos donos das habitações clandestinas que não retiraram os seus haveres no passado fim-de-semana, fazê-lo, porquanto o prazo dado para o efeito — inicialmente fixado em 70 dias por edital e depois prolongado por mais três dias — já terminou.

Mais duas entregas de reservas em Beja

O Governo entregou na sexta-feira, a dois agrários, 574 hectares de terras pertencentes à Unidade Colectiva de Produção (UCP) «Planície Dourada» e a 20 pequenos agricultores — afirmou hoje o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas e o secretariado das UCP's de Beja.

Em comunicado, aquelas duas organizações dizem que a entrega foi feita com a participação da GNR com dez jipes, guardas a cavalo e cães. Os referidos 20 pequenos agricultores ocupavam 144 hectares que lhes tinham sido cedidos pela UCP aquando da ocupação das terras, dizem.

O Sindicato e o secretariado das UCP's de Beja acrescentam que no dia 10 de Outubro o Governo entregou a oito pessoas 1 942,5 hectares de terras destruindo por completo a Unidade Colectiva «Pioneiros da Reforma Agrária».

Aquelas organizações dizem que «o Governo tira terras à Reforma Agrária para as entregar a falsos agricultores» com o «objectivo de destruir a Reforma Agrária e reconstituir por completo os latifúndios».

Anunciam que dia 24 de Outubro se concretizará uma paralisação do sector da Reforma Agrária no distrito de Beja, com concentrações, vigílias e distribuição de documentos em diversas localidades, para exigir a demissão do «Governo que pretende destruir os nossos postos de trabalho, a nossa agricultura».

Em suplemento «DL» no dia 23 de Outubro

ANUÁRIO VÍDEO 86

No mercado português há já mais de 400 filmes editados em video-cassetes. Todas as semanas novos títulos são lançados. Seleccionar o que mais interessa, torna-se difícil.

O «DL» propõe-se ajudá-lo

O «Anuário Vídeo 86»
(um suplemento, a cores, com 24 págs.)

vem facilitar-lhe as opções

O que há no mercado?
Como escolher?

O «Anuário Vídeo 86»

fornece-lhe as respostas!

Dia 23 de Outubro na edição normal do seu «DL»!

Templários, para que os contemplem

Rogério Vidigal

Pronto, nasceu mais uma Região de Turismo, a dos Templários, e, para nós, fez a sua prova de fogo, ontem, no VI Festival de Gastronomia em Santarém. Nascida ao arrepio das divisões administrativas tradicionais, a novel estrutura turística baseou-se nas especialidades dos seus vários concelhos (Ferreira do Zêzere, Mação, Oleiros, Sertã, Tomar, Torres Novas, Vila do Rei e Vila Nova da Barquinha) para marcar uma presença fortemente positiva.

Temos, assim, a prova provada de que a união faz a força e o aproveitamento das tradições do nosso povo são suficientes para dar alta nota, seja à mesa, como é o caso, ou no artesanato, verificável nas arcadas da Casa do Campino, ou em tantas outras vertentes que não vêm agora para o caso.

O segredo, no caso da ementa de ontem, está na feliz escolha dos produtos, e pratos que eles porporcionam, característicos de cada região.

Vejamos, começando por duas especialidades que certamente muitos portugueses desconhecem, apesar da divulgação ultimamente dada aos problemas da gastronomia: como pratos fortes figuravam, ontem, na ementa do dia da Região dos Templários, os maranhos à moda da Sertã e o cabrito estonado, ambos espécimes únicos no nosso receituário tradicional.

Os maranhos, «construidos» a partir do buxo do carneiro, recheados de arrroz e enchidos, mas fortemente marcados pelo aroma e paladar da hortelã, são um exemplo. O cabrito estonado, preparação totalmente diferente deste animal, é outro ponto a ter em conta, neste raciocínio. Para que o leitor tenha uma ideia, o cabrito estonado não é esfolado mas sim pelado, depois de mergulhado em água quente e o produto final acaba por ser um preparado tipo leitão. Em ambos os casos, ontem, os cozinheiros ao serviço da Região dos Templários obtiveram bons resultados finais.

Mas a ementa dos Templários era ainda significativa e de qualidade nas restantes vitualhas. Logo as entradas (folha de couve), com as passas de nozes e amêndoas de Torres Novas, mais o presunto de Mação, o chouriço de Vila de Rei e pão dos Brazões e broa da Macieira, deram boa conta do recado.

Há que somar aqui uma tábua de queijos, de vários tipos e regiões, alguns deles inidentificáveis, mas de modo geral a nível aceitável, entre os quais merece destaque um do tipo Castelo Branco.

Para aquecer os estômagos, os pratos fortes de carne tiveram o prelúdio de uma sopa de peixe à moda de Vila Nova da Barquinha, rescendente dos perfumes de coentros e de hortelã mas que para nós se perdia um pouco na escolha dos peixes e consistência. Mas, cada terra com seu uso...

Por fim, a fechar, a fruta de Poença-a-Nova e os doces (Cavacas de Mação e Fatias de Tomar). Quanto aos vinhos, vieram o Calum da Floresta, não digno de qualquer menção especial, e os brancos e tintos de Tomar, ao nível que já lhes granjeou um consumo certo e fiel.

Em resumo, a Região dos Templários, mais as suas albufeiras como fazem questão de incluir nos folhetos turísticos, deram boa conta de si. Para que conste e frutifique.

Resta darmos notícia dos programas para os dois próximos dias. Assim, hoje é o dia da Região Centro (Coimbra), com as seguintes promessas: sopa de puré de feijão, tibornada, nos peixes e buxo recheado, nas carnes. Aos doces, dirão de sua justiça as barrigas de freira, o pudim de ovos, o manjar branco e os pastéis de Santa Clara. Os vinhos respondem pela região.

Para amanhã está marcado encontro com o Verde Minho.

Tronco inclinado, olhos cansados: de um trabalho de paciência e engenho vai nascendo um bordado para dar vida e história a uma toalha

As receitas do dia

Patrocínio GALPgás

uma chama mais viva

Maranhos

Ingredientes: o bucho de um carneiro; quilo e meio de carneiro; 300 gramas de presunto entremeado; um chouriço; um dente de alho; 3 decilitros de vinho branco; salsa; hortelã; um quilo de arroz; dois decilitros de azeite.

Confecção: depois de arranjado o bucho, corta-se em bocados que se cozem com a forma de pequenos sacos. A carne, o presunto e o chouriço são cortados miudamente e misturados com os dentes de alho, muito picados ou macerados no almofariz com sal. A completar, vão igualmente o vinho branco, o azeite, o arroz, devidamente lavado, mas cru, e a salsa e hortelã cortadas muito fino. Deixa-se tudo a tomar gosto. Com a mistura enchem-se os sacos, mas não completamente, dada a previsível dilatação do arroz. A abertura é fechada com agulha e linha. Segue-se a cozedura, em água temperada com sal. O ponto certo é avaliado empiricamente, ou seja, com o recurso ao garfo, para ver quando o bucho está bem cozido. Depois untam-se com azeite os sacos e levam-se ao forno para alourarem. Para levar à mesa cortam-se em fatias e servem-se com salada.

uma chama mais viva
GALPgás

Bordados

As linhas que a vida tece

Sobre uma superficie de linho, delimitam figuras, preenchem os espaços a pontos vários de cores garridas. Sentadas em cadeiras baixas, tronco inclinado, olhos cansados, as bordadeiras vão construindo as peças. Mas, para além do trabalho fica a história, o motivo da opção. E, então, os bordados são o refúgio para as linhas que a vida tece.

«Eu não exploro ninguém, quem faz o preço são elas, e muitas vezes quando acho que o trabalho está perfeito ainda consigo dar mais do que estava tratado», refere Maria Pinto Rego, que em Amarante centraliza a «produção» de bordados.

A «mulher de negócios», também ela capaz de pegar num pano e trabalhá-lo, demarca-se, assim, do estigma que se associa a quem centraliza o trabalho de outros.«Há quem trabalhe na perfeição, e há quem trabalhe sem essa preocupação, e se for possível dão meia dúzia de tostões à bordadeira», critica.

No seu caso, as margens de lucro são definidas e anunciadas com à vontade. Um saco para guardanapo, memória de infância de muitos de nós, «fica por 320 escudos e estou aqui a vendê-los por 390». «Este é um trabalho feito em cooperação, pois uma saca de guardanapos passa por três mãos», prossegue. «Isto é tudo feito à base do trabalho caseiro, mas eu tenho pessoal a trabalhar sob a minha orientação», revela Maria Pinto Rego.

Neste esquema de trabalho vai sendo bordada uma panóplia de panos que, depois de enfeitados, dão colorido e um outro valor a jogos de cama, toalhas de mesa ou a simples sacos de pão. Das iniciais do utente, estilizadas sobre um motivo qualquer, que os sacos de guardanapo ostentam, ao trabalho mais complexo que ornamenta lençois, o percurso é, na base, o mesmo: imaginação e muita, muita paciência.

Um mercado em expansão

A colocação no mercado é fácil. A par dos nacionais, os estrangeiros, assaltados à porta dos hoteis ou frequentadores de lojas da especialidade, já com gosto definido, dão vazão ao engenho e arte das bordadeiras. «Vendo bastante aos estrangeiros, mas os meus clientes são mais nacionais, gente de uma classezinha mais ou menos...», refere. «É a classe média que compra, pois as peças mais vistosas são caras, como as toalhas de mesa, a 19 contos, e não é qualquer pessoa que pode comprar».

Embora compradores não faltem, «a gente jovem não trabalha nisto, e têm razão, pois não há possibilidade de lhes dar caixa, e elas ganham mais nas fábricas, sobretudo nas de calçado».

No entanto, na história de Maria Pinto Rego, os bordados não são apenas um modo de vida, foram também o arranque para superar um percurso de dificuldades, colocadas em quadras, hierarquizadas pelos anos, marcas e acidentes.

Um meio feliz de vencer as linhas que a vida tece.

com
APETITE · APETITE
apetite mais saboroso

Colóquo na Gulbenkian durante três dias

«Cultura e Informação no sector público de Comunicação Social»

«Cultura e Informação no sector público da Comunicação Social» é um colóquio que de hoje até 23 do corrente, organizado pelo Conselho de Comunicação Social, decorre na Fundação Calouste Gulbenkian.

Esta manhã, abrindo o colóquio, efectuou-se uma mesa-redonda, subordinada ao tema «O sector público da Imprensa escrita portuguesa — uma experiência original na CEE».

Uma comunicação foi apresentada por José Pedro Castanheira, presidente do Sindicato dos Jornalistas, tendo desempenhado o papel de moderador Margarida Ramos de Carvalho, vice-presidente do Conselho de Comunicação Social.

Sobre o tema em questão, seguiu-se um painel em que intervieram António Pedro Ruella Ramos (presidente da Associação da Imprensa Diária e director do «Diário de Lisboa»); José Rebelo (membro da Associação da Imprensa Estrangeira); Fernando Cascais (vice-presidente do Conselho de Imprensa); Dinis de Abreu (director do «Diário de Notícias») e Manuel Gusmão (membro do Conselho de Comunicação Social).

De tarde, está a processar-se uma «Introdução ao colóquio pelo presidente do Conselho de Comunicação Social», seguindo-se depois uma mesa-redonda tendo como base o tema «A experiência europeia de informação nas televisões públicas».

O tema será apresentado por Peter Ibbotson (adjunto do director de programas da BBC), sendo moderador Mário Mesquita (membro do Conselho de Comunicação Social).

Um painel para tratamento do tema agrupa os nomes de Mário Crespo (direcção de Informação da RTP), Cesário Borga (presidente da Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas), João Soares Louro (administrador da Cinevoz e ex-presidente da RTP) e Artur Portela (presidente do Conselho de Comunicação Social).

Hoje, o colóquio decorre no Auditório 2 da Fundação Gulbenkian.

«A Rádio como serviço público» será o tema da mesa-redonda de amanhã de manhã (9 e 30), actuando como moderador Margarida Ramos de Carvalho (vice-presidente do Conselho de Comunicação Social). Local: Auditório 3.

No painel que pormenorizará o tema em questão, intervirão Adriano Duarte Rodrigues (professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Nova de Lisboa), Eduardo Oliveira e Silva (director de Informação da RDP-Antena 1), João Soares (representante do CR da RDP-Antena 1) e Pedro Themudo de Castro (membro do Conselho de Comunicação Social).

Ainda de manhã, será abordado um outro tema (às 11 e 45), «A Experiência dos Conselhos de Redacção na Imprensa Pública», tendo como moderador Pedro Themudo de Castro, e como argumentadores, no respectivo painel, João Paulo de Oliveira (do CR do «Diário Popular»), Júlio Sereno Cabral (do CR do «Primeiro de Janeiro»), Rui Osório (membro do Conselho de Imprensa) e Mário Mesquita (membro do Conselho de Comunicação Social).

Após o almoço, efectua-sde, a partir das 14 e 30, uma mesa-redonda subordinada ao tema «A resposta do sector público de Comunicação Social ao desafio cultural», sendo a comunicação de Natália Correia (membro do Conselho de Comunicação Social) e actuando como moderador Manuel Gusmão.

Finalmente, quinta-feira, dia 23, no Auditório 3, a manhã abre com uma mesa-redonda (9 e 30) subordinada ao tema «As televisões públicas, a defesa das culturas nacionais e os direitos das minorias», moderando aqui Artur Portela — e sendo o painel constituído por Hellen Britton (Televisão Pública Norte-Americana WNET-Nva Iorque), Miguel Angel Molinero (subdirector do Gabinete Técnico da TVE), António Braz Teixeira (Conselho de Gerência da RTP) e Ernesto P. Braun (director da Europa Television).

De tarde (às 14 e 30), outra mesa-redonda: «Que futuro para o sector público de Comunicação Social?»

Será moderador Mário Mesquita, compreendendo no painel os nomes de Nelson Traquina (director do Departamento de Comunicação Social da Universidade Nova), Salvato Trigo (director da Escola Superior de Jornalismo do Porto), Fernando Diogo (vice-presidente da Direcção do Sindicato dos Jornalistas), Adelino Cardoso (membro do Conselho de Imprensa) e Margarida Ramos de Carvalho (vice-presidente do Conselho de Comunicação Social).

Ao fim da tarde, pelas 17 horas, serão apresentadas as conclusões pelo presidenmte do Conselho de Comunicação Social.

Jornalista nomeado subdirector do «Primeiro de Janeiro»

O jornalista Abílio Marques Pinto foi nomeado para o cargo de subdirector do jornal «O Primeiro de Janeiro» — indicou à Anop uma fonte deste matutino portuense.

A nomeação foi comunicada oficialmente pelo Conselho de Administração aos trabalhadores da empresa, no seguimento de uma proposta da directora do jornal, Agustina Bessa Luís, com o parecer favorável do Conselho de Redacção.

O jornalista Abílio Marques Pinto, de 55 anos, é também redactor da delegação do Norte da Anop.

TOURO

Texto: ABEL NEVES
Encenação: JOÃO MOTA
3.º MÊS
TERÇA A SABADO AS 21.30 H
DOMINGO AS 17 H
veja teatro a preços reduzidos
TERÇA • QUARTA • QUINTA
PREÇO UNICO - 150.00
PR ESPANHA (T 726 0818)
SLB M/12 A
APOIO GULBENKIAN E COMERCIAL

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 68/86

«FORNECIMENTO E MONTAGEM DE UMA CENTRAL DE RECEPÇÃO DE ALARMES E RESPECTIVO SISTEMA INFORMÁTICO DE TRATAMENTO DE DADOS»

Faz-se saber que durante o prazo de 20 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República», são aceites na 1.ª Repartição-Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnicos-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente ao Fornecimento acima indicado, com a base de licitação de 10 000 000$00. (Processo n.º 15/86/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 250 000$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais. agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concurso para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/960.

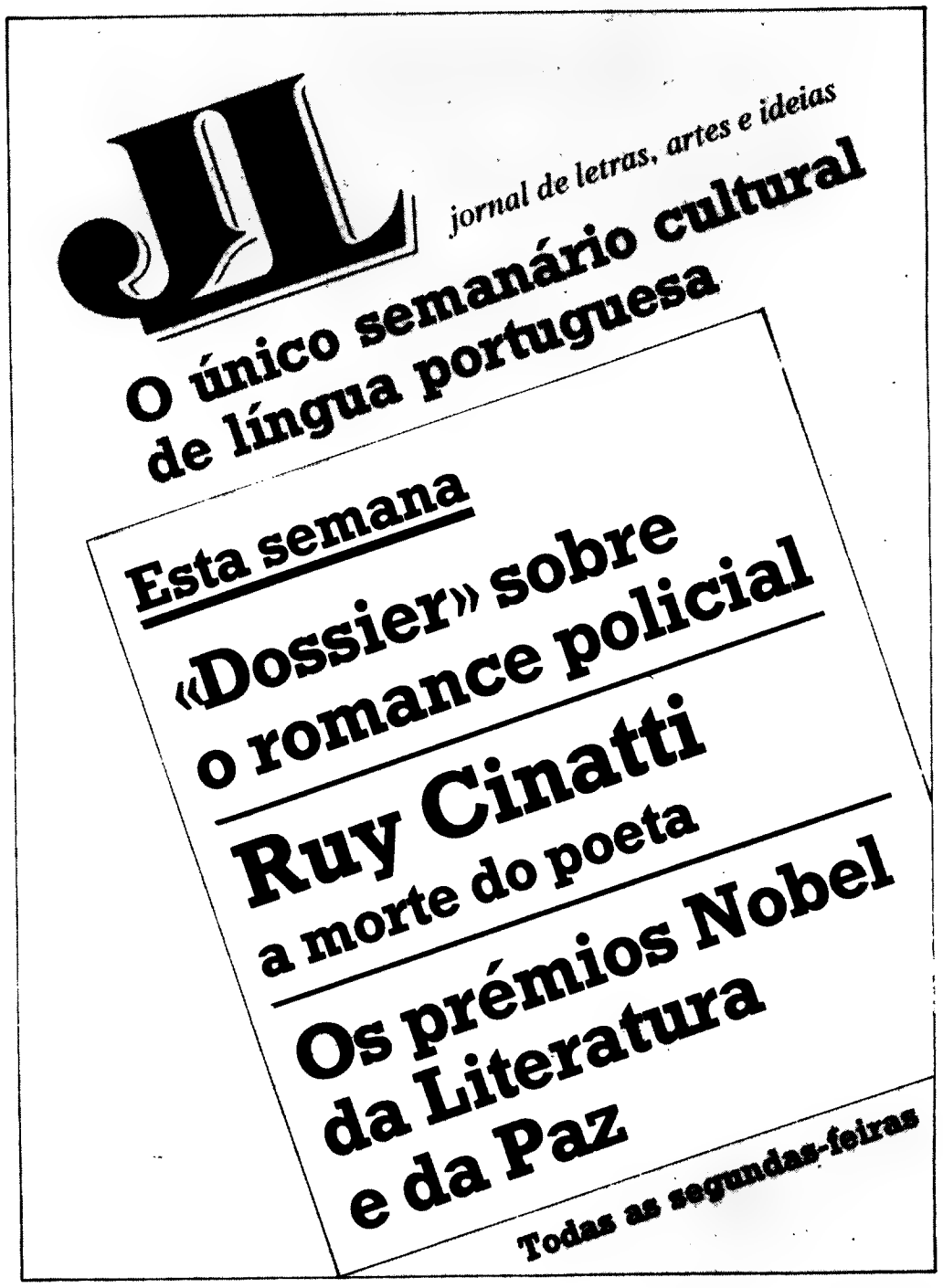
O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, no Batalhão de Sapadores Bombeiros de Lisboa, sita na Avenida D. Carlos I – Lisboa, das 9,30 às 12 e das 14,30 às 17,30 horas, onde se prestam todos os esclarecimentos técnicos, bem como a venda do respectivo caderno de encargos.

Também estão patentes as peças do referido concurso na 1.ª Repartição-Armazéns e Imprensa Municipal, Avenida 24 de Julho, 171, dentro das horas de expediente.

A abertura das propostas realiza-se às 15 horas no primeiro dia útil que se seguir ao tempo de prazo fixado neste anúncio. (O sábado não é considerado dia útil).

Paços do Concelho de Lisboa, em 6 de Outubro de 1986

O Presidente da Câmara Municipal,
Nuno Krus Abecasis



O corpo de uma das 33 vítimas do desastre.

A morte de Samora Machel

Hipótese de atentado tend ser afastada por investigad

O corpo do presidente já se encontrava em Maputo quando o número dois da Frelimo, Marcelino dos Santos, comunicou oficialmente a morte de Samora Machel e decretava o luto nacional por um período de 60 dias. No comunicado então divulgado, o governo e o partido declaravam que o avião onde seguia Samora se despenhou em «circunstâncias ainda não esclarecidas». Investigadores e jornalistas que se deslocaram ao local do acidente adiantaram, entretanto, que os factos já conhecidos apontam mais para um erro do piloto do que para a hipótese de um atentado.

O corpo do presidente moçambicano Samora Machel, que morreu domingo no despenhamento do avião em que seguia de Lusaca para Maputo, chegou ontem à tarde à capital moçambicana. A chegada dos restos mortais do presidente, juntamente com os corpos de outras três vitimas do acidente, verificou-se antes mesmo de em Moçambique ter sido anunciada oficialmente a morte do presidente da República.

O anuncio oficial só se concretizou ao princípio da noite quando Marcelino dos Santos, numero dois da Frelimo, leu aos microfones da rádio nacional um comunicado conjunto do governo e do partido.

A partir desse momento era decretado em Moçambique luto nacional por um periodo de 60 dias. O documento conjunto do Bureau Politico, Comissão Permanente da Assembleia Popular e Conselho de Ministros, considera que o avião presidencial se despenhou «em circunstâncias ainda não esclarecidas».

«O presidente Samora Machel regressava de mais uma missão para o estabeleviemnto da paz na África Austal e o desenvolviemnto da cooperação regional», diz o comunicado que acrescenta: «o povo moçambicano tem a tradição heróica de sempre saber resistir às maiores tragédias que sobre ele se abatem».

Um segundo comunicado lido na rádio durante a noite dá conta dos restantes 32 mortos verificados no acidente. As comunicacões oficiais surgiram depois de um dia de discussões de alto nível e várias horas depois do resto do mundo ter sido informado pela África do Sul da ocorrência do desastre. A Rádio de Moçambique transmitiu música solene durante todo o dia depois do anuncio do desaparecimento do presidente feito de manhã. Mas rumores de que Machel perecera no desastre espalharam-se em Maputo durante o dia de ontem e grupos de pessoas choravam nas ruas a sua morte.

No helicóptero da Força Aérea Moçambicana que transportou para Maputo os restos mortais do presidente, seguiram também os corpos de outras rês vitimas do acidente: Alcântara Santos, ministro dos Transportes e Comunicações, Aquino de Bragança, director do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane e conselheiro pessoal do presidente, e Fernando Honwana, assistente pessoal do presidente.

No mesmo helicóptero seguiu também um dos sobreviventes do acidente, Fernando Manuel, chefe de escolta presidencial. Para além de Fernando Manuel existem outros nove sobreviventes, entre os quais o piloto soviético do avião Tupolev que transportava Samora Machel.

Caixas negras recuperadas

Equipas de socorro moçambicanas e sul-africanas trabalharam durante a noite para libertar os dois últimos corpos dos destroços do avião em que faleceu Samora. O corpo do presidente foi encontrado na segunda-feita perto da cauda parcialmente intacta do Tupolev que o transportava de Lusaca, onde participou numa conferência dos países da Linha da Frente.

Testemunhas no local do acidente revelaram que o corpo de Machel se apresentava bastante mutilado e quase irreconhecivel.

Entretanto, a recuperação pelas autoridades sul-africanas das duas caixas negras do Tupolev presidencial e a existência de sobreviventes podem contribuir decisivamente para esclarecer as circunstâncias do acidente.'

Um dos sobreviventes disse já que os passageiros foram avisados para apertarem os cintos a fim de se prepararem para a aterragem e que o avião efectuava uma descida normal quando se ouviu um som «como um tiro» e as luzes se apagaram. Segundos depois despenhou-se em território da África do Sul e a poucas centenas de metros da fronteira moçambicana.

A recuperação das duas caixas negras foi ontem anunciada pelo ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha, em co pnferência de imprensa. O ministro convidou os jornalistas presentes a deslocarem-se ao local do acidente para observarem os restos do avião.

Erro humano?

Os jornais sul-africanos revelam nas suas edições de hoje que o piloto soviético que dirigia o Tupolev 134A de Machel pode ter tomado erradamente as luzes de uma pequena cidade sul-africana, Komatipoort, pelas de Maputo, momentos antes de embater contra uma montanha.

Fontes do governo sul-africano revelaram a dois jornais que o piloto afirmou que havia sido derrubado, mas investigadores que se encontram no local referiram que a causa do acidente havia sido um erro do piloto.

« Aparentemente, o piloto tomou erradamente as luzes de Komatipoort pelas de Maputo», disse um reponsável aos jornalistas no local do acidente. « Em vez de virar para leste em direcção a Maputo voltou para ocidente

Os destroçoas do Tupolev presidencial. Investigadores dizem que o acidente se deveu a erro humano.

A questão da sucessão

A questão da sucessão de Samora Machel está adiada por sessenta dias, o período de luta nacional decretado em Maputo. Durante este interregno, os dirigentes moçambicanos analisarão e debaterão o problema, mas nada transpirará para o exterior

Mário Machungo, como primeiro-ministro, assegurará os negócios correntes do país e Marcelino dos Santos manterá o controlo do partido e a representação exterior do Estado. Acima destes dois homens, o Comité Permanente da Frelimo zelará pela continuidade do regime e da linha política de Samora Machel.

Esta imagem de tranquilidade não tem, porém, correspondência com o que se passa nos bastidores.

A morte de Samora Machel ocorre num dos momentos mais graves da história recente de Moçambique como país independente, a qual não se compadece com esperas muito longas. Os dirigentes moçambicanos sabem-no e, por isso, nos bastidores do poder, as movimentações já começaram.

Três nomes suscitam, desde já, as atenções da generalidade dos observadores: **Marcelino dos Santos**, nº 2 da Frelimo desde os tempos da luta armada, **Joaquim Chissano**, que nos início dos anos 70 regista uma subida vertiginosa nos órgãos dirigentes do então movimento e é escolhido para chefiar o governo de transição, em 74/75, e **Mário Machungo**, um economista formado em Portugal, que adere à Frelimo pós-25 de Abril e ascende rapidamente ao Comité Permanente e à direcção do Governo, como primeiro-ministro.

Marcelino dos Santos, com 65 anos, poderá ser uma solução «à soviética», uma espécie de Tchernenko que garanta a continuidade da política de Samora Machel até que um líder mais novo desponte em situação de consenso. Nunca será uma solução a longo prazo, mas apenas um líder de transição.

Joaquim Chissano, na casa dos 40 anos, uma homem da luta armada e um político moderado, com vasta experiência no campo das relações internacionais, será o homem para garantir a continuação da política pragamática prosseguida por Samora Machel nas relações internacionais de Moçambique. Goza de considerável prestigio no país e no estrangeiro e tem o «background» indispensável, ou seja, a participação na luta armada. Carece, no entanto, de alguns apoios importantes no sector militar, que durante o período de transição para a independência o acusou frequentemente de falta de firmeza.

Mário Machungo, também na casa dos 40 anos, deve a sua nomeação para primeiro-ministro a um compromisso de Samora Machel com a ala mais radical da Frelimo. Membro do Comité Permanente, apesar de não ter participado na guerra de libertação, goza da simpatia do sector político-militar. A sua formação académica posiciona-o favoravelmente para enfrentar um dos aspectos da crise que Moçambique enfrenta — a economia —, mas carece de experiência no no campo das relações internacionais.

Estes os três nomes em foco. Mas a escolha será, necessariamente, díficil.

E.R.

de a adores

rumo ao espaço aéreo sul-africano», referiu.

Komatipoort localiza-se no lado sul-africano da fronteira, cerca de 80 quilómetros a ocidente de Maputo.

Investigadores dizem que o despenhamento aconteceu após uma tentativa falhada para aterrar em Maputo. Acrescentaram que o piloto falhou a primeira tentativa de aproximação para aterragem e fez um voo em circulo para efectuar uma nova.

Um controlador do tráfego aéreo em Maputo afirmou que o piloto havia comunicado que já avistava a pista quando pretendia fazer a segunda tentativa e momentos depois comunicou que a «havia perdido».

Os controladores disseram-lhe, então, para fazer uma aproximação com base nas indicações fornecidas pelos instrumentos, mas o piloto respondeu que não podia captar os rádio faróis do aeroporto de Maputo.

Pilotos que operavam na faixa aérea próxima de Komatipoort revelaram que o acidente ocorreu durante una violente trovoada, que poderá ter afectado os instrumentos do aparelho.

Segundo o jornal « Citizen», este mesmo piloto perdeu-se no ano passado quando efectuava um voo de Maputo para o aeroporto de Lanseria, em Joanesburgo.

Entretanto, Pretória e Maputo marcaram hoje conversações a fim de constituir uma comissão de inquérito conjunta sobre o acidente.

Polícias sul-africanos transportam os corpos das vítimas do acidente aéreo.

O ministro sul-africano dos Negócios estrangeiros e outros membros do governo sul-africano chegam ao local do acidente. Pode-se ver atrás o helicóptero que transportou os restos mortais de Samora para Maputo.

Um lider, um pai

Passados quase dois dias sobre a morte de Samora Machel e de outros dirigentes moçambicanos as consequências da tragédia assumem a sua real e trágica dimensão.

As interrogações sobre o futuro de Moçambique sem o seu presidente multiplicam-se. De acordo com a Constituição da República moçambicana o sucessor de Machel deverá ser designado pelo Comité Central da Frelimo.

A Constituição estabelece também que até à nomeação de um novo presidente as suas funções serão imediatamnete assumidas pelo Comité Central.

Funcionários norte-americanos, diplomatas e analistas dão conta do nervosismo com que Washington recebeu a notícia da morte de Machel. O presidente era considerado como uma importante influência moderadora na África Austral e a Casa Braca teme agora que um lider fortemente pró-soviético venha a tomar o poder.

Com o desaparecimento de Machel, Moçambique perde na verdade um lider carismático, um pai, e o grande referencial sólido da unidade deste país , cujas estrururas económico-militares se encontram à beira das derrocada.

Machel desaparece também numa altura em que estavam a ser preparadas novas conversações entre Pretória e Maputo.

O falecido conselheiro do presidente, Aquino de Bragança, tinha uma deslocação prevista a Pretória na próxima semana a fim de se encontrar com o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha, para uma tentativa de melhoria das relações entre os governos dos dois países, revelaram fontes oficiais em Joanesburgo.

As relações bilaterais foram recentemente abaladas por acusações mútuas da violação do acordo de Nkomati, assinado pelos dois países no inicio de 1984.

O avião que levou à morte o presidente Machel e a sua comitiva caiu precisamente numa área próxima do local onde os dirigentes de ambos os países firmaram aquele acordo.

«Pontaria» nas previsões

Não era ainda conhecida a notícia do «acidente» do avião que transportava o líder moçambicano e já um matutino ideologicamente rival de «o dia» circulava em direcção às bancas e quiosques com um artigo de opinião intitulado «Frelimo : os dias contados? ». O texto, além de insinuar que a Renamo «logrou estender a sua actividade operacional a todo o território», indicava que «quer Pretória, quer o Malawi, parecem no ponto de abrir hostilidades contra Machel...», para acrescentar que «esta é uma conjuntura muito perigosa para a Frelimo, cujo regime nunca esteve tão vulnerável à mercê quer da boa quer da má vontade do estranhíssimo ramalhete dos seus amigos e inimigos, pouco ou nada podendo fazer, por si, para assegurar a sobrevivência».

Não foi, claro, esta «pontaria», de um jornal tão amigo da Renamo e da Unita (e saudoso, certamente, do «império» salazarista), que abateu o avião que conduzia Samora Machel. O avião, que circulava em espaço aéreo controlado pelo regime racista,poderá ter tombado, obviamente, por obra e graça de outros «disparos»...E, hoje, o próprio matutino(tal como a Rádio Vaticano),admite a hipótese de o avião ter sido abatido pela Renamo ou pelos sectores militares mais radicais de Pretória.

Na edição do passado dia 17, antevéspera da queda do aparelho, publicava o DL um comentário do director da AIM(Agência de Informação de Moçambique), Carlos Cardoso, que admitia a hipótese de Samora vir a ser um dos alvos a abater pelos militares sul-africanos.«Observadores em Maputo-escrevia Carlos Cardoso-afirmam que o assassinato do líder moçambicano parece estar na agenda dos chefes militares de Pretória».

Como indícios de uma tal hipótese, referia o jornalista a tentativa de implicação,por parte da Rádio sul-africana, do Presidente de Moçambique nas FP-25 portuguesas, comparando-o a Kadhafi.«Sem dúvida uma forma clássica de fazer anteceder um assassinato por uma campanha de propaganda que leve à aceitação pública do assassinato»,frisava ainda Carlos Cardoso que citava também alguns artigos da Imprensa sul-africana apontando para a chegada imediata ao poder da Renamo.

Sabe-se, por históricos e recentes exemplos,que certas acções ou actos são geralmente precedidos de uma adequada ou conveniente preparação político-informativa. Quem recordar os atentados que há não muito tempo vitimaram Torrijos(líderdo Panamá,cujo avião também se perdeu numa «tempestade.»...), Indira Ghandi e Olof Palme, poderá comprovar como uma impressionante máquina de propaganda invadíu jornais e outros orgãos de Informação a nível mundial papagueando dificuldades internas ou duvidosos compromissos internacionais daqueles prestigiados e não-alinhados dirigentes.

Samora era um dirigente prestigiado, um revolucionário consequente, que cometeu o «crime» de querer um país igual para todos os moçambicanos, de rejeitar o «apartheid» e de se entender com ocidentais e com soviéticos.

Já se especula, aqui e além, sobre a sucessão do destacado dirigente de Moçambique, já se fala da Renamo como interlocutor legítimo, já os atrasados da História sonham com regressos a vivendas e a criados para todo o serviço. Enganam-se, certamente. A direcção da Frelimo é constituída por homens sérios, temperados pela luta e desejosos de empunhar e erguer bem alto a bandeira anti-racista e anti-imperialista do saudoso líder.

E a comprovar-se o atentado, da Renamo ou de Pretória(duas faces, afinal,da mesma moeda), será ainda interessante observar as reacções ou acções do cruzado «anti-terrorista», Ronald Reagan, e dos seus parceiros da CEE ou de Tel-Aviv. Sem esquecer, claro, a posição do actual Executivo português tão benovelente para grupos financiados e armados por Pretória, que raptam e matam em Angola e Moçambique indefesos cidadãos portugueses...

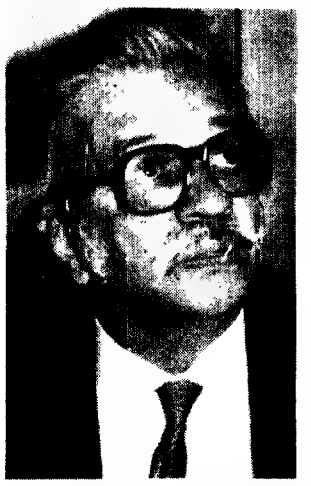
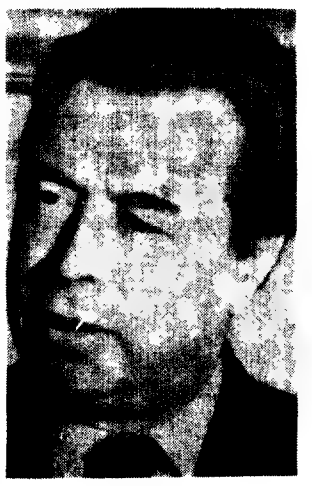
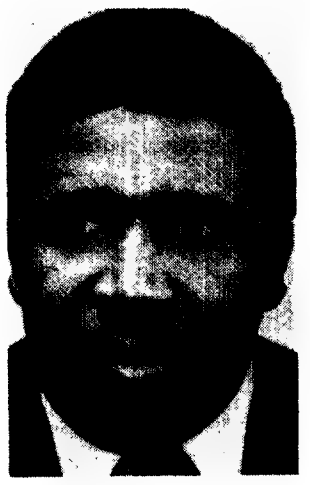
EA

Lista das vítimas

1-Samora Moisés Machel, Presidente da R.P.M.
2-Alcântara Santos, ministro dos Transportes e Comunicações
3-José Carlos Lobo, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros
4-Aquino de Bragança, director do Centro de Estudos Africanos
5-Fernando Honwana, assistente pessoal do Presidente
6-Alberto Cangela de Mendonça, chefe do protocolo nacional
7-Muradali Mamadhussen, secretário particular do Presidente
8-João Tomás Navesse, director adjunto dos assuntos políticos e consulares do Ministério dos Negócios Estrangeiros
9-Ivete Amos, secretária do Presidente
10-Osvaldo de Sousa, intérprete de inglês
11-Bernardino Chiche, intérprete de francês
12-Gulamo Khan, adido de Imprensa da Presidência
13-Daniel Maquinasse, fotógrafo da Presidência
14-Parente Manjate, funcionário da Presidência
15-Nacir Charamadane, funcionário da Prewsidência
16-Adão Nhoca, funcionário da Presidência
17-Eduardo Viergas, funcionário da Presidência
18-Albino Falteira, funcionário da Presidência
19-Alberto Chauque, funcionário da Presidência
20-José Quivanhanhe, funcionário da Presidência
21-Azarias Inguane, fotógrafo do jornal «Notícias»
22-Fernando Nhanquila, engenheiro de bordo
23-Orlanda Garrine, assistente de bordo
24-Esmeralda Luísa, assistente de bordo
25-Sofia Arone, assistente de bordo
26-Ilda Carão, assistente de bordo
27-Henriques Bettencourt, médico do Presidente
28-Ulisse la Rosa Mesa, médico do Presidente
29-Iuri Novodran, comandante da aeronave
30-Igor Kartamychev, co-piloto
31-Oleg Koudrianov, engenheiro de bordo
32-Anatoli Choulipov, engenheiro de bordo
33-C.Sikumba, embaixador da Zâmbia em Maputo
34-Tokwalu Batale Okulakamo, embaixador do Zaire em Maputo

Parece haver mais dois mortos não incluídos na primeira lista oficial das vítimas.
Quanto ao ministro da Defesa, Alberto Chipanda, dado ontem como tendo perecido no acidente, não se encontrava sequer no avião, dado que não acompanhou Samora Machel à Zâmbia.
A lista ontem divulgada incluí também o nome dos dez sobreviventes:

1-Eusébio Guido Martinho
2-Carlos Jambo
3-Fernando Manuel João
4-Almeida Pedro
5-Manuel Jairosse
6-Daniel Cuna
7-Josefa Machango
8-Vasco Langa
9-João Rendição
10-Vladimir Novoselov

Aquino de Bragança, Alcântara Santos, José Carlos Lobo e Muradali Mamadhussen: quatro das vítimas

A comodidade dos Expressos

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

começa logo no serviço de reserva telefónica

54 54 39
54 58 26
54 57 75

Em Lisboa, disponha agora do nosso serviço de reserva telefónica que funciona para si **todos os dias, das 09.00 às 13.00 e das 14.00 às 18.00.**
Marque o seu lugar através da simplicidade e rapidez dos telefones indicados até às 18.00 do dia anterior ao da viagem.
E, para além deste serviço, beneficie da possibilidade de **compra antecipada de bilhetes até 6 dias antes daquele em que viajará.**

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

UMA GRANDE EMPRESA D

EXPRESSOS R. N.
a comodidade começa antes da viagem

MKM markimage

TRIBUNAL JUDICIAL DE SINTRA

4.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decornda a dilação de vinte dias, que se começará a contar da publicação do segundo e último anúncio.
Execução Sumária n.º 316/85, 1.ª secção, exequentes – Soc Portuguesa de Ar Líquido – ARLÍQUIDO-S.A.R.L., executado – LUSOFAL – Sociedade Lusitana de Actividades Fabris, Ld.ª, com sede no Alto do Forte, em Rio de Mouro, desta Comarca de Sintra.
Sintra, 1 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito,
ALVITO HILÁRIO ROGER DE SOUSA

O Escrivão Adjunto
LUÍS JORGE VALÉRIO PALMA

«DL» 21/10/86 — 2.ª Pub.

EXT. SÉNECA
Tels: 52 00 92, 82 27 76, 82 35 31

CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA

AVISO

ATENDIMENTO PÚBLICO

A partir do dia 20 de Outubro, o atendimento público nos serviços de Administração Urbanística (DAU) e de Taxas e Licenças desta Câmara encerram às 16 horas e 30 minutos. Para entrega de documentos e obtenção de informações os interessados devem dirigir-se ao Serviço de Atendimento situado no nº. 1 do Largo do Município.

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

SEDE
Av.ª José Malhoa, Lote A-13
1506 LISBOA CODEX

ÓRGÃO CENTRAL DE FINANÇAS
Departamento de Títulos
Rua de Alexandre Herculano, 241
4000 PORTO

OBRIGAÇÕES EDP — 1986
ENTREGA DE TÍTULOS DEFINITIVOS

A partir de 27/10/86 poderão os Senhores obrigacionistas efectuar a troca das cautelas pelos títulos definitivos representativos desta Emissão nos Estabelecimentos de Crédito onde efectuaram as respectivas subscrições.

Porto, 6 de Outubro de 1986

O CONSELHO DE GERÊNCIA

24 HORAS

Potencial militar

A União Soviética continua a aumentar o seu potencial bélico, quanlitativa e quantitativamente, afirmou o presidente da Junta dos Chefes de Estado-Maior dos Estados Unidos, almirante William J. Crowe. «Isto pode parecer mais uma diatribe anti-moscovita, mas factos são factos», acentuou o almirante Crowe falando ante o Instituto de Defesa do Reino Unido. O almirante Crowe seguiu ontem para Gleneagles, na Escócia, para uma reunião do Grupo de Planeamento Nuclear da NATO que inclui os ministros da Defesa da Aliança.

Diplomatas expulsos

CINCO diplomatas norte-americanos expulsos da União Sovietica sob a acusação de «actividades ilegais» devem partir até ao fim deste mês — revelou um porta-voz da Embaixada dos Estados Unidos em Moscovo. O prazo está contido na ordem de expulsão dos cinco diplomatas — acrescentou o porta-voz. Os EUA enviaram uma nota de protesto por estas expulsões e funcionários da administração Reagan consideraram provável que, em represália, sejam expulsos mais diplomatas soviéticos.

Juan Carlos no País Basco

OS reis de Espanha foram recebidos com protestos e diversos incidentes quando visitaram ontem o País Basco para assistir ás cerimónias comemorativas do centenário da Universidade de Deusto, em Bilbau. Os protestos ocorreram nas proximidades da Universidade de Deusto, onde os reis assistiram a um acto académico, no centro de Bilbau, e junto à sede da «Diputacion», onde decorreu o almoço, a que assitiram as principais autoridades, entre elas o presidente do Governo Autónomo, Jose Antonio Ardanza.

Grupos da extrema-esquerda radical, e sobretudo o Herri Batassuna, considerado o braço político da ETA-Militar, já tinham protestado contra a visita do monarca e chefe de Estado espanhol ao País Basco.

Isabel II visita Hong Kong

A rainha Isabel II de Inlaterra chega hoje a Hong-Kong depois de uma visita histórica à China, que segundo analistas políticos reforçou as relações sino-britânicas. A rainha, acompanhada do marido, o príncipe Felipe, passará dois dias na colónia britânica, que será devolvida à administração chinesa em 1997. Actualmente a soberana britânica encontra-se a descansar a bordo do iate real «Britania» ancorado ao largo de Hong-Kong.

Combate à droga

OS doze países membros da CEE concordaram, em Londres, com um plano de sete pontos destinado a combater a ameaça das drogas na Europa. O acordo surgiu no final de uma reunião de um dia dos ministros do Interior dos 12 países membros da Comunidade Económica Europeia, que também analisou progressos em medidas para diminuir o terrorismo acordadas numa reunião realizada há um mês. Os doze aprovaram também medidas destinadas a tornar a vida mais difícil aos criminosos internacionais, ao mesmo tempo que concordaram em facilitar as formalidades fronteiriças para que os cidadãos do Mercado Comum possam viajar mais facilmente na Europa.

Shamir primeiro-ministro

YITZHAK SHAMIR tornou-se o primeiro-ministro de Israel depois de o Parlamento ter aprovado o seu Governo de unidade nacional. O presidente do Parlamento, Shlomo Hillel, disse que o Governo foi aprovado com 82 votos a favor, 17 contra e três abstenções. Shamir, líder do bloco «Likud», de direita, troca de cargo com Shimon Peres, chefe do Partido Trabalhista, no âmbito de um acordo de partilha do Poder assinado após um impasse eleitoral em 1984.

Norte-americano detido

O ministro nicaraguano da Justiça, Rodrigo Reys, pediu uma pena máxima de 30 anos de prisão para o norte-americano Eugene Hasenfus, que começou a ser julgado por tribunais sandinistas.

O ministro criticou o «verdadeiro escândalo» desencadeado pelos Estados Unidos em torno do primeiro prisioneiro norte-americano dos sarídinistas e advertiu que «chegaremos até onde for preciso para esclarecer as ligações entre as actividades de Hasenfus e o Governo norte-americano». Eugene Hasenfus, de 45 anos, foi detido depois de o avião em que viajava ter sido derrubado por um míssil terra-r sandinista, a 5 de Outubro, no Sudeste da Nicarágua.

Soares a propósito da morte de Machel

Foi «um amigo de Portugal» que soube ultrapasar as sequelas do colonialismo

Manifestações de pesar pela morte do homem, elogios à actuação do político e receio pelas consequências do desaparecimento do primeiro presidente de Moçambique dominaram as reacções portuguesas à morte de Samora Machel.

O Governo decretou luto nacional por três dias e o Parlamento vai reunir-se esta tarde exclusivamente para aprovar um voto de pesar pela morte de Machel e guardar um minuto de silêncio em sua memória.

Ausente em Londres, o Presidente da República elogiou a figura de Samora Machel e descreveu-o como um «amigo de Portugal» que soube «ultrapasar os sentimentos criados pela guerra colonial».

Mário Soares considerou a morte de Samora Machel de «consequências imprevisíveis», sublinhou que «ninguém pode aventurar prognósticos» e formulou votos para que Moçambique encontre a paz e a properidade «apesar desta grande perda».

O Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, referiu-se a Samora Machel como «símbolo de coragem e de realismo político» e afirmou esperar que «o momento não seja aproveitado para acções nevativas, que poderiam afectar o processo de paz na região».

O ex-presidente da República e actual líder do PRD, Ramalho Eanes, considera que «a pátria moçambicana perdeu o seu líder carismático». Eanes, que enviou telegramas ao primeiro-ministro moçambicano à viúva do falecido presidente, Graça Machel, anunciou que participaraá nos funerais das vítimas do desastre aéreo.

O PSD considera que «Moçambique e o Mundo perdem um líder corajoso e realista» e o PS referiu-se a Machel como «o verdadeiro símbolo da unidade nacional moçambicana e um incessante defensor dos caminhos que conduzissem à paz na África Austral». Rui Mateus, presidente da fundação de relações internacionais dos socialistas, enviou também uma mensagem de pesar ao secretário para as relações exteriores da Frelimo, Joaquim Chissano.

O presidente do CDS, Adriano Moreira, lamentou a morte do presidente moçambicano e considerou «muito difícil encontrar um líder com capacidade para substituir Samora Machel».

Para o PCP, a morte de Samora Machel é «uma enorme perda para a causa da libertação dos povos e da consolidação do progresso da independência nacional de Moçambique».

A nível partidário, também o MDP/CDE, os «Verdes», a UDP e a JS manifestaram pesar pela morte de Machel, mas a morte do primeiro presidente da República Popular de Moçambique provocou reacções também noutras áreas.

Na sessão de ontem do julgamento no Tribunal de Monsanto, os réus no «caso FUP/FP-25» observaram um minuto de silêncio em memória de Samora Machel.

As duas centrais sindicais portuguesas, CGTP-IN e UGT, exprimiram » pesar e consternação» pela morte de Machel e o CIDAC, Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral, mostrou-se convicto de que a morte do presidente moçambicano «não apagará da memória de todos, os valores políticos e humanos que ele personificou».

O general Vasco Gonçalves, primeiro-ministro quando foi declarada a indepenência de Moçambique, considerou a morte de Machel uma perda para o Terceiro Mundo e para os movimentos de libertação em geral. O também ex-primeiro-ministro Pinto Balsemão, disse que a morte de Machel «priva-nos da palavra, da acção e da visão de um dos poucos grandes lídreres carismáticos que restavam em África».

Vítor Sá Machado, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, considerou que Machel foi «um homem extremamente importante, não só para Moçambique», mas para a África Austral em geral e Melo Antunes, chefe da delegação portuguesa que acordou com a Frelimo o processo de independência de Moçambique realçou «a inteligência e o realismo políticos do falecido presidente».

Almeida Santos, antigo ministro da Administração Interterritorial dos governos Provisórios, considerou que Samora Machel «vivo, foi o Moisés do povo moçambicano» e morto «será a sua bandeira».

Pesar e receio pelas consequências na África Austral

A morte do presidente moçambicano, Samora Machel, suscitou reacções de pesar e de receio em todo o mundo pelas consequências que poderão advir para a situação na África Austral.

Samora Machel, que faleceu num acidente de aviaçãoo no regresso ao Maputo de uma viagem à Zâmbia, mantinha relações de cordialidade com a União Soviética, o que não impediu a Administração norte-americana de expressar «profundo» pesar pelo seu desaparecimento e destacar o seu pragmatismo político.

Moçambique assinou em Janeiro de 1985 um importante acordo de assistência militar com os Estados Unidos, que coincidiu com um tratado de não agressão com a África do Sul e o início de um processo de aproximação ao Ocidente.

Segundo porta-vozes oficiais, o secretário norte-americano de Estado, George Shultz, que conhecia pessoalmente o malogrado presidente, sentia um «grande respeito pelo estadista» e a Casa Branca lamentou «profundamente a perda de uma das vozes moderadas» de África.

A União Soviética limitou-se a dar conta, através da agência oficial Tass, da notícia do acidente que vitimou 33 pessoas, incluindo o líder moçambicano.

Também a Comunidade Económica Europeia (CEE), o Parlamento Europeu, e a Organização Internacional de Jornalistas (OIJ), entre outros, se associaram ao sentimento de pesar pela morte do presidente de Moçambique, advertindo para as possíveis consequências negativas que o seu desaparecimento pode vir a ter para a situação na África Austral.

Vários chefes de Estado e de Governo europeus enviaram mensagens de condolências pela morte de Machel, considerando-a «uma grande perda» para a África.

Para o Governo de Londres, o presidente Machel «foi não só o arquitecto da independência do seu país, como um lutador incansável pelo estabelecimento da paz em Moçambique e em toda a região meridional de África».

O rei Juan Carlos, de Espanha, manifestou-se «profundamente emocionado» pela trágica morte de Machel, a exemplo, de Felipe Gonzalez, presidente do governo espanhol, em telegramas enviados para o Maputo.

Os primeiros-ministros italiano, Bettino Craxi, e francês, Jacques Chirac, também apresentaram as suas condolências ao governo moçambicano.

Dos países de expressão oficial portuguesa, manifestaram consternação pela morte do presidente de Moçambique as autoridades da Guiné-Bissau e os governos de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe.

Em Cabo Verde, foi decretado luto nacional de três dias em memória de Samora Machel e o presidente e chefe de governo, Aristides Pereira e Pedro Pires, respectivamente, transmitiram o seu pesar às autoridades moçambicanas.

Também de África, Moçambique recebeu telegramas de teor idêntico do presidente da Argélia, Chadli Benjedid, para quem a memória de Machel constituirá uma «fonte de inspiração e exemlo» para os países da Linha da Frente e do resto do continente africano.

O secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, disse que sentiu «profunda comoção» quando soube da morte do «intrépido lutador pela liberdade e eminente estadista» que foi Samora Machel, enquanto a Assembleia Geral observou um minuto de silêncio em memória do presidente.

Segundo portarias hoje publicadas

Empreitadas de obras públicas controladas pela Procuradoria

Os concursos públicos para grande parte das empreitadas e fornecimentos de obras públicas vão passar a ter a assistência obrigatória do Procurador Geral da República, ou de um seu representante, determina uma portaria governamental hoje publicada no Diário da República. A folha oficial insere igualmente um decreto-lei que altera o regime de revisão de preços de empreitadas e fornecimento de obras, e duas portarias que aprovam os modelos de anúncios de concursos e de convites, os programas de concurso tipo, os cadernos de encargos tipo e definem quais os documentos a enviar aos concorrentes preteridos nos concursos para empreitadas e fornecimentos de obras públicas.

Este conjunto de disposições completa um decreto lei (235/86), de 18 de Agosto, que substituiu o regime jurídico de empreitadas e fornecimentos de obras públicas e adoptou diversas medidas «destinadas a tornar os concursos mais transparentes e susceptíveis de controle por parte não só das empresas de obras públicas como também pela própria opinião pública».

No que respeita à presença do Procurador Geral da República ou de um seu representante, a portaria estipula que ele «assistirá sempre» aos «concursos para empreitadas e fornecimentos de obras públicas com preço base, quando haja, ou preço estimado superior ao valor limite superior da classe 4 dos alvarás de empreiteiro de obras públicas». Quanto aos documentos que serão obrigatoriamente enviados aos concorrentes preteridos, a lei diz nos casos em que o contrato ultrapasse o valor limite superior da classe 4 dos alvarás de empreiteiro de obras públicas «serão enviados aos concorrentes preteridos, juntamente com a comunicação da adjudicação, duplicados autenticados da acta do acto público do concurso e do relatório justificativo da decisão tomada, que conterá os fundamentos da preterição das respectivas propostas».

Produção avícola está a baixar

A produção de produtos avícolas em Portugal caiu acentuadamente entre 1983 e 1985, o que originou o encerramento de 21 centros de abate destes animais no ano passado, indica um relatório da Junta Nacional de Produtos Pecuários.

A produção da carne de peru passou de 20 500 toneladas em 1982 para apenas 1946 toneladas no ano transacto, uma quebra de 90,5 por cento, de acordo com estimativas da junta incluídas no seu relatório de actividades de 1985.

Por outro lado, a produção de carne de frango diminuiu de 142 674 toneladas em 1982 para 133 092 no ano passado (quebra de 6,7 por cento), enquanto a produção de ovos estagnou, passando de 1206 milhões para 1201 milhões no mesmo período.

Liquidatário da CNP adjudica fornecimentos a um amigo

... em casa de quem passa férias nos «States»

Continuação da pág. 1

Segundo informações recolhidas pelo «DL», a referida empresa, a Sigmoil, tem sede na Suiça e transformou-se em Agosto passado no principal fornecedor estrangeiro de nafta à CNP, sem que para tal tenha sido efectuado qualquer concurso público. Até aí a petroquímica comprava uma parte dessa matéria prima à Petrogal e adquiria o restante no mercado livre a diferentes intermediários, consoante as condições do momento.

Em meados de Agosto, Jorge Gonçalves tomou posse como presidente da Comissão Liquidatária da CNP e ficou com o pelouro dos negócios internacionais da empresa. Pouco depois estabeleceu um contrato por seis meses com Patrick Monteiro de Barros, o patrão da Sigmoil, para a compra de 50% do total da nafta necessáreia à companhia.

Segundo soubemos, Jorge Gonçalves estava anteriormente colocado na Petrogal, onde já mantinha contactos com Patrick Monteiro, a quem comprava «crude» para aquela empresa pública.

Uma estranha cláusula

O negócio da nafta foi estabelecido após a análise de duas propostas, uma da Tradingpor e outra da Sigmoil, que coincidiam no respeitante aos preços, mas que apresentavam condições de pagamento distintas. Ao que apurámos, a decisão de adjudicação à Sigmoil baseou-se no facto desta oferecer um prazo de 30 dias para pagamento, enquanto que a Tradingpor propunha 12 dias.

Aparentemente nada havia a dizer, admitem fontes da empresa, não fosse o facto de não ter sido organizado um concurso público formal para escolha dos fornecedores.

Só que Jorge Gonçalves assinou o contrato com Patrick Monteiro para aquisição de 200 a 250 mil toneladas de nafta, a fornecer até 31 de Maio de 1987, por um preço de cerca de 115 dolares a tonelada (quase 4 milhões e meio de contos), e dias depois foi introduzida uma cláusula adicional ao contrato. Como que por acaso, esta nova cláusula determinava que o pagamento dos fornecimentos fosse feito não a 30 dias, mas à vista...

Até agora a Sigmoil já mandou um carregamento de perto de 20 mil toneladas e o pagamento foi feito à vista, como manda a nova cláusula contratual.

Contactado pelo «DL», um membro da comissão de Trabalhadores da CNP, José Morais, confirmou a maior parte das informações que tinhamos em nosso poder, mas acrescentou que «até agora a CT ainda não tem dados suficientes para falar na existência de corrupção neste negócio».

De qualquer modo disse que «a CT está preocupada com a notícia de que Jorge Gonçalves estaria de férias em casa de Patrick Monteiro, com o facto de não ter havido concurso público e com as condições de pagamento negociadas». Quanto à realização de contratos com fornecedores fixos, a mesma fonte reconheceu que ela «tem algumas vantagens no que respeita à qualidade dos produtos, ainda que os preços sejam superiores aos do mercado spot».

A Sigmoil venderá à CNP 200 a 250 mil toneladas nos próximos seis meses, enquanto que um outro contrato firmado com a Shell permitirá o fornecimento de 100 mil toneladas até 17 de Fevereiro e um terceiro, celebrado com a Petrogal, proporcionará a aquisição de mais 140 a 190 mil num período idêntico. A parte restante das necessidades da CNP (que consome uma média de 70 mil toneladas de nafta por mês) será satisfeita no mercado spot.

Liquidadores viram gestores

Entretanto, o Governo manifestou já a intenção de transformar a actual Comissão Liquidatária da CNP em Conselho de Gerência, na sequência da anulação do decreto de extinção da CNP, resultante da recusa da Assembleia da República em ratificar a extinção da companhia. A Comissão de Trabalhadores recebeu já um pedido formal de parecer sobre a nomeação dos actuais «liquidadores» para o Conselho de Gerência e está actualmente a preparar esse documento, ignorando-se ainda qual a posição que vai tomar.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	47$50	53$50
ALEMANHA FED. (marco)	72$70	73$90
ÁUSTRIA (xelim)	10$30	10$50
BÉLGICA (franco)	3$293	3$543
BRASIL (cruzado)	3$900	6$400
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	103$85	106$35
(notas de 5 a 1000)	104$35	106$85
DINAMARCA (coroa)	19$30	19$70
ESPANHA (peseta)	1$063	1$183
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	144$65	148$15
(notas de 5 a 1000)	145$15	148$65
FINLÂNDIA (marka)	29$75	30$35
FRANÇA (franco)	22$20	22$90
HOLANDA (florim)	64$30	65$40
IRLANDA (libra)	199$15	203$15
ITÁLIA (lira)	$095	$110
JAPÃO (iene)	$892	$946
NORUEGA (coroa)	19$75	20$25
REINO UNIDO (libra)	207$55	212$05
SUÉCIA (coroa)	21$10	21$60
SUÍÇA (franco)	88$55	90$05
VENEZUELA (bolívar)	6$30	7$30

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Empresários associam-se para cooperar com a África

Empresários portugueses reúnem-se hoje em Lisboa para decidir da fundação de uma associação empresarial destinada a cooperar com países africanos, no quadro dos acordos de Lomé — informou a CIP.

Uma fonte empresarial disse à ANOP que a reunião visa «agrupar todas as empresas portuguesas interessadas em desenvolver actividades económicas com países africanos nas áreas da indústria, comércio, agricultura e serviços».

«Trata-se de preparar acções de cooperação com países africanos que possam beneficiar de verbas da CEE para a cooperação com África ao abrigo dos Acordos de Lomé», acrescentou a mesma fonte.

A associação empresarial a fundar poderá, assim ter acesso às verbas do Fundo Europeu de Desenvolvimento (FED), um fundo especial da CEE para a cooperação com os países africanos subscritores da Convenção de Lomé.

A nova associação passará igualmente a fazer parte do chamado «Grupo dos Sete», uma confederação de sete organizações empresariais de seis países que serve de «ponte» entre os empresários privados que representam organismos comunitários e os países africanos onde desenvolvem cooperação.

Os empresários portugueses juntam-se, assim, aos seus pares da República Federal da Alemanha, da Grã-Bretanha, dos Países Baixos, da Bélgica e da Itália por convite do presidente do «Grupo dos Sete», Van Oudgaarden.

Finanças da Guiné discutidas em Lisboa

Delegações de Portugal e da Guiné-Bissau iniciam hoje em Lisboa uma série de reuniões para discutir a situação financeira entre os dois países, informou o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A delegação portuguesa será chefiada pelo secretário de Estado do Tesouro, que estará acompanhado pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Azevedo Soares.

A delegação da Guiné-Bissau será presidida pelo ministro das Finanças daquele país, vítor Freire Monteiro, e contará também com a presença do ministro governador do Banco Nacional da Guiné-Bissau, Godinho Gomes.

General Motors retira-se da África do Sul

O presidente da empresa General Motors Corp. anunciou ontem que vai retirar-se da África do Sul e vender as suas instalações a um grupo local.

Roger Smith afirmou em Washington que a empresa está em total desacordo com os passos dados até agora na eliminação do regime do «apartheid» e que enfrenta fortes pressões por manter a sua presença na África do Sul.

O presidente da GM acrescentou que a empresa sofreu avultadas perdas na Africa do Sul e classificou o ambiente para os negócios naquele país de «muito difícil».

«É nossa intenção permitir que os novos proprietários partam já de uma posição mais segura, continuem a fornecer oportunidades de trabalho e a servir os nossos clientes» — sublinhou.

A retirada da General Motors segue-se à de outras grandes empresas norte-americanas, como a Coca-Cola e ainda de cinco universidades que investiam na África do Sul e mantinham acordos de cooperação no campo da investigação científica.

A decisão surge também depois da aprovação pelo Congresso norte-americano, revogando o veto do presidente Ronald Reagan, da implementação de severas sanções contra o Governo de minoria branca sul-africano.

Há 64 cidades mais caras que Lisboa

Lisboa ocupa o sexagésimo quarto lugar na lista das cem cidades mais caras do mundo elaborada pela empresa «Business International», foi hoje divulgada em Genebra.

A lista destina-se essencialmente a homens de negócios norte-americanos que viajam pelo mundo e por isso a sua base — cem pontos — é Nova Iorque. Lisboa surge com 79 pontos, o que significa que é 21 por cento menos cara.

A «Business International» baseia os seus cálculos em vários itens, como sejam alimentação, alojamento, transportes, aluguer de automóveis e espectáculos.

Na última lista, há 18 cidades mais caras do que Nova Iorque, aparecendo em primeiro lugar na lista Tóquio, com 189 pontos, o que quer dizer que a capital japonesa é 89 por cento mais cara do que a metrópole norte-americana.

Osaka/Kobe, também Japão, vem a seguir, com 183 pontos, seguindo-se Teerão (164), Libreville (148), Brazzaville (145), Dacar Douala (131), Abidjan (124), Lagos (123), Genebra e Zurique (117).

Lisboa partilha a sua sexagésima quarta posição com Toronto, somente um pouco menos cara que Montreal, Moscovo e Seul (81 pontos) ou Calgary e Lima (80) e à frente de Kuala Lumpur e Vancouver (78) ou Atenas (76).

Sporting em Barcelona para a «Taça UEFA»

Fechem os olhos e entrem na dúvida

Neves de Sousa
nosso enviado especial

Aí vai o Sporting, voando até Barcelona: no cartaz, o rude e espinhoso compromisso da 2.ª etapa uefeira, a jogar-se num mínimo de 180 minutos. Exacto: hora e meia no «Nou Camp» e, se não for obrigatório qualquer mais penoso prolongamento de calendário, uma segunda mão guardada para, em Alvalade, prometer a maior receita de sempre em palco **verde-branco**.

Não sabemos (de ciência certa) o montante do prémio que está ao alcance de cada atleta do bloco comandado por Manuel José: mas, se recordarmos que, para um êxito sobre a Suécia em nossa própria casa a Federação garantia 300 Donas Marias a cada prolongador dos «infantes» (acabaram por receber 180 pelo nulo no Jamor) será lícito adiantar que é bem chorudo o «bolo» colocado no horizonte sportinguista. Justificada atitude, sem dúvida: o clube (qualquer símbolo) não pode olvidar o trabalho ds artistas do espectáculo que, embora principescamente pagos, são os motivadores das altissonantes bilheteiras e os verdadeiros barómetros que fazem cair (ou erguer) técnicos e dirigentes, seja qual for a latitude.

E, amigos, é bem difícil a tarefa que espera os «leões» que, à hora em que esta edição do «DL» começa a circular, vão no «charter» TP 8505 voando para a cidade condal: onde os espera um «team» que, mesmo beliscado pelo desaire em Múrcia (na mais recente ronda do campeonato espanhol) é comandante de um torneio de renome europeu, não apenas pelo valor da maioria dos seus intervenientes, mas (muito especialmente) porque ali actuam «estrelas» de renome mundial, como é o caso de Lineker, Hughes e Schuster. Precisamente (vejam o problema) três nomes das opulentas e milionárias fileiras do «Barça».

Sabe-se que o Sporting não apresentará o máximo do seu potencial. Isto é: o grupo dos mais rotulados contratados. Rui Jordão (que permanece ainda umbilicalmente ligado a Alvalade, com contrato que apenas expira no termo da corrente temporada futebolística) permanece fora do juízo favorável de Manuel José e, afastado mesmo de qualquer sessão de treino, limita-se a passar pela tesouraria no termo de cada mês. Uma situação que poderá resolver-se a médio prazo, consoante a interferência de Oliveira Duarte, o novo homem forte do futebol leonino.

Nova estrutura

É isso: um papel importante está a ser entregue ao novo Departamento de Futebol de Alvalade. Segundo é voz corrente, uma larga remodelação das suas estruturas está a ser encetada, com influência clara do coronel Ferreira Canais (regresso a cargo já conhecido), Mário Casquilho (uma continuidade no sector) e Oliveira Duarte (a estreia de um antigo e prestigiado jogador em voo directivo). Por outro lado, em que medida o dr. Amado de Freitas, como novo presidente **verde-branco,** tentará fazer render ao máximo o ramo da árvore que não tem dado aos associados os êxitos que parecem ter ficado travados com a saída (em 1982) do britânico Malcolm Allison?

Depois disso, o melhor que passou pelo paladar **verde** aconteceu em torneios uefeiros: quartos-de-final na Taça dos Campeões, em 82-83 (eliminação perante os espanhóis do Real Sociedad: 1-0 e 0-2) e na Taça UEFA, na última temporada (**paragem** ante os germânicos do Colónia: 1-1 e 0-2).

Agora, depois da ultrapassagem dos islandeses do Akranes (um simples e puro exercício de pontaria) outro marco muito mais importante surge como barreira: um Barcelona hiperpossante mas que, com todo o respeito que merece, também tem de considerar o Sporting com o cuidado e a reserva que sempre estão no fiel de qualquer balança entre dois «teams» de peso semelhante.

Os «leões» treinaram esta manhã no seu «solar», almoçaram na «Churrasqueira» do Campo Grande e, de seguida, rumaram para a Portela de Sacavém. A chegada a Barcelona do «charter» que transporta a comitiva oficial e os jornalistas está prevista para cerca das 17 horas, logo se dirigindo todo o grupo para o Hotel Gran Sarria (que fica próximo do estádio do Espanhol). Manuel José planificou, para as 20 horas, uma sessão de preparação física e adaptação ao relvado do «Nou Camp», onde amanhã (presisamente às 20 e 15 em termos de hora portuguesa) o árbitro Prokop (da RDA) dará início à função.

Sempre sujeita a qualquer alteração de última hora, a comitiva leonina (presidida pelos dirigentes dr. Amado de Freitas, coronel Ferreira Canais e Mário Casquilho) integrará o técnico Manuel José e o seu adjunto Valdemar Custódio, o médio dr. Fernando Ferreira, o massagista Leonel Pires, o roupeiro Barros Fernandes e 17 futebolistas (Damas, Vital, Morato, Gabriel, Duilio, Oceano, Fernando Mendes, Zinho, Negrete, Mário, Litos, Virgílio, Mário Jorge, Manuel Fernandes, Meade, McDonald e Venâncio). Exactamente: o jovem Pedro Manuel Regateiro Venâncio (nascido em Setúbal, a 21 de Novembro de 1983) que tanto tem sido flagelado por sucessivas lesões nos joelhos que já o obrigaram a quatro intervenções cirúrgicas.

Venâncio que parece recuperado da operação a que foi submetido há pouco tempo e já treinou por três vezes com os demais colegas: jogando Manuel José na sua hipótese para, amanhã, funcionar como polícia directo de Lineker, o melhor marcador do último Mundial. Mas, será que neste aspecto o possante Oceano não terá uma palavra a dizer, uma missão toda especial?

Incógnita. Tal e qual como a provável formação de Alvalade que (todavia) não deverá, inicialmente, ser muito diferente da que se adianta: Damas; Morato; Gabriel, Venâncio, Duilio e Fernando Mendes; Oceano; Manuel Fernandes (ou Zinho), Negrete e Mário; Meade. Mas, um mundo de opções estão ao dispor do técnico leonino, como sejam a entrada de Litos pela direita ou o lancetar da defensiva contrária (pela esquerda lusitana) através de «raides» de Mário Jorge, até mesmo o reforço da vanguarda com o apelo ao louro McDonald e à sua condição de bom cabeceador.

Barcelona vergastado

Derrotado em Múrcia, na esgrima com o «onze» que se arrastava na cauda do campeonato espanhol, o Barcelona está quase obrigado a dar uma forte renovação de esperança entre os seus adeptos, certamente quota fundamental dos 120 mil espectadores que estão previstos no maior dos estádios europeus. Claro que lá teremos milhares de portugueses, especialmente a moçada que viaja através da «Juventude Leonina» e da «Mancha Verde» e se conta por cerca de cinco mil jovens munidos de tudo o que possa animar as hostes do seu coração: buzinas e bombos, tambores e cornetas, gaitas e bate-pratos. cachecóis e gorros, camisolas e blusões **verdes-brancos** vão ser mato pelas famosas «ramblas» de Barcelona: e o calor que podem transmitir aos companheiros de Manuel Fernandes pode tornar-se fundamental na produtividade do «team» português, que terá (forçosamente) de ter ouvidos moucos para as vaias que possam partir da arquibancada e, por banda adversa, apenas tentarão diminuir a sua estrutura psíquica.

O «Barça», que tem à frente do seu «onze» o inglês Terry Venables, acredita (quase piamente) que a eliminatoria ficará decidida no esmagador «Nou Camp». De braço dado com o Real Madrid, os catalães viajam no topo do seu torneio (cinco vitórias, quatro nulos,um só desaire: 14 pontos no activo) e, ante os murcianos, apresentaram o seguinte conjunto: Zubizarreta; Gerard, Migueli, Moratalla, e Júlio Alberto; Victor, Roberto, Caldere e Esteban (Marcos); Lineker e Hughes. O Múrcia, para derrubar os homens de Barcelona, utilizou armas e, sobretudo, firme desejo de triunfo. É isso que todos esperamos seja inoculado num Sporting ganhador, ambicioso, determinado a (finalmente) reviver as suas melhores epopeias.

COM APOIO DE:

EURO-PRÁTICO
Soc. Comer. de Imp., Exp. & Representações, Lda
A casa das brilhantes ideias

Que tática?

Logicamente que Manuel José não precisará de coselhos: pensa por sua cabeça e ainda tem o adjunto Valdemar Custódio para lhe fornecer todos os detalhes das **espionagens** que realizou no respeitante ao «team» condal. Mas, se é permitido e não ousado relembrar, convém que o Sporting espartilhe completamente o meio-campo contrário, impedindo também os defesas laterais de se incorporarem em manobra atacante e (ponto de honra!) não permitir um só momento de liberdade a Hughes ou a Lineker, mortíferos nas proximidades das dezoito jardas de sinal contrário.

Há a possibilidade de Caldere ser rendido por Pedraza, tal como não será de excluir o aproveitamento inicial de Marcos por parte de Terry Venables, o técnico londrino nascido em 1943 que tem uma longa e opulenta carreira percorrida: jogou no Chelsea, Tottenham, Cristal Palace e Queen's Park Rangers, já treinou o Cristal Palace (que fez transitar da 3ª para a 1ª divisão inglesa), Quenn's Park Rangers (que encaminhou á final da «Taça de Inglterra») e está agora no Barcelona, a quem já ofertou o título nacional de 84/85 e a «Taça do Rei» (85/86). O que não quer dizer que, apesar deste magnífico «palmares», não esteja a ser muito contestado entre os adeptos do «Barça»: parece que somente o pulso férreo do presidente José Luis Nunez (o riquíssimo construtor civil da cidade condal) consegue ir aguentando a tempestade que, de vez em quando, coloca Venables no tombadilho de uma nau fustigada por ventos e marés de sinal contrário.

●

Estamos em crer que o «Barça» irá ter especial atenção na cobrança de «livres» e pontapés de canto, com jogadas milimetricamente preparadas no laboratório do «Nou Camp». Que obrigará o Sporting a manter o mínimo de dois homens controlando os seus «ponta-de-lança» (Lineker e Hughes) e, muito provavelmente, Morato como «libero» para qualquer eventualidade: assim, tocaria a Oceano e Venâncio (como a Duílio ou Virgílio) o trabalho de «ensacar» a dupla britânica, com a vantagem de Virgílio (que fala correctamente a língua da senhora Tatcher) poder estar em campo como «espião» de última instância...

No «exército» de Barcelona, uma baixa obrigatória (Carrasco, lesionado) enquanto com o alemão Schuster como com o britânico Archibald existe incompatibilidade latente: o germânico nem sequer tem treinado e o inglês alinha no Barcelona Atletic, filial da grande colectividade do «Nou Camp». Assim (e porque também Marcos se queixa de um toque na perna direita) Venables enviou para estágio o lote de figuras que aqui vai: Zubizarreta, Migueli, Victor, Gerardo, Pedraza, Moratalla, Roberto, Esteban, Hughes, Lineker, Fradera, Urruti, Julio Alberto, Urban, Caldere e Manolo. Um 4×4×2 em perspectiva? É o que veremos amanhã, quando todos os portugueses estiverem, em frente unida, esperando um quinteto de sucessos lusitanos. Com o Sporting, em Barcelona, dando o lamiré.

O SERVIÇO E A QUALIDADE FAZEM A DIFERENÇA...

Lagosta Real
VIVEIROS PRÓPRIOS
MARISCOS SEMPRE FRESCOS
Especialidade da casa
CALDEIRADA DE LAGOSTA
À MARINHEIRA
COZINHA MINHOTA
R. PORTAS DE ST.º ANTÃO, 37 – TEL. 32 38 95

MARISQUEIRA DA BAIXA
Especialidade:
MARISCADA VARIADA
FEBRAS DE JAVALI NO CHURRASCO
RUA PORTAS DE ST.º ANTÃO, 41
TELEFONE 32 78 67

SOL Dourado
Especialidade:
ARROZ DE MARISCO
CABRITO À PADEIRO
RUA JARDIM DO REGEDOR, 19-25
TELEFONE 37 25 70

tem tem
Especialidade:
CHURRASCO NO CARVÃO
FONDUE
RUA D. ANTÃO DE ALMADA, 5-A
TELEFONE 36 59 44

Marcel de Almeida: demissão

O dr. Marcel de Almeida, que tem vindo a desempenhar com rara dedicação e competeência as funções de presidente da secção de atletismo do Benfica, acaba de remeter ao presidente do clube uma carta, a solicitar a demissão daquele cargo. Recorde-se que o dr. Marcel de Almeida tem vindo a ser solicitado por elevado número de consórcios para se candidatar a presidente da diecção do Sport Lisboa e Benfica e há quem considere que a renúncia agora tomada em relação ao atletismo estará ligada à preparação da campanha eleitoral. As eleições no Benfica terão lugar no próximo mês de Março.

Los Angeles-84: o filme aí está

Com um atraso de dois anos, os portugueses poderão ver brevemente o filme «16 dias de Glória» que ontem à noite foi exibido em antestreia na Fundação Calouste Gulbenkian.

O filme, com a duração de quase três horas, documenta os momento altos dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, e retrata os momentos vividos por vencedores e vencidos fora das competições.

Rosa Mota, medalha de bronze na maratona, surge em plano de destaque no filme que dedica um capítulo à maratona feminina, cuja prova foi introduzida no calendário oficial em Los Angeles.

Recorda-se, também, a corrida de António Leitão e Ezequiel Canário na final dos 5 000 metros e por alguns segundos vê-se Carlos Lopes, no pódio, a agradecer os aplausos pela conquista da medalha de ouro na maratona.

O presidente do Comité Olímpico Português, Fernando Lima Bello disse que o filme, propriedade do COP, está disponível para ser exibido nas escolas.

Râguebi:
selecção inglesa estagia nas Açoteias

A equipa técnica da Federação de Râguebi de Inglaterra escolheu a Aldeia das Açoteias para efectuar um estágio de preparação da Taça do Mundo, durante o período de 30 do corrente a 2 de Novembro.

«Os ingleses optaram por Portugal por considerarem as condições climatéricas e as características dos relvados do nosso país, semelhantes às da Austrália, local onde decorrerá a Taça do Mundo», explicou o seleccionador português vasco Lince, o qual ainda revelou que o seleccionado inglês efectuará nas Açoteias um «minitorneio» durante o qual defrontará a sua congénere de Portugal, em jogo a disputar a 31 de Outubro.

Pirelli confirma abandono

A Pirelli confirmou a sua decisão de abandonar a competição automóvel de Fórmula Um após a disputa do Grande Prémio da Austrália.

Jacopo Vitorelli, director da marca italiana, anunciou que a recente vitória do piloto austríaco Gerhard Berger a volante de um Benetton-BMW equipado com pneus Pirelli, não afecta a decisão da companhia.

A marca norte-americana Goodyear monopolizará assim o fornecimento de pneus nas competições de Fórmula Um.

Rio Ave muda de «comando»

Morais rende Mário Reis

Depois do «despedimento» de Dinis Vital por parte do Farense surge nova «chicotada» da divisão principal do futebol luso, com o Rio Ave a rescindir o contrato com o seu técnico, Mário Reis. Na sequência destas decisões estão, naturalmente, os fracos resultados conseguidos pelos quadros de Faro e Vila do Conde, os quais, ainda não conseguiram averbar qualquer triunfo após as oito jornadas do «nacional» em curso. Recorde-se que o Rio Ave soma cinco empates e três derrotas (com a curiosidade de no seu campo ter empatado os quatro jogos ali realizados) e o Farense conseguiu três «nulos» perdendo por cinco vezes.

Mário Reis e António Morais: um que sai e outro que entra

Enquanto que o Farense já solucionou a questão da sucessão com a contratação do brasileiro Cláudio Garcia,
os dirigentes da colectividade de Vila do Conde escolheram António Morais que surgiu entre vários «candidatos» para render Mário Reis. Esta manhã José Maria Pinho (presidente do clube) e Morais estabeleceram o competente acordo pelo que o novo técnico assume, desde já, as suas funções.

Recorde-se que António Morais havia «decretado» um período de reflexão após o «europeu-84».

Manuel Oliveira no Cova da Piedade

Recorde-se que, para além de Dinis Vital e Mário Reis, também nas divisões secundárias se vão procedendo a alterações de comandos. Manuel Oliveira, que recentemente fora afastado do Barreirense, acaba de render Esmoriz no Cova da Piedade, admitindo-se que este se mantenha no clube como jogador.

Entretanto para suceder a Oliveira, o Barreirense optou por António Jerónimo, que oportunamente deixara o União de Leiria que entretanto contratara Cassiano Gouveia.

Já agora, convirá anotar trerem-se já verificado as seguintes demissões de treinadores das 3 divisões nacionais: Farense (Dinis Vital), Rio Ave (Mário Reis), Barreirense (Manuel Oliveira, agora rendido por A. Jerónimo), Juventude de Évora (José Rocha, que foi sucedido por Dinis Vital) e AD Guarda (Djunga).

E os torneios ainda estão longe de entrar na «fase quente»...

Da Silva no Espinho

O Sporting de Espinho, ora treinado pelo «magriço» António Simões, acaba de contratar o futebolista brasileiro Da Silva, que anteriormente esteve ao serviço do Vitória de Guimarães. Recorde-se que o Espinho conta apenas 5 pontos após seis jornadas (2 vitórias, 1 empate e três derrotas).

Futebol de salão

O Grupo Desportivo da Quimigal vai realizar o seu torneio de futebol de salão «Quimigal/Natal-86» que decorrerá no seu pavilhão gimnodesportivo. As inscrições estão abertas podendo ser feitas na sede da colectividade.

Desporto na RTP

Hoje: Marselha-Bordéus

Amanhã: «mundial» de hóquei

A «Europa TV» apresenta hoje a partir das 18.30 horas, no segundo canal da RTP um resumo de uma hora do encontro de futebol Marselha - Bordéus que terminou com o empate a um golo.

O Bordéus, que joga amanhã na Luz com o Benfica para a Taça das Taças, lidera o campeonato francês com 20 pontos, mais dois do que o Marselha, segundo classificado.

Amanhã e quinta-feira, à mesma hora (18 e 30), a «Europa TV» vai oferecer aos telespectadores portugueses do segundo canal, dois programas de uma hora cada sobre a participação portuguesa no Mundial de hóquei em patins disputados em Sertãoziiiinho, no Brasil, no qual Portugal terminou em 3.º lugar, atrás da Espanha, segunda classificada e da Itália, que conquistou o título.

Modalidades

Hóquei em patins
Benfica vence o Parede

Realizou-se ontem o encontro Benfica-Parede a contar para o torneio de abertura de hóquei em patins, com o triunfo dos benfiquistas por 11-5. Rubricaram os 16 golos: Fanã (5), Leste (2), Garrido (2), Vitor Rosado (1) e Garção (1) pelo Benfica e Renato(1), Luis Rodrigues (2) e Batista (2) pelo Parede.

BOXE: resulados da primeira sessão do torneio de abertura da Associação de Boxe de Lisboa. Plumas (57kg): Paulo Jorge (Sporting) venceu Vítor Ferreira, (Musgueira); médios ligeiros (71kg): Hélio Barreto (Sporting) derrotou Francisco Abrunhosa (Belenenses); meio-médio (67kg): Carlos Neto (Sporting) venceu Artur Jorge (Económicos); galos (54kg): Adelino Livramento (Belenenses) triunfou sobre José Monteiro (Musgueira); médio ligeiro (71kg): Jaime Félix (Rio de Mouro) venceu Manuel Bonito (Económicos); meio-médio (67kg): Alfaia Furtado (Belenenses) superou José Rainha (Musgueira) e na categoria de meios-pesados (78kg): António Júlio (Sporting) derrotou Joaquim Silveira (Económicos).

VELA: a dupla Custódio Martins / Sérgio Vitorino, do Grupo Naval de Olhão, sagraram-se campeões regionais de vela da Zona Sul, na classe de cadetes, ao triunfarem no conjunto de regatas disputadas no passado fim-de-semana em Vilamoura.

Na sua agenda

BASQUETEBOL: realiza-se esta noite a final da Taça de Honra, da Associação de Basquetebol de Lisboa, com a participação do Benfica e do Sporting e com palco marcado para o Pavilhão dos Desportos. A anteceder a este importante encontro defrontam-se o Queluz e o Estrela das Avenidas para apuramento dos 3.º e 4.º, classificados. A sessão terá início pelas 20 horas.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
16.º JUÍZO

Proc. N.º 9367 — 1.ª Secção

ANÚNCIO

Faz saber que por este Juízo e primeira secção, nos autos de Acção Sumária em que são Autora-SYSTEMS PUBLISHING (PORTUGAL) EDITORES, Ld.ª e Ré-MARIA LUCÍLIA REBELO PINHO, esta ausente em parte incerta e com última morada conhecida na Rua da Paz, Furadouro em Ovar, correm éditos de trinta dias contados da data da 2.ª e última publicação do anúncio citando a Ré acima indicada para, no prazo de dez dias findo o dos éditos, contestar, querendo, a referida acção sob pena de ser condenada no pedido que consiste no pagamento à Autora da quantia de sessenta e sete mil e oitenta escudos acrescida de juros à taxa legal, custas e procuradoria.

Lisboa, 10 de Outubro de 1986

O Juiz,
Armando Moita dos Santos Lourenço
O Escrivão de Direito,
Amilcar Augusto Abrunhosa

«DL» 21/10/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA
ANÚNCIO
Proc. n.º 1294/86
2.º Juízo

Por este Tribunal e 1.ª Secção de processos correm éditos de 30 dias, contados da 2.ª e última publicação do presente anúncio, citando o réu BELMIRO DE JESUS ROCHA, com última residência conhecida na Rua Prof. Dr. Joaquim Fontes, 14 r/c Esq., em Mem Martins, actualmente em parte incerta da Suiça, para, no prazo de 20 dias, decorrido que esteja o prazo dos éditos, contestar, querendo, a ACÇÃO ESPECIAL DE DIVÓRCIO LITIGIOSO que lhe move Sílvia Maria da Conceição Leiros Rocha, residente na Praceta Damão, n.º 4 r/c Dt.º, em Mem Martins.

Pode, igualmente, dentro do mesmo prazo e finda que esteja a mesma dilação, contestar, querendo, o pedido de assitência judiciária, que, por despacho de 3 de Outubro de 1986, foi admitido liminarmente.

Sintra, 9 de Outubro de 1986
O Juiz de Direito,
Jorge Ramos da Silva
O Escrivão Adjunto,
João Inocêncio da Silva Fialho
«DL» 21/10/86 — 1.º Pub.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei n.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL, SITA EM LISBOA, NA RUA PASCOAL DE MELO, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Monchique, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP Electricidade de Portugal-E.P.-Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/2833, arquivo 3861, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Monchique, de uma linha aérea a 60 kv, «LI60-71-1 Monchique» com 4 426 metros, entre o poste n.º 47, da linha Porto de Lagos-Aljezur e a subestação SE 60-605 Monchique, situada em Nave.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL, ou na Secretaria daquele Câmara Municipal, dentro do citado prezo.

DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, em 13 de Outubro de 1986

Pel'o Engenheiro Director de Serviços,
Joaquim Gonçalves dos Santos

VESTUARIO EM CABEDAL
E ANTÍLOPE
CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECÇÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUES DE TOMAR, 68-1.º ESQ.
☎ 77 11 58 — 1000 LISBOA

Lei do mecenato é amanhã apresentada a potenciais "mecenas"

Administradores de mais de uma centena de grandes empresas, bancos e companhias de seguros, reúnem-se no Palácio de Queluz para saber como poderão aplicar parcialmente os seus impostos em artes e cultura.

Um diaporama «aguçar-lhes-á o apetite», ao mostrar-lhes os aspectos diversificados em que a aplicação poderá efectuar-se: restauro de obras de arte, recuperação de monumentos e arquitectura regional, manifestações culturais, desde exposições a espectáculos, entre outros campos.

Claro que a aplicação dos impostos deste modo é facultativa. Mas em contrapartida, os industriais terão o imposto reduzido e verão melhorar a sua imagem junto do público.

«Têm nisso vantagem especialmente as empresas que têm uma imagem desagradável, como as ligadas ao tabaco», explicou a secretária de Estado da Cultura. Teresa Gouveia, numa sessão ontem realizada também na Sala dos Embaixadores do Palácio de Queluz, com os órgãos de informação para apresentação do diaporama e do que é conhecido por «Lei do Mecenato».

Teresa Gouveia afirmou estar optimista com a recepção dos empresários portugueses e a sua sensibilização para as coisas da arte e da cultura nacionais.

«O facto de terem correspondido um tão elevado número de empresas é já por si significativo» — comentou Teresa Gouveia admitindo, no entanto, que esse, interesse pela cerimónia de lançamento nacional da Lei se deve também à presença do Primeiro-Ministro e dos ministros das Finanças da Indústria e Comércio, da Educação e do secretário de Estado para os Assuntos Fiscais, «porque é sempre uma boa oportunidade para troca de impressões», acrescentou.

O Decreto-Lei n.º 258/86 foi promulgado e referendado em Agosto e publicado no «Diário da República a 28 do mesmo mês.

«Estou esperançada nos industriais portugueses» — afirmou a secretária de Estado da Cultura aos jornalistas.

«Aguçar o apetite» aos industriais passa pela admiração deste quadro exposto na Sala dos Embaixadores do Palácio de Queluz. Trata-se do príncipe D. José, filho de D. Maria I, e foi doado por uma empresa áquele palácio.

No seu preâmbulo se afirma que «não deve competir exclusivamente aos poderes públicos o apoio financeiro à criação, à acção e à difusão cultural, já que neste domínio, especial responsabilidade pertence a toda a comunidade, por se tratar da defesa e salvaguarda de algo que é a própria razão de ser da existência de Portugal como entidade autónoma no concerto dos povos».

No momento em que o País se integra na Comunidade Económica Europeia «mais imperioso se torna presercar e afirmar a identidade cultural portuguesa, pelo que se afigura necessário criar condições capazes de permitir aos particulares apoiar decididamente a criação cultural portuguesa e um melhor e mais amplo conhecimento, pelos portugueses, da sua própria cultura».

O decreto-lei enuncia em seguida os benefícios fiscais dos industriais que queiram por esta via exercer o mecenato culturl, benefícios que se traduzirão na redução quer da contribuição industrial, como do Imposto Complementar e da Contribuição Predial e do Imposto da Indústria Agrícola.

A doação far-se-á de modo directo. O industrial dirige-se directamente à instituição a que quiser dar o seu contributo. No caso de ser uma instituição pública, propriedade do Estado ou de uma autarquia, por exemplo, o reconhecimento da utilidade do donativo é automático; no caso de se tratar de uma entidade privada, o reconhecimento deve ser objecto de um despacho conjunto do Ministério das Finanças e da Secretaria de Estado da Cultura.

Traçando um paralelo com a aplicação do «mecenato» noutros países, Teresa Gouveia considerou que a lei portuguesa é «generosa», na medida em que estabelece número variado de campos culturais e da arte, em que pode ser exercido o mecenato, e mostrou-se esperançada em que, progressivamente, a nova lei vai representar um significativo incremento na vida cultural do País.

A propósito de incremento da cultura, a secretária de Estado referiu que a fracção do OE para 86 foi de cinco milhões «e tal» para a Cultura e que a proposta para 87 implica um aumento de 20 por cento das verbas do OE e de 50 por cento do PIDAC.

Na cerimónia de lançamento nacional da «Lei do Mecenato» amanhã, às 19 horas, no Palácio de Queluz, usarão da palavra, além de Teresa Gouveia, o presidente da Fundação Gulbenkian, Azeredo Perdigão, que falará da acção de mecenato de Calouste Gulbenkian, Colin Tweedly, director da «Association for Business Sponsorship of the Arts», de Londres, e o «Rear Admiral» Philip A. Whitacre, «Chief Development Officer» de National Symphony Orchestra, de Washington.

João d'Ávila esta tarde na Sociedade de Língua Portuguesa

João d'Ávila, actor e intérprete de poesia, preenche esta tarde, a partir das 18,30, na Sociedade de Língua Portuguesa — Rua de S. José, 41-2.º — a «Sessão das terças-feiras», com poemas de mulheres.

As autoras seleccionadas são: Ana Hatherly, Cecília Meireles, Fernanda de Castro, Florbela Espanca, Maria Alberta Menéres, Maria Giraldes, Maria Tresa Horta, Natália Correia, Sallete Tavares, Sophia de Mello Breyner e Tina Sequeira.

João d'Ávila, que em breve vai regressar aos palcos com textos de Becket e Kafka e participar em «Electra e as Máscaras» de Marguerite Yourcenar, nova produção da Casa da Comédia, tem realizado no estrangeiro recitais através de associações culturais das comunidades portuguesas e de universidades, como a de Londres (King's College), Hamburgo, Rio de Janeiro, Caracas, Los Angeles, Berkelley e Benarés.

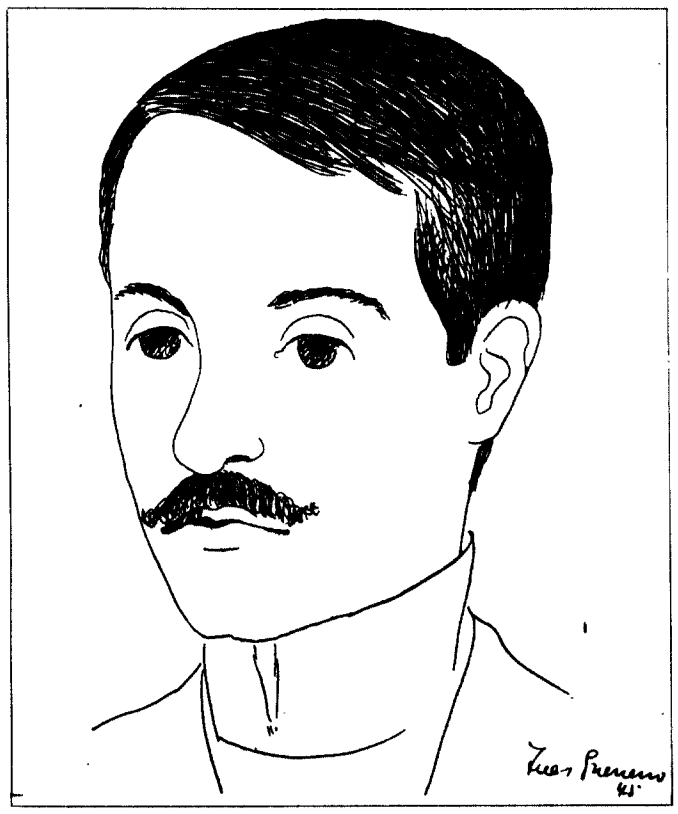
Na próxima terça-feira, dia 28, a arq. Helena Roseta abordará o tema «A Língua Portuguesa e uma Nova Maneira de Ver Portugal».

Centenário de Cesário Verde hoje na Biblioteca Nacional

Comemorando o centenário da morte de Cesário Verde, a Biblioteca Nacional organizou uma exposição bibliográfica e iconográfica que será hoje inaugurada oficialmente, às 17 horas, e se manterá patente ao público até ao fim de Novembro, das segundas às sextas-feiras das 10 às 17.30 horas e aos sábados das 10 às 13 horas.

Na parte bibliográfica esta exposição inclui as edições de **O Livro de Cesário Verde,** desde a primeira, de 1887, e as da **Obra Completa,** as revistas e jornais onde enquanto vivo o poeta publicou as suas produções, o que dele tem sido traduzido em catalão, castelhano, francês, inglês e italiano, e, sobre a sua vida e obra, tudo o mais importante que se escreveu em Portugal e lá fora. O catálogo editado descreve mais de 300 espécies.

Na parte icoonográfica, além de fotografias e gravuras, figuram o retrato a óleo de Cesário Verde pelo grande pintor de Lisboa que foi Carlos Botelho e os originais das ilustrações do mesmo artista destinadas a uma edição de **O Livro.**



Após o acto inaugural, o sr. prof. dr. Joel Serrão proferirá, no anfiteatro da Biblioteca Nacional, uma conferência intitulada «De Cesário Verde a Bernardo Soares».

Além do catálogo desta exposição, que é ilustrado, a Bibliotreca Nacional editou postais e foi também feito um cartaz. Durante a exposição, na sala onde foi montada, será passado um diaporama realizado por Eva Maria Filipe e tendo como fundo sonoro «O Sentimento dum Ocidental» e excertos de «Nós» ditos pelo actor e declamador João Perry.

Esta exposição, concebida de modo a poder continuar na itinerância, repetir-se-á, a partir de Dezembro, no Palácio Anjos, em Algés — aqui por ser o recinto apropriado mais próximo da vivência rural de Cesário Verde em Linda-a-Pastora —, e em Coimbra e Porto.

Portugueses gravam para o subsídio de Natal

Luís Pinheiro de Almeida

Serviço NP/«DL»

Sérgio Godinho a cantar António Mafra, Roberto Carlos transformado em fado. Zeca Afonso traduzido em saxofone e «Ó Tempo Volta Para Trás» pela Orquestra Sinfónica de Londres são algumas das novidades discográficas de portugueses a sair até ao Natal.

O Natal é tradicionalmente a época que as editoras nacionais escolhem para lançar os produtos locais aproveitando deste modo uma maior liquidez do mercado provocada pelos subsídios de Natal.

Há editoras que até Dezembro lançam um nome nacional por semana, apurou a agência Notícias de Portugal.

«Na Vida Real» é o título do último álbum de Sérgio Godinho. Será posto à venda no dia 22 de Novembro. Tem 10 temas originais do cantor mais uma versão de «O Carteiro», de António Mafra, onde há também a participação de Rui Veloso.

«Definição do Amor», «Isto Anda Tudo Ligado», «Lisboa que Amanhece», «Dor de Alma» (do filme «Repórter X»), «A Carroça dos Poetas», «O Fugitivo», «Pode Alguém Ser Quem é», «Elogio do Artesão», Emboscadas» e «Na Vida Real», são os títulos das 10 faixas originais.

O saxofonista Nana Sousa Dias tem também novo álbum neste Natal. Chama-se «Ousadias» e dele constam versões da «Pedra Filosofal» de Manuel Freire, do «Namoro» de Fausto, da «Mariazinha» de José Mário Branco, da «Noite Passada» de Sérgio Godinho, de «Maio, Maduro, Maio», de José Afonso.

No fado há dois novos discos, ambos já gravados mas ambos ainda sem título: um de Rodrigo, outro de Nuno da Câmara Pereira. Este último tem a particularidade de incluir um tema de Roberto Carlos, «Meu Querido, Meu Velho, Meu Amigo».

Saído do fado anda Jorge Fernando que ligeiro e a solo tem, para o Natal, o álbum «Enamorado». Faixas mais significativas, segundo a editora: «Mulata» (single). «São Coisas» e «Rouxinol Asa de Vento».

No sector ligeiro há ainda um novo single de Carlos Paião, «Cegonha», um maxi-single dos Ban, «Santa», e um álbum de Raul Ouro Negro com o grupo Raízes. «Só Santo» se chama o LP. Lena D'Água extraiu mais um single do seu último album: «Estou Contigo».

Vitorino aproveita também o balanço do Natal para editar o single «Joana Rosa» o mesmo fazendo Eugénia Melo e Castro.

Com produção de José Maria Corte-Real, antigo DJ na Suécia, vai aparecer nas discotecas, «Latino Americano» de Spunk, nome de guerra de Paula Monteiro, ex-colaboradora do jornal «Blitz» e também integrante do grupo Zanzibar.

Do chamado rock português esperam-se álguns de Rui Veloso (considerado o seu pai), dos GNR, dos Herois do Mar e dos Xutos e Pontapés.

«Psicopatria» é o título do álbum do Grupo Novo Rock. «Pós modernos», «Efectivamente» e «Ao Soldado Desconhecido» alguns dos nomes das faixas.

Nos Heróis do Mar o álbum chama-se «Macau», o dos Xutos e Pontapés é ao vivo gravado no Rock Rendez-Vous.

José Calvário tem novo disco ainda com a Orquestra Sinfónica de Londres. Desta feita trata-se de um duplo álbum que recebeu o título de «Saudades Número Dois». Algumas faixas: «Ó Tempo Volta para Trás», «Cheira Bem Cheira a Lisboa», «Nem às Paredes Confesso», «Bailinho da Madeira», Pomba Branca», a «Mula da Cooperativa».

Mais dirigido ao público infantil, vão surgir discos do Avô cantigas, de Ana Faria, que regressa aos «Brincando aos Clássicos» e dos «Queijinhos Frescos» com um «best of».

A cantar em inglês, vai surgir um maxi de Gabriela Schaff, «Only a Fool», gravado em Londres com músicos dos Tears for Fears, e um álbum de Paulo Gonzo, «My Desire», com uma versão de «These Arms of Mine», de Otis Redding.

Sérgio Godinho

Zeca Afonso

Rui Veloso

ROTEIRO CULTURAL

«Eros e Psique» — um desenho de Lima de Freitas exposto em Torres Novas, na Galeria Neupergama

Exposições

● Na galeria Neupergama, em Torre Novas, está patente até ao dia 15 de Novembro uma exposição de pintura e desenho de Lima de Freitas. A propósito, escreve Roxana Eminescu: «É raro uma obra responder tão harmoniosamente às ideias que a engendraram, a personalidade de um artista reflectir com tanta fidelidade a personalidade do homem que o representa na vida, como no caso de Lima de Freitas (...)»

● A partir de oje e até 2 de Novembro no ex-Cine Plaza, uma exposição de modelismo por iniciativa da Câmara Municipal da Amadora e do Centro Cultural Roque Gameiro. A inauguração é esta noite, pelas 21 horas, e a mostra pode ser vista, a partir de quarta-feira, entre as 9 e as 13 e as 15 e as 23 horas.

● Na Galeria Almada Negreiros, na Avenida da República, n.º16, uma exposição intitulada «Índia Latina nos Desenho de Mário Miranda». Até 2 de Novembro, todos os dias das 10 às 20, excepto 2.ªs feiras.

● Na Galeria Tempo — R. Nova de S. Mamede, 17 — uma mostra dos mais recentes trabalhos de pintura do artista moçambicano Roberto Chichorro. Nascido em Malhangalene em 1941, este autor é considerado como verdadeiramente importante no contexto da actual arte africana. Iniciando a sua carreira em 1965, foi de 1983 a 1985 bolseiro em Madrid, onde trabalhou em gravura com Oscar Manezi enquanto, frequentando o «Taller Azul», se dedicou à cerâmica. Esta exposição de Roberto Chichorro poderá ser visitada até 5 de Novembro, de segunda a sábado entre as 16 e as 20 horas.

● Na Altamira — R. Filipe Folque, 48-A, até 20 de Novembro uma exposição de pintura de Vítor Fortes. Todos os dias úteis das 10 às 19 e aos sábados das 10 às 13 horas.

● Exposição de pintura de Evelina Coelho na Galeria Paulino Ferreira — Rua Nova da Trindade n.º 18 até 27 de Outubro das 9 às 12.30 e das 14.30 às 19 excepto aos domingos.

● No Atelier 15-R. Freitas Gazul, 24-D, uma exposição com o título «Encontro com a Natureza» composta por aguarelas e gravuras da autoria de Américo Silva e José Noel Perdigão, ambos naturais de Vila Franca de Xira. Lê-se no catálogo: «Nascemos em Vila Franca e, apesar de certa diferença etária, desde a nossa juventude que nos mostramos vivamente interessados pelas manifestações artísticas da nossa terra, experiência que deu oportunidade a conhecer-nos melhor e que se tem projectado ao longo da nossa vida».

● Na Galeria Gilde em S. Torcato, uma exposição de pintura de Noronha da Costa — de terça a domingo das 15 às 19 horas.

● Na Sociedade de Língua Portuguesa — R. de S. José, 41 — 2.º, juntam-se na Sala Camões, entre hoje e o dia 31, Barata Moura e Adriana Rodrigues. O pintor apresenta uma colecção de quadros sobre o tema «O Pintor e a Vida» enquanto a escritora desenvolve (dias 23, 27 e 30), às 18 horas, os temas «Freitas Jorge, uma escritora a conhecer», «Para uma imagem do professor primário» e «O Pi na Literatura».

● Na Galeria Ana Isabel — R. da Emenda, 111-1.º, uma exposição do pintor José David composta por óleos, acrílicos, aguarelas e desenhos. De segunda a sábado das 14.30 às 19.30, até 31 de outubro.

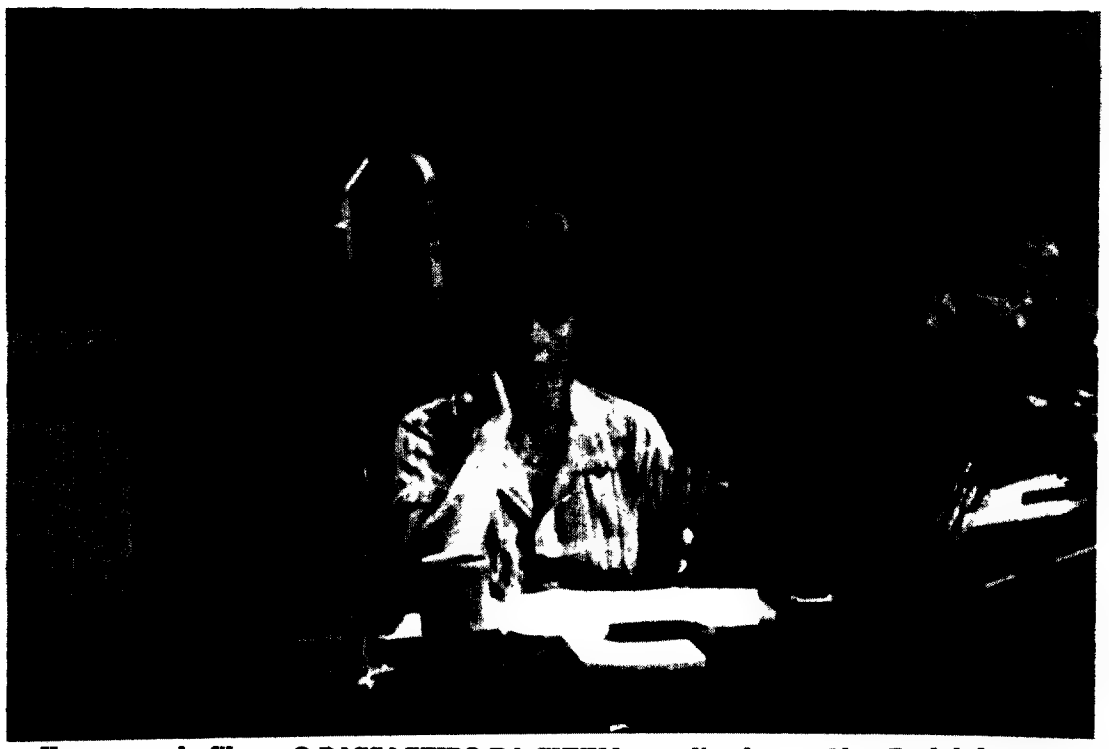
Livros

● Na Casa da Imprensa — R. da Horta Seca, 20, hoje ás 18.30 uma sessão sobre o livro de Alexandre Pinheiro Torres «Tubarões e Peixe Miúdo». Falarão sobre o livro o escritor José Cardoso Pires e o autor.

Conferências

● Esta tarde, às 18.30, na Sala 1 dos Congressos da Fundação Gulbenkian, uma conferência do prof. Henning Bro Rasmussen, membro honorário da International Society for Music Education, sobre «A Música e a Educação Musical na Dinamarca». A conferência será proferida em língua inglesa. Uma iniciativa da Associação Portuguesa de Educação Musical.

CINEMAS



Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA CHUVA», realizado por Alan Rudolph, em exibição no cinema QUARTETO. Filme de qualidade.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
ASES INDOMÁVEIS
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319
REVOLUÇÃO
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

ASES INDOMÁVEIS
(maioes 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

...NO DO DRAGÃO
...aiores 12 anos)
...45, 16.45, 19.15, 21.45 e ...15 h

UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70
A VERDADE DOS FACTOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930
COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
EMANUEL – A ANTIVIRGEM
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio
— T. 372358
AMANDA-PERIGO SEXUAL
(int. a m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
ENCONTRO COM O AMOR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, e 21.30 h
O TRITURADOR
(int. men. 18 anos)
(24 h)

Cinebolso
A BALADA DA CASA DAS GATAS
(int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194
A 3.ª CÂMARA DE SHAOLIN
(maiores 18 anos)
14.15, 16.305 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
NOITES ESCALDANTES
(n/acons. a men. 18 anos)
14.00, 16,30, 19 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
VOLUNTÁRIOS À FORÇA
(maiores de 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
TERNOS LAÇOS
(maioes 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
GENTE GIRA N.º 2
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cinemateca
BELA DE DIA
18.30 h
VIAGENS COM A MINHA TIA
21.30 h

Condes
FIX — EFEITOS MORTAIS T. 322523
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
ROCKY IV
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134
MAD MAX III – ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO
(maiores 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078
COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

Sala 1
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2
O RAPAZ DA COCA-COLA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3
VIVER E MORRER EM LOS ANGELES
(m. 16 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Gemini
— T. 734009
ASES INDOMÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
FIX — EFEITOS MORTAIS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
HERANÇA DA SOGRA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio
— T. 555134
DESEJO DE MORTE
(maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
FIX — EFEITOS MORTAIS
(m. 12 anos)
14, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres
— T. 801313
ANA E AS SUAS IRMÃS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
Encerrado para remodelação

Nimas
— T. 574362
UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
TORNADO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
FOME DE SEXO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. a men. 18 anos)

Pathe
— 821933
O MARGINAL
(maiores de 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305
COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
O NAVIO FAROL
(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
DEBAIXO DO VULCÃO
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 2
DIFAMAÇÃO
(n/acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O LADRÃO PROFISSIONAL
(m. 16 anos)

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
HAIR
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 4
O PASSAGEIRO DA NOITE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
DESCULPE, ONDE FICA O FAR-WEST?
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192
COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 162 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
NINJA – O VINGADOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3
A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715
A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Star
— T. 804210
GINGER E FRED
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
MAQUADE – O LOBO SOLITÁRIO
(m. 18 anos)
15, 17.30 e 21.45 h
A LEI DOS DUROS
(maiores 18 anos)
24.00 h

Voxmania
— T. 880808
GRANDE HONRA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e e 21.00 h

Xenon
— T. 368480
ACADEMIA DE DOUTORES
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151
EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES
(indianos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «A Garota do Vestido Cor-de- Rosa», às 15.30 e 21.15 h (m. 12 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «O Terror no Hospital», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
AMADORA — Babilónia — «Cobra — O Braço Forte da Lei», às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h (m. 16 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Terror na Auto-Estrada», às 15 e 21.30 h (m. 18 anos)
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Descanso»
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Ases Indomáveis», às 15.30, 18.00 e 21.30 h (m. 12 anos)
SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «Jovens Guerrilheiros», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «007 Vive deixa morrer», às 17.00 e 21.15 h (m. 12 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «Revolução», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Academia de Polícia III», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)
Sala 2 — «Acto de Vingança», às 15.30 e 21.45 (m. 16 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «O Romance de Monphy», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «A Cor Púrpura», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Ana e as suas Irmãs», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)
CASCAIS — Oxford — «Cobra — O Braço Forte da Lei», às 16 e 21.30 h (m. 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Desaparecido em Combate», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
ALMADA — Incrível Almadense — «Os Caça Fantasmas», às 15.30 e 21.30 h, (maiores 16 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «A Cor Púrpura», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «As Forças do Universo», às 15.45 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «O Sol da Meia-Noite», às 16.15 e 21.45 h (m. 12 anos)
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Caso de Berlim», às 15 e 21.15 (m. 18 anos)
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Caçadores no Espaço», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)
ODIVELAS — Cineodivel — «Seis Mulheres para um Detective», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — BAIRRO AMÉRICA: Costa Ferreira, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448); **BAIXA: Durão**, R. Garrett, 92 (T. 324166); **CAMPO DE OURIQUE: Condestável**, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 666206); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **ESTEFÂNIA: Morgado Lourenço**, L. D. Estefânia, 4-5 (T. 554808); **ESTRELA: Martins**, C. da Estrela, 165-167 (T. 660823); **JOÃO XXI: Onilda**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **MARQUÊS DE POMBAL - PICOAS: Correia Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais**, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÃ: Aguiar**, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **SANTO AMARO: Correia Azevedo**, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 2104556); **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — AJUDA: Lídia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); **ALVALADE: Cartaxo**, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS: Valle**, Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); **BENFICA - IGREJA: MARQUES**, E. de Benfica, 648 (T. 700096); **CAMPOLIDE: Pátria**, C. dos Mestres, 30-A (T. 680627); **HOSPITAL DE SÃO JOSÉ - DESTERRO: Silmar**, R. de São Lázaro, 128 (T. 542829); **INFANTE SANTO - PAMPULHA: Infante Santo**, R. do Olival, 290 (T. 661003); **PALÁCIO DE SÃO BENTO: Micael**, R. de São Bento, 380-382 (T. 662162); **PENHA DE FRANÇA: Central da Penha**, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **VALE FORMOSO - POÇO DO BISPO: Barros Gouveia**, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, Célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 22 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Silva Inácio**, P. Gomes Teixeira, 45 (T. 2071862). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Bocageana**, R. do Romeu (T. 23425). Permanente; **Oliveira Rodrigues**, Vale das Cerejeiras, lote 11 (T. 31567). Permanente; **Louro**, R. Frei António das Chagas (T. 24491). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Almeida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imanil, lote 7-B, Hera (T. 2852121); MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 4932210). Permanente; **Melo**, P. D. João I, 9-B (T. 4932756). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Permanente; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 965849). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, Est. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim**, (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maira Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 54
De 3.ª a sáb., às 20.30 e 22.45; domingo às 16 h
"LISBOA, TEJO E TUDO", de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho, Alexandra Solnado, entre outros.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24, às Janelas Verdes — — Tel. 60 72 99
De 3.ª a sábado, às 21.45; sábados, 18.00 e 21.45; domingos, às 18.00 h
"A BELA PORTUGUESA", de Agustina Bessa Luís. Dram.: Eugénia Vasques. Enc./Cen.: Filipe La Féria. Inter.: Fernando Heitor, Júlia Correia e Monique Rutler.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 53 00
De 3.ª a sáb., às 21.30; sáb.dos, e dom.gos, às 16 h
"CALAMITY JANE — UMA MULHER DE ARMAS", dramaturgia e encenação de Hélder Costa. Interpretação de Maria do Céu Guerra.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20
De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb.dos e dom.gos, às 16 h
"GALILEU GALILEI", de Bertolt Brech. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46
De 3.ª a sáb., às 21.30 h, dom.gos às 16.00 h
"MÃE CORAGEM E SEUS FILHOS", de Bertolt. Enc.: de João Lourenço. Cen.: José Carlos Barros. Música: Paulo Dassau/Pedro Osório. Intérp.: António Anjos, António Banha,. Barroso Lopes, Catarina Avelar, Eunice Muñoz, Irene Cruz, Mário Pereira, Rogério Paulo, Rui Carvalho, entre outros.

D. Maria II

Sala Experimental. Rossio — — Tel. 32 22 10
De 3.ª a sáb. às 21.45, dom.gos às 16.30 h
"O ASFALTO DOS INFERNOS", de Ricardo Costa. Enc. de Manuel Coelho. Cen. e fig.: de Nuno Carinhas. Tradução: de Orlando Neves. Música: de Fernando Guerra. Interp.: de Ligya Teles.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17
De 3.ª a sáb., às 20.30 e às 22.45 h
domingo, às 16.00 h
"ISTO É MARIA VITÓRIA", de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação: de Ivone Silva, Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

Setubal — Teatro de Animação

R. Balneário Dr. Paulo Borba — Tel. 29 11 30
De 5.ª a domingo às 21.30 h
"ALVES E COMPANHIA", de Eça de Queiroz. Encenação: de Fernando Gomes. Intérpretes: Maria Simões, Isabel Gamilho, Filomena Gonçalves, João Manuel e Carlos Rodrigues, entre outros.

Teatro da Graça

T. de S. Vicente, 11 — Tel. 87 56 26
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 h
"AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT", de Fassbinder. Intérpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Salem Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74
Sábados e domingos, às 16.00 h
«NO REINO DA FANTASIA». Pelo TIL.

Porto — Cooperativa do Povo Portuense

R. de Camões
Todas as noites a Seiva Trupe apresenta
"TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA», de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. Intérp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

Cascais — TEC — Espaço 2

Av. Marechal Carmona, 6-B — Tel. 286 79 33
Dias de semana, às 21.30, excepto 4.ª-feira; domingos, às 16.00 h
"FAÇA UMA CARA INTELIGENTE E DEPOIS VOLTE AO NORMAL", de Marcus Rey. Estreia a 25.
"B... EM CADEIRAS DE RODAS", de Ronald Radde. Estreia a 27. Interpretado pelo Teatro Espaço, sob direcção de Águeda Sena.

Teatro Maizum

R. de São Bento, 75 — Tel. 60 18 66
Sábados, às 16.00
"RUA DOS FANTASMAS", de Xavier Villapañe

Porto — Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550
De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00 e 21.30 h
"UM CORONEL EM DOIS ACTOS", inter.: por Camilo de Oliveira, Natália de Sousa, António Feio, Dulce Guimarães, entre outros.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 72 60 818
De 3.ª a sáb. às 21.30, domingos às 17.00 h
"O TOURO", de Abel Neves. Enc.: de João Mota. Mus.: de Carlos Mendes. Interp.: Abel Neves, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Cecília de Sousa, João Mota, entre outros.

Realejo

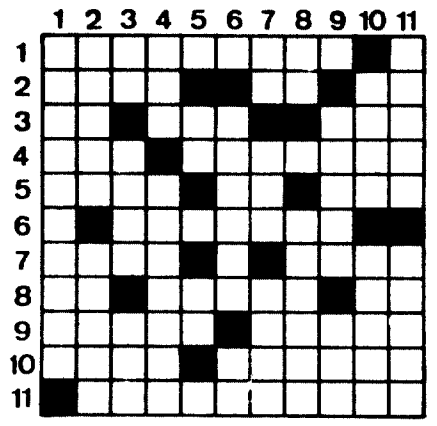
R. dos Mercadores, 132, à (Ribeira) Tel. 38 36 42
De quarta a domingo, às 21.30.
"DRÁCULA JÚNIOR", de Fernando Gomes, pela Casa da Comédia. Int.: Fernando Gomes, Fernando Luís, Lucília Telmo, Maria Vieira, Pedro Advirta e Sílvia Sequeira.

Porto — Árvore — Cooperativa de Actividades Artísticas

R. Azevedo de Albuquerque, 1 — Tel. 31 72 35 / 38 38 67
De 2.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00
«MINHA MÃE E SUAS QUATRO FILHAS», de Maria Morais. Intérprete: Maria Morais (Oficina do Grotesco). Afe 18 de Outubro.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 864



HORIZONTAIS:

1 Leiloeiro. Artigo definido.
2 Versejo. Mulo. Nota musical.
3 Preposição. Suspiros. Colocar.
4 Cidade do Sudão Francês, na margem do Níger. Mulata.
5 Indivíduo misantropo. Nota musical. Pátria.
6 Alcatifa.
7 Morada. Acção de empar.
8 Ondas curtas. Vassourara o forno depois de aquecido. Sufixo que designa estado.
9 Freguesia do concelho de Loulé. Da Arábia.
10 Cidade da Argélia. Aproxima.
11 Tomasses de assinatura.

VERTICAIS:

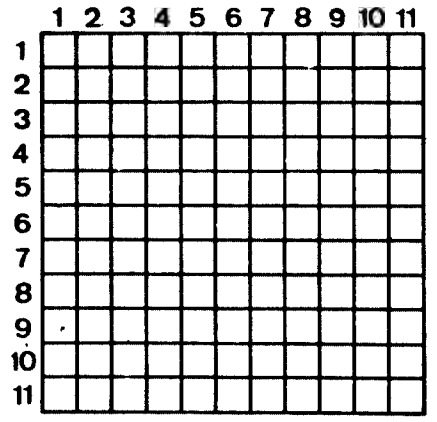
1 Mandrião,
2 Versejar. Cidade do Estado do Pará.
3 Preposição. Sufixo que designa abundância. Pêlos de certos animais.
4 Distrito da ex-Índia Portuguesa. Género de crustáceos (pl).
5 Prefixo de negação. Clima.
6 Tempo do verbo ser. Afinal. Prefixo de privação.
7 Nota musical (inv). Feche as asas para descer mais depressa. Espécie de nabo.
8 Ruténio (s.q). Maquinismos para tecer.
9 Descascam. Suspiros.
10 Cidade da Arábia. Mendigo.
11 Dar oiro a. Superfícies planas delimitadas.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 693

HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Recusa. Gálio (s.q).
2 Cidade da Baviera. Freguesia do concelho de Seia.
3 Satélite de Júpiter. Cousa nenhuma. Fruto da ateira.
4 Freguesia do concelho e distrito de Bragança. Bondoso.
5 Ciclone violento, frequente no litoral americano.
6 Seguia. Ósmio (s.q). Pronome pessoal.
7 Mitologia (abrev). Crómio (s.q). Numeral cardinal.
8 Penalizar.
9 Enrubescem. Rio da Suíça.
10 Fileiras. Causa agastamento.
11 Astrónomo português que montou o Observatório Astronómico de Lisboa. Fruto dos cereais. Preposição.



VERTICAIS:

1 Letra grega. Possui. Animal doméstico.
2 Grito. Sacrifício.
3 Preposição. Fragmentaram.
4 Romance de Emílio Zola. Fluido aeriforme.
5 Apanha. Preposição.
6 Aquela que nada. Viração.
7 Terramotos. Capital da Letónia (URSS).
8 O mesmo que oh! Preposição e artigo.
9 Freguesia do concelho de Mirandela.
10 Grampo. Interjeição brasileira. Preposição.
11 Misturaram.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 863**

HORIZONTAIS:

1 NÃO. MEDRAM.
2 Arrolhai. Am.
3 Min. Sargo.
4 Gaudio. Não.
5 Nem. Capas.
6 Pão. Oro.
7 Orlaras.
8 Nosso. Trams.
9 Hg. Ruim. Mo.
10 Arrua. Cão.
11 Somar. Orgia.

VERTICAIS:

1 Na. GALINHAS.
2 Arma. Ogro.
3 Oriundos. Rm.
4 ONDE. Rs. Ua.
5 Ml. Implorar.
6 He. Aa.
7 Dás. Cortiço.
8 Riana. Armas.
9 A. RAPOSA. Og.
10 Magoar. SM.
11 Mo. Só. MORA.

PROVÉRBIO: Não medram galinhas onde a raposa mora.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 692**

HORIZONTAIS:

1 Burro.
2 Vairão. Paço.
3 Batuta.
4 Rei. Aprumar.
5 La. Sais. Vê.
6 Man. Go. Sam.
7 Uro. Messe.
8 La. An. QS.
9 Tensa. Cu.
10 Emaça. Pales.
11 Rela. Ateira.

VERTICAIS:

1 Ovar. Mulher,
2 Elara. Me.
3 Bibiano. Tal.
4 Ura. Eça.
5 Ratas. Maná.
6 Roupagens.
7 Trios. Apt.
8 Paus. Se. Ae.
9 Ba. Se. CLI.
10 Crava. Quer.
11 Só. Ramas. Sã.

Radio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.30**: Trechos de óperas, de Mozart; **17.00**: Integrais; **17.32**: Serenata, em dó maior, op. 48, de Tchaikovsky; **18.00**: Trio, em lá menor, op. 114, de Brahms; **18.40**: Os grandes intérpretes; **20.19**: Chacone, em fá maior, de Pachelbell; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música instrumental; **21.30**: Música sinfónica; **22.30**: Música portuguesa; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **16.00**: A feira mágica; **19.15**: Musical; **20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora; **02.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazz; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Diário do desporto; **22.30**: Clube dos coleccionadores; **23.00**: A vez e a voz; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional- Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Ligação à rede nacional.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; **15.00**: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.30**: Diversos; **20.00**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço: **23.30**: Diário do desporto; **23.57**: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa-noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP1

18.02 — Sumário
18.07 — Brinca Brincando
18.50 — Par ou Ímpar
19.30 — Telejornal
20.10 — Corpo a Corpo

Episódio 161.º: Osmar convida Teresa para sair e jalusa continua a apoiar Raul. Cristina convence Lúcia de que ela deve procurar Alice e demonstrar-lhe o carinho que sente pela filha. Alice recebe-a friamente e conta-lhe que Amauri e Cristina jantarão juntos, num restaurante elegante. Lúcia convida Olavo e Margarida para jantarem com ela nesse mesmo restaurante. Ao chegarem ao restaurante todos ficam surpreendidos com a presença de Cristina e Amauri.

21.00 — 1.ª Página

Convenção do PRD

21.55 — 4.º Andar

2.º episódio: Miller, Collis, Mackie e Haldane planeiam na Scotland Yard o seu esquema de acção com o objectivo de apanharem Monroe e Payne. Mas Mooroe é muito perigoso e Payne tem relações aos mais altos níveis, nomeadamente com membros do Parlamento e da grande finança. Miller e Collis conseguem seguir Payne e Monroe que vão ter um encontro com Rafaello e Lombardi, figuras importantes da Mafia italiana. Mas aqueles logram escapar no elevador do edifício, enquanto Rafaello e Lombardi são encontrados mortos.

Produção e realização: Ian Toynton; Intérpretes: Christopher Fulford, Richard Graham, Kenneth Haigh, Derrich O'Connor; Geoffrey Whitehead.

22.50 — 24 Horas
23.20 — Remate

«Primeira Página» no 1.º canal às 21 horas, sobre a Convenção do PRD

RTP2

15.47 — Agora, Escolha!
16.15 — Notícias
16.25 — Europa TV

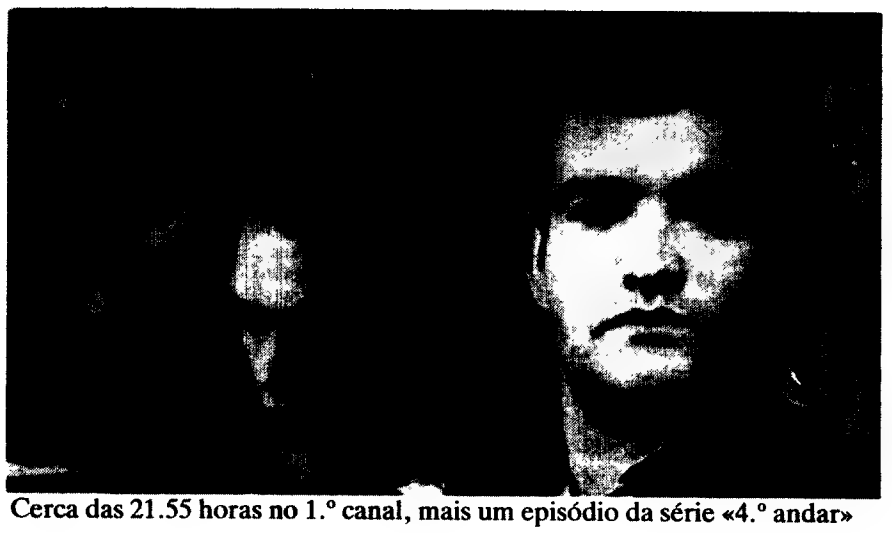
O Tempo: Tempo dos Mais Pequeninos; Countdown: Connexions; Almanaque; O Tempo; O Mundo Amanhã; Eurodesportos; Actualidades; Eurorepórter.

20.00 — Notícias
20.05 — 5.º Dimensão
20.30 — Doce e Amargo
21.00 — Jornal das 9
21.30 — Cinemadois

«Os Favoritos da Lua», Prémio especial do Júri no Festival de Veneza de 1984, é uma co-produção franco-italiana. É um universo desconcertante aquele que descobrimos em «Os Favoritos da Lua». Construído como uma colagem de pequenas intrigas fragmentárias aparentemente independentes, mas onde por vezes vamos encontrar objectos já vistos anteriormente ou mesmo actores intérpretes de outras figuras do filme, Iosseliani propõe um complexo e divertido retrato cruzado: uma certa descrição sociológica de Paris dos nossos dias combina-se com as regras de um conto filosófico sobre a irreversibilide do tempo. «Os Favoritos da Lua»: «É um filme sobre o tempo, sobre a vida que passa. Seguimos a trajectória de certos objectos no tempo e apercebemo-nos que tanto para eles como para nós, o tempo passa inexoravelmente e que todos nós, pobres ou ricos, fracos ou poderosos, desperdiçamos a nossa vida». Há, portanto, uma dimensão profundamente musical em «Os Favoritos da Lua». Iosseliani como que filma um tema e as suas variações, propondo um conjunto de «quadros de vida» que parecem partir do realismo mais estrito para acabarem por impor uma estrutura puramente poética.

Realização: Otar Iosseliani.

23.10 — É de Ler


Cerca das 21.55 horas no 1.º canal, mais um episódio da série «4.º andar»

Amanhã

RTP1

18.02 — Sumário
18.07 — Brinca Brincando
18.50 — Par ou Ímpar
19.30 — Telejornal
20.00 — Boletim Meteorológico
20.10 — Vamos Jogar no Totobola
20.20 — Corpo a Corpo (episódio 162.º)
21.10 — Lotação Esgotada «Arabesco»
23.10 — 24 Horas
23.40 — Remate

RTP2

14.47 — Agora, Escolha!
16.30 — Informação
16.35 — Europa TV
20.00 — Informação
20.05 — 5.ª Dimensão
20.30 — Doce e Amargo
21.00 — Jornal das 9
21.30 — Bailado «Isadora»
23.20 — É de Ler

PORTE PAGO
Fundador

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
04.44 **3,90 m**	10.18 **1,20 m**
17.03 **3,70 m**	22.28 **1,40 m**
Dia 22	
05.16 **3,70 m**	10.52 **1,40 m**
17.37 **3,50 m**	23.02 **1,50 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

BRAGANÇA	9º
VIANA DO CASTELO	16º
VILA REAL	11º
PORTO	13º
COIMBRA	10º
CABO CARVOEIRO	–
CASTELO BRANCO	–
PORTALEGRE	16º
LISBOA	16º
ÉVORA	12º
BEJA	12º
FARO	17º
SAGRES	16º
PONTA DELGADA	19º
FUNCHAL	20º

Como resposta à visita de Savimbi?

PRD pede ao Parlamento Europeu que convide presidente angolano a deslocar-se a Estrasburgo

O PRD informou ontem que os seus deputados no Parlamento Europeu solicitaram já ao presidente deste órgãoque «inicie diligências necessárias para convidar o presidente da República Popular de Angola a deslocar-se a Estraburgo e visitar a sede daquela organização internacional».

A carta, enviada pelo deputado Medeiros Ferreiras ao presidente do Parlamento Europeu, Pierre Pfimlin, solicita ainda que «seja ignorada a eventual presença de individualidades adversas ao regime de Luanda que podem prejudicar os avanços já realizados na aproximação entre países da CEE e a República Popular de Angola, signatários da convenção de Lomé».

Recorde-se que José Eduardo dos Santos tem prevista para o fim deste mês uma visita oficial a França, a convite de François Mitterrand.

Liga dos Direitos das Mulheres recebida na AR

A Liga dos Direitos das Mulheres é recebida na próxima sexta-feira pelo Presidente da Assembleia da República.

A Liga pretende transmitir ao Presidente da AR a preocupação pela eventual extinção da Comissão Parlamentar da Condição Feminina.

Na ocasião entregará um documento sobre a intervenção da mulher na vida política, o problema das cotas de participação em lugares elegíveis e a necessidade de o Parlamento estar sensibilizado para a problemática da mulher, intervindo mais empenhadamente e no âmbito das competências na resolução de situações injustas e discriminatórias.

No âmbito das suas actividades, a Liga solicitou uma entrevista ao ministro da Administração Interna para apreciação de um projecto de criação de centros de atendimento policial de pessoal feminino que mais facilmente atenderão mulheres sujeitas a diversas formas de violência e dirigiu também ao presidente da Câmara de Lisboa um pedido de audiência a fim de sensibilizar a edilidade para a criação de um centro de acolhimento e apoio às mulheres maltratadas e seus filhos.

A Liga promove no próximo dia 30 um jantar no Restaurante Tico-Tico (Rua de Campo de Ourique) em que a presidente da Câmara de Estarreja, Lurdes Breu, falará sobre «As mulheres, a política e a democracia».

FNAC vai abrir na Argélia fábrica de ar condicionado

Uma empresa portuguesa de ar condicionado assinou ontem em Argel uma carta de intenções para a criação de uma sociedade mista encarregada da fabricação de aparelhos de ar condicionado, com uma capacidade de produção de 60 000 unidades.

O acordo foi firmado em Argel pelos administradores da Fábrica Nacional de Ar Condicionado (FNAC) e pela empresa nacional argelina de indústrias electrodomésticas.

A empresa portuguesa fornecerá a tecnologia e a mão-de-obra necessárias para construir a nova fábrica, na região argelina de Cabília, num prazo inferior a um ano.

A decisão foi tomada no final dos trabalhos da segunda sessão da Comissão Mista Luso-Argelina de Cooperação, realizada em Argel, no último domingo, na presença do secretário de Estado português para o Comércio externo, Caldeira da Silva.

/D/E/C/A/R/A/S/

FRANCISCO JOSÉ, o popular cançonetista natural de Évora, foi acometido de doença súbita encontrando-se internado numa unidade hospitalar de Lisboa. O criador de «Olhos Castanhos», «Estrela da Minha Vida» e outros êxitos, sobretudo nas décadas de 50 e 60, tinha marcada uma homenagem, que teve que ser cancelada, no Teatro Garcia Resende, em Évora.

MARIA BARROSO e o ex-Beatle Paul McCartney aderiram à grande gala comemorativa dos 40 anos da UNICEF, anunciou o comité português. Também Nancy Reagan, os príncipes Rainier do Mónaco e Carlos de Inglaterra, a rainha Sofia de Espanha, o actor Dany Kaye (embaixador de boa vontade da UNICEF) e o cantor nagro Harry Belafonte inscreveram os seus nomes na lista de adesões de personalidades mundiais. A gala realiza-se no próximo dia 24 (dia das Nações Unidas) em Haia, com transmissão pela Eurovisão para 22 países, entre os quais Portugal.

ELIE WIESEL, Prémio Nobel da Paz 1986, anunciou que viaja hoje para Moscovo, onde espera encontrar-se com Mikhail Gorbachev e conseguir a saída da União Soviética de vários judeus e do dissidente Andrei Sakharov. Numa conferência de Imprensa realizada ontem na Universidade de Boston, Massachussetts, Weisel disse que desta forma quer pôr ao serviço dos direitos humanos a grande distinção que lhe foi concedida a semana passada.

ALMEIDA SANTOS, presidente parlamentar de Assuntos Constitucionais confirmou à Anop que vai informar a Comissão a que preside sobre o encontro que manteve com Otelo Saraiva de Carvalho. «Otelo Saraiva de Carvalho solicitou-me este encontro na qualidade de presidente da Comissão Parlamentar de Assuntos Constitucionais, Liberdades a Garantias», explica Almeida Santos, acrecentando não desejar revelar pormenores sobre o encontro antes de informar a Comissão sobre os resultados da visita.

D. TEODORO DE FARIA, bispo do Funchal, em visita pastoral às comunidades portuguesas da África do Sul, é esparado na próxima sexta-feira em Joanesburgo. A sua estada prolongar-se-á até ao dia 9 de Novembro. Entretanto, o bispo de Pietersburg procedeu no domingo à cerimónia inaugural da Igreja de Ellisras, construída pelos portugueses residentes naquela localidade do Noroeste do Transvaal, junto à fronteira com o Botswana.

OSCAR LOPES, professor catedrático da Faculdade de Letras do Porto e presidente da Associação Portuguesa de Escritores, profere esta tarde, no Auditório Grande daquele estabelecimento de ensino, a Oração de Sapiência, subordinada ao tema «Humanismo e Humanismos». Óscar Lopes vai jubilar-se este ano lectivo e é professor catedrático da Faculdade de Letras do Porto desde 1974, após o 25 de Abril e, ultimamente, está a orientar seminários de mestrado e trabalhos de preparação de teses de doutoramento.

Mais de quatro toneladas de gás no céu de Lisboa

Mais de quatro toneladas de gás nos céus de Lisboa foi a principal consequência de uma fuga verificada esta manhã quando se procredia ao enchimento de um camião cisterna num dos parques de enchimento da Petrogal, junto aos Olivais.

O acidente ocorreu cerca das 9 e 5, quando se procedia ao enchimento do camião cisterna, matricula IH-36-41, devido a uma avaria na válvula de purga. «Quando se detectou o acidente, puseram-se em funcionamento os sistemas de segurança do parque e da refinaria anexa, tendo-se tomado de imediato, todas as precauções necessárias», declarou no local ao «DL» um porta-voz da Petrogal.

Entre as precauções tomadas, destaque para o corte da circulação de comboios eléctricos numa linha fronteira ao parque de enchimento, o corte da circulação rodoviária numa vasta área em redor das instalações, bem como a comunicação do sucedido às fábricas e oficinas existentes naquela área industrial para que fossem tomadas todas as precauções, «pois não se sabia em que direcção ia a nuvem de gás».

Do mesmo modo, o Batalhão de Sapadores Bombeiros, de imediato chamado para o local, pediu à população residente na área, via emissoras de rádio, para não fazer lume. A detecção a tempo da avaria na válvula, possibilitou ainda, segundo uma fonte da Petrogal, a recolha de cerca de metade do gás que já estaria armazenado no interior da cisterna.

Assim, cerca das 11 e 20, os peritos da Petrogal consideravam que a situação estava normalizada, o que levou à suspensão das medidas preventivas tomadas aquando da detecção da fuga.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

Especial estudos e documentos

A presente edição do «Sete Ponto Sete» divulga um importante estudo de Luís Moita, responsável do Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral, sobre as relações entre a União Soviética e o Terceiro Mundo.

O estudo foi realizado para a revista «Terra Solidária», que aquele centro publica, e que se destina a um público consideravelmente especializado, preocupado com questãoes relativas à Cooperação ou ás relaçõés de Portugal com países em desenvolvimento.

Considerámos que valia a pena alargar a sua leitura, oferecendo o trabalho, também aos leitores habituais do «Diário de Lisboa» e do «Sete Ponto Sete».

Simultaneamente, publicamos também dois documentos destinados a aprofundar o conhecimento, por parte dos leitores, das consequências da recente «pré-cimeira» de Reiquejavique, que pôs face a face, pela segunda vez, Michail Gorbachev e Ronald Reagan: trata-se da transcrição integral das conferências de Imprensa concedidas, imediatamente após o fim dos encontros da «terra do gelo», pelo primeiro secretário do PCUS e pelo secretário de Estado americano George Shultz. Estes documentos permitem um contacto mais detalhado com as leituras soviética e americana do que a «pré-cimeira» constituiu, em termos de avanços e de impasses.

As relações entre a URSS e o Terceiro Mundo

Luís Moita

Eis um tema de difícil abordagem. O carácter evolutivo destas relações impede um tratamento linear. Preconceitos ideológicos de diversas origens dificultam a análise isenta. A disparidade entre discursos oficiais e prática efectiva complica a leitura da realidade. A ausência de dados públicos relativos a certos indicadores (designadamente nos domínios económico e militar), deixa-nos à mercê de fontes nem sempre insuspeitas. Mesmo assim, a importância do tema obriga-nos a abordá-lo num primeiro ensaio de análise, sem prejuízo de posteriores aprofundamentos eventualmente polémicos.

NÃO vamos entrar aqui no debate, aliás fundamental para a esquerda, acerca da natureza do Estado soviético e do seu relacionamento exterior, nem dissecar as características que por muitos lhe são atribuídas de imperialismo, hegemonismo ou expansionismo. Também não vamos alinhar com as teses simplistas sobre a política soviética de paz e cooperação, como se o seu papel na corrida aos armamentos fosse meramente defensivo ou como se a sua solidariedade com os povos equivalesse a uma «ajuda desinteressada».

Mas impõe-se desfazer o mito, alimentado por muita propaganda ocidental, sobre a omnipresença soviética e o seu projecto de revolução mundial, que a levaria a exportar a subversão e a instrumentalizar todas as lutas populares. Factos são factos e não se pode esquecer, por exemplo, que importantes revoluções na América Latina, desde Cuba à Nicarágua, foram feitas com marginalização ou mesmo hostilidade dos partidos comunistas locais, da mesma maneira que o MPLA de Agostinho Neto conduziu a luta de libertação em Angola no meio de difíceis relações com a URSS e com o apoio privilegiado da Jugoslávia.

Casos como estes levaram-nos a interpretar os acontecimentos com extrema prudência, de modo a não generalizar abusivamente certas conclusões. Sobretudo temos de ser cautelosos em discernir o que corresponde a intenções deliberadas, em cumprimento de planos estabelecidos e o que acontece como fruto de pressões circunstanciais, ao sabor das vicissitudes da História.

Do isolamento à expansão

Feitas estas ressalvas, convém recordar que a URSS passou por um primeiro e longo período de isolamento face ao exterior, portanto também em relação ao Terceiro Mundo. Foi a era do estalinismo dedicada à construção do «socialismo num só país» (em contraste com a revolução permanente de Trotsky) e, no após-guerra, consagrada à formação do bloco. Esse bloco hegemonizado pela União Soviética tinha características que lhe permitiam o isolamento: grande massa continental euro-asiática, dotada de profundidade estratégica e em perfeita continuidade geográfica (desde a Europa Central até ao Pacífico), reforçada pela vitória da revolução chinesa em 1949. Este vasto espaço continental tinha ainda a particularidade de possuir (ao contrário da Europa Ocidental) uma quase total autonomia em matérias-primas e recursos energéticos. Neste período, as Forças Armadas soviéticas consistiam essencialmente num pesado exército terrestre, de natureza defensiva, aparentemente limitado a duas funções que eram a segurança territorial e a ordem no interior do bloco.

Se era este o quadro, não admira o isolamento. Mas em 1953 morre Estaline e é conhecida a posterior evolução da URSS, pressionada por razões políticas e económicas a abrir-se ao exterior. Em 1956, Krouchtchev lança a desestalinização no XX Congresso do PCUS. Uma nova era começa. Tanto mais que, coincidindo com esta evolução interna, um ano antes a cidade indonésia de Bandung acolhia a célebre conferência afro-asiática que ficaria como marco decisivo na consciência dos povos do Terceiro Mundo.

Os primeiros passos do relacionamento soviético dirigem-se para a Ásia. Visitas de alto nível, missões especiais e propostas de assistência técnica e financeira sucedem-se nesse continente, desde o Paquistão até à Indonésia, passando pela Índia e pela Birmânia. Seguindo a inspiração de Moscovo, em muitos destes países formam-se Comités de Solidariedade Asiática, à maneira dos Comités da Paz que já então proliferavam.

Mas foi a crise do Médio Oriente, com relevo para o papel do Egipto, que veio dar à URSS a grande ocasião para alargar a sua influência ao poderoso movimento de libertação afro-asiático. A revolução nacionalista de Nasser gerava crescentes contradições com os interesses ocidentais, designadamente desde 27 de Abril de 1955 (apenas 3 dias depois de Bandung) quando é assinado um acordo comercial URSS-Egipto, seguido do primeiro fornecimento de armas checoslovacas a Nasser. Em 19 de Julho de 1956, Londres e Washington informam o Cairo da sua recusa em financiarem a barragem de Assuão, peça fundamental dos planos egípcios de desenvolvimento. Dois dias mais tarde Moscovo faz saber que está disponível para qualquer auxílio sem contrapartida. A 26 de Julho Nasser nacionaliza o canal de Suez.

O estreitamento das relações URSS-Egipto (financiamento de Assuão, incremento das trocas comerciais, ajuda militar) cria condições para que, nos últimos dias de 1957, tenha lugar no Cairo uma importante conferência afro-asiática de âmbito não governamental com a presença de representações de 44 povos, conferência esta que esteve na génese da OSPAA — Organização de Solidariedade com os Povos da África e da Ásia — onde domina a influência soviética.

Explorando o carácter antiocidental do nacionalismo nos continentes do Sul, o prestígio da URSS alastra no amplo movimento anticolonial que culmina com o processo das independências políticas, primeiro na Ásia e depois na África, mas também nos combates populares contra as didaturas latino-americanas. Em 1959, Fidel Castro entre em Havana: face ao bloqueio norte-americano, o apoio soviético é a alternativa para a sobrevivência da revolução cubana. Em 1960, nada menos que 16 países africanos conquistam a independência. Em 1962, dá-se a vitória da luta armada na Argélia. E já na década seguinte, o ano de 1975 assiste a uma cadeia de acontecimentos que mais e mais favorecem a penetração soviética: a revolução na Etiópia, a independência das colónias portuguesas, a retirada americana do Vietname... Até que, em 27 de Dezembro de 1979, ao invadir o Afeganistão, o Exército Vermelho tem a sua primeira intervenção directa fora do Pacto de Varsóvia e num país do Terceiro Mundo.

Esta sumária recapitulação tem apenas em vista relembrar aquilo que é uma evidência para qualquer observador: no quarto de século que vai de 55 a 79, a URSS quebrou o isolamento que até aí a caracterizava, e expandiu a sua influência na Ásia e no mundo árabe, na África negra e na América Latina. Como veremos, é provável que na actual década este processo de expansão tenha entrado em declínio. Seja como for, é preciso avançar num esboço de análise, distinguindo os vários níveis em que estas relações se processam (o político, o ideológico, o económico, o

O SAM-7 Terra-Ar, soviético, muito procurado pelos países do Terceiro Mundo

Continua na pág. 2

As relações entre a URSS e o Terceiro Mundo

Continuação da pág. 1

militar) e procurando detectar as linhas tendenciais da sua evolução.

A legitimação teórica

Em tese geral, pode dizer-se que as relações da União Soviética com o exterior são mais determinadas por razões políticas do que por motivações económicas. Ao contrário dos países de sistema capitalista, cuja presença politico-militar é subordinada aos interesses económicos, a penetração da URSS no Terceiro Mundo é predominantemente política e só subsidiariamente económica. Isto não exclui, porém, que os interesses de mercado tenham um peso importante, aliás crescente, nas opções soviéticas quanto à escolha dos seus parceiros.

Se a consideração política é dominante, o quadro ideológico constitui um pressuposto fundamental para a compreensão do relacionamento. Na luta entre o socialismo e o capitalismo à escala mundial (uma luta que não cessa, mesmo em tempo de coexistência pacífica, pois há sempre lugar para a «competição» dos sistemas), a concepção soviética sublinha a aliança entre os países socialistas, os partidos comunistas dos países industrializados e o movimento de libertação do Terceiro Mundo. Nesses três pilares assenta o combate contra o imperialismo, estádio supremo do capitalismo. Daí o princípio segundo o qual os próprios países não alinhados são «aliados naturais» dos regimes socialistas.

Um subtil prolongamento desta teoria vai permitir identificar os interesses do Estado soviético com os interesses do socialismo. «Para apoiar o socialismo, há que apoiar o Estado soviético porque é socialista; para apoiar o Estado soviético socialista, há que apoiá-lo enquanto Estado; para o apoiar enquanto Estado, devem subordinar-se os interesses nacionais aos interesses do Estado soviético que transcendem aqueles visto que representam o socialismo realizado. Este círculo perfeito encerra toda a legitimidade ideológica, todo o capital político e moral da política internacional soviética» (Carmen Claudín, in *Afers Internacionals*, n.º 3 — 1984).

Semelhante legitimação teórica traduz-se, na prática, pela prioridade às razões de Estado na política externa da URSS. Mesmo quando é preciso sacrificar princípios. E aí o caso mais flagrante é, porventura, o da luta de libertação da Eritreia contra a anexação pela Etiópia, luta apoiada pela União Soviética até que vantagens geoestratégicas a levaram a reprimi-la militarmente (assunto que proximamente será tratado por «Terra Solidária»).

A prioridade às razões de Estado mais se reforça a partir do momento em que a URSS, uma vez conseguida nos anos 60 a paridade estratégica nuclear com os Estados Unidos, ambiciona desempenhar o papel de grande potência mundial. Num universo crescentemente bipolar, a União Soviética tem a tendência objectiva para afirmar a sua infuência nos vários continentes e procurar pontos de apoio para o processo de expansão. Esta evolução política corresponde aliás a uma importante transição na natureza das Forças Armadas soviéticas, que deixaram de se limitar ao pesado exército terrestre a que acima fizemos referência, para se transformarem num poderio militar capaz de marcar presença em qualquer ponto do globo e dispondo de notáveis meios aeronavais. Acrescente-se de resto que esta ultrapassagem do carácter continental e fechado do bloco soviético não apenas se traduz a nível militar, como ainda na frota pesqueira, uma das maiores do mundo.

A influência ideológica

Dentro das balizas assim definidas, a URSS vai aparecer aos olhos do Terceiro Mundo com não poucos motivos de prestígio: a tradição anticolonialista, com raízes doutrinais no marxismo e nno leninismo; o auxílio diplomático e militar a alguns movimentos de libertação; a «aliança natural» com as forças nacionalistas antiocidentais.

Mais ainda, a URSS pode exibir perante os países subdesenvolvidos os êxitos do seu próprio processo: em meio século, a atrasada Rússia transformou-se em grande potência mundial; o crescimento económico deve-se aos méritos da planificação central, da colectivização da economia e da opção pela indústria pesada. Daí decorre um modelo de desenvolvimento sedutor para muitos dirigentes do Terceiro Mundo: apropriação nacional dos recursos naturais, justamente pela nacionalização das principais fontes de riqueza em detrimento das companhias ocidentais, estatização da economia, enfim a célebre «via não capitalista» de desenvolvimento.

Acrescente-se desde já que é notório o fracasso das tentativas por seguir esta «terceira via». O modelo soviético tem-se mostrado inadequado para promover o desenvolvimento das sociedades agrárias nos continentes do Sul. A colectivização económica, o gigantismo dos projectos estatais, os ensaios de uma industrialização desadaptada, mais do que resolverem problemas têm criado outros maiores. Em África, por exemplo, o balanço da cooperação soviética é modesto, quando não negativo, seja pelos obstáculos na transferência de uma tecnologia apropriada, seja pelas dificuldades sentidas pelos técnicos do Leste europeu na compreensão da natureza das sociedades africanas.

Estes factos explicam, em parte, o relativo declínio da influência ideológica da URSS no Terceiro Mundo. Normalmente, o modelo chinês, com o seu processo bem característico de revolução camponesa, poderia ter sido uma importante fonte de inspiração para muitas transformações sociais no Terceiro Mundo. Todavia, os erros da República Popular da China em política externa impediram que esse influência viesse a concretizar-se. O modelo soviético acabou por aparecer como a alternativa à dominação do capitalismo, sob forma colonial ou neocolonial. A verdade porém é que os países progressistas que adoptaram essa orientação estão hoje a braços com graves bloqueios económico-sociais, enquanto procuram afanosamente novos modelos de desenvolvimento a partir das suas próprias realidades.

A fragilidade das alianças

Quando as circunstâncias históricas o propiciam, a URSS não se tem furtado a apoiar os regimes do Terceiro Mundo que perfilharam uma orientação socialista ou que radicalizaram as suas contradições com o Ocidente. É preciso reconhecer que em numerosos casos o auxílio soviético aparecia a esses regimes como a única possibilidade histórica de garantir a ruptura com os mecanismos de dominação e exploração. Face à agressividade das potências ocidentais, o apoio da URSS era sentido como a garantia da independência e da segurança. Contudo uma tal opção havia de revelar os seus custos, na medida em que implicava novas subordinações a interesses geo-estratégicos e a políticas de grande potência, nem sempre coincidentes com os reais interesses dos povos.

Sam Nujoma, presidente da SWAPO, com Erich Honecker, da RDA, em Fevereiro de 1979, Luanda

O presidente angolano José Eduardo dos Santos com Fidel Castro em Havana, em Março de 1984

É difícil saber se alguma vez os dirigentes do Kremlin estabeleceram um qualquer plano global para a conquista de áreas de influência, ou se apenas foram oportunamente aproveitando os espaços que se abriam à sua penetração. Seja como for, há uma política concertada de materialização de alianças para além do bloco, alianças cuja expressão institucional eram os tratados de «amizade e cooperação» (ver quadro) ou outros acordos nos domínios económico e militar com países do Terceiro Mundo.

Este sistema de relações supõe obviamente vários graus. Mas em diversos casos, o auxílio soviético correspondeu a um factor decisivo para a sustentação dos regimes no poder. Segundo uma expressão curiosa, deu-se uma «transferência da tecnologia do poder», através do apoio militar e policial a esses regimes. São conhecidas as situações de presença militar do Pacto de Varsóvia e de Cuba, na Ásia e na África (ver quadro), como é conhecido o controlo de serviços policiais e de segurança por parte de Estados do bloco de Leste, nomeadamente a RDA e a Checoslováquia.

Todavia, é um facto que as alianças assim estabelecidas têm revelado uma significativa fragilidade, sobretudo no continennte africano. A influência soviética em países como o Gana, a Guiné-Conakry ou o Sudão nunca chegou a ser muito sólida, mas sofreu uma diminuição considerável. Casos como o de Moçambique e da Guiné-Bissau são característicos de uma relação não linear, com altos e baixos. E outras situações análogas se poderiam referir. Mais sintomáticos são os casos de viragem espectacular de alianças: em 1972, o presidente egípcio Sadate pede a retirada de 20.000 conselheiros militares soviéticos e inicia a aproximação aos Estados Unidos; em 1978, a Somália de Siad Barre expulsa os soviéticos da base de Berbera e entrega-a aos americanos, como resultado do conflito com a Etiópia.

Esta relativa fragilidade das alianças soviéticas com os países da periferia do campo socialista explica-se em grande parte pelo tipo de presença do bloco de Leste nestas sociedades. Os vínculos que se estabelecem são mais ideológicos e militares que económicos. Como veremos em pormenor, no domínio económico há níveis de penetração, mas não existe verdadeira integração. A generalidade das economias dos próprios aliados da URSS continua profundamente dependente do capitalismo internacional.

Além de que as contradições políticas e os choques de interesses estratégicos geram, a instabilidade social e chegam a provocar agressões externas contra os Estados sustentados pelo auxílio soviético. Mais ainda, os anos recentes viram proliferar o fenómeno da guerrilha — outrora, forma de luta por excelência das causas de libertação dos povos — agora virada contra os regimes aliados da URSS. Uma guerrilha quase sempre apoiada do exterior mas com alguma base interna: desde os «khmers» vermelhos no Campuchea e a resistência no Afeganistão, até às lutas autonomistas na Etiópia, à UNITA e à RENAMO em Angola e Moçambique, e mesmo aos «contras» na Nicarágua.

Eis uma situação que certamente constitui um verdadeiro quebra-cabeças para a política externa da URSS, com a agravante de que a actual agressividade norte-americana leva a uma prática de confrontação em todos os terrenos, na tentativa de os Estados Unidos recuperarem as faixas de hegemonia perdida.

Neste quadro, os soviéticos procuram manter uma posição de força que lhes permita desempenhar um papel activo na resolução dos conflitos regionais (particularmente no Médio Oriente e na África Austral), mas não há dúvida sobre as presentes dificuldades do seu sistema de alianças na Ásia, na África e na América Latina.

Em suma, a influência soviética no Terceiro Mundo atravessa hoje uma múltipla crise: recuo ideológico, inadequação dos modelos de desenvolvimento, instabilidade social e vulnerabilidade às agressões nos países aliados, debilidade dos vínculos estabelecidos. Falta completar este breve panorama com a análise dos factores económicos.

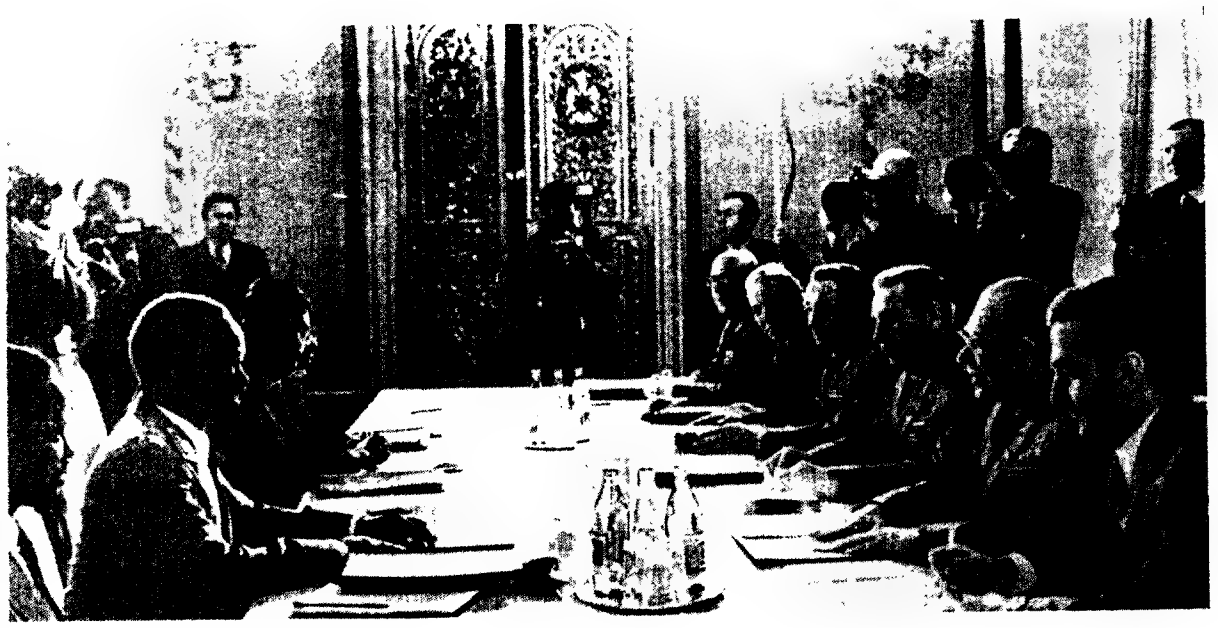
«O PCUS inspira-se na tese leninista de longo alcance segundo a qual nós influenciamos o processo revolucionário mundial principalmente através da nossa política económica». São palavras do dirigente soviético Andropov, pronunciadasem 1982. Um desejo ou uma realidade?

Depois de termos condensado algumas reflexões sobre o relacionamento da URSS com o Terceiro Mundo quanto aos aspectos político e ideológico, trata-se agora de completar essa análise abordando os aspectos económicos, sabendo de atemão que são níveis inseparáveis de uma mesma projecção para o exterior. Vimos que as relações em causa, longe de serem lineares, foram evoluindo segundo um ritmo em três tempos (isolamento-expansão-crise) e que as alianças sucessivamente estabelecidas são marcadas por uma relativa fragilidade. Também as relações económicas entre a União Soviética e a Ásia, a África e a América Latina têm sido evolutivas e complexas, obrigando-nos a distinguir os diversos terrenos em que se desenrolam.

Continua na pag. 3

As relações entre a URSS e o Terceiro Mundo

Oficiais soviéticos, da RDA e angolanos numa parada militar em Luanda



O malogrado presidente Machel à cabeça da delegação moçambicana, num encontro com uma delegação soviética presidida pelo então ministro da Defesa Dimitri Ustinov

Continuação da pág. 2

Quem chega a Cabinda, a província mais setentrional de Angola, encontra uma situação no mínimo paradoxal: o contingente cubano, equipado com armamento soviético, garante a defesa das instalações petrolíferas da multinacional americana Cabinda Gulf contra os ataques da UNITA, a qual por sua vez é apoiada por Washington. Este é porventura o caso-limite de uma realidade mais geral onde não faltam as contradições. Realidade a que aludimos na primeira parte deste artigo quando escrevíamos a propósito da presença do bloco de Leste nos países da periferia do campo socialista: «Os vínculos que se estabelece são mais ideológicos e militares que económicos. (...) No domínio económico há níveis de penetração mas não existe verdadeira integração. A generalidade das economias dos próprios aliados da URSS continua profundamente dependente do capitalismo internacional».

Penetração sem integração

Isto significa que, à excepção dos países que aderiram ao COMECON (Mongólia, Cuba e Vietname), a cooperação soviética não se traduziu em processos de integração económica avançada, nem sequer em apoios efectivos à construção de economias de tipo socialista.

Múltiplas razões são regularmente apontadas paraexplicar este facto:

— as dificuldades internas das economias da URSS, em particular, e do COMECON no seu conjunto, impedem uma dinâmica de expansão:

— o precedente dos pesados custos do auxílio a Cuba provoca sérias reticências quanto à repetição de experiências análogas;

— as disparidades tecnológicas dificultam a transferência e implantação de equipamentos em regiões tradicionalmente dependentes dos países ocidentais;

— a lentidão e a rigidez dos mecanismos de planificação económica não favorecem o incremento das relações nem a transformação das estruturas existentes;

— a não convertibilidade das moedas do Leste, designadamete do rublo, cria importantes obstáculos financeiros e comerciais.

De todas estas circunstâncias, cujo peso relativo é difícil avaliar, resulta a situação dualista a que acima fizemos referência: os aliados soviéticos do Terceiro Mundo, mesmo quando adoptaram uma clara orientação socialista, continuam estreitamente vinculados às economias ocidentais no que diz respeito aos empréstimos que pedem, aos produtos que vendem, aos equipamentos que compram, aos investimentos que permitem... A influência político-ideológica e estratégico-militar da URSS raramente corresponde a dependência económica ou a interligação estrutural. Os níveis de penetração existentes não bastam para constituir uma verdadeira integração.

A consequência é profunda: não existe, de modo alargado, o que se poderia designar por «campo económico socialista», susceptível de integrar os países que buscam a ruptura com o sistema capitalista internacional. Abstraindo agora de qualquer juízo de valor sobre a natureza do socialismo na URSS, a verdade é que a União Soviética não teve historicamente a possibilidade de promover um espaço económico internacional capaz de integrar os regimes progressistas e de sustentar as políticas populares por eles tentadas. Os processos de libertação dos povos de África, Ásia e América Latina não têm alternativa para a dominação do mercado mundial.

Áreas prioritárias

Este quadro geral não impede que o progressivo relacionamento da URSS com o hemisfério Sul tenha correspondido a um incremento do intercâmbio económico, o qual tem aumentado com reguiaridade, na linha da política de abertura ao exterior própria do pós-estalinismo.

Da análise do relacionamento económico ressalta uma primeira característica que é a da sua concentração geográfica. Basta ver que, em meados dos anos 70, cerca de metade das trocas comerciais da URSS com países do Terceiro Mundo exteriores ao COMECON (excluindo o comércio de armas) se concentrava em apenas quatro parceiros: o Egipto, a Índia, o Irão e o Iraque. O caso da Índia é característico, na medida em que 80% da siderurgia e 60% da indústria eléctrica da União Indiana funcionavam com equipamentos de origem soviética, números que provam até que ponto se tornou intensa a penetração do poderoso vizinho.

Mas este caso é também significativo de uma outra realidade. Numa primeira fase de expansão, as transferências de instalações e equipamentos industriais ocupavam lugar de relevo. De acordo com o modelo soviético de desenvolvimento, assente na indústria pesada, os grandes empreendimentos industriais tinham a primazia na busca de influência externa. Mais tarde, porém, verificou-se uma evolução no sentido de novas áreas prioritárias que passaram a ser a *exploração mineira, as pescas e a agricultura*.

Esta tendência manifesta-se de forma mais patente na África ao sul do Sara, onde rareiam as fábricas e outros bens de equipamento de proveniência soviética — porventura devido às dificuldades da industrialização, especialmente no que toca às indústrias pesadas, nessas sociedades — verificando-se em contrapartida uma penetração nos três referidos sectores.

É conhecido o apoio da URSS e de outros países do bloco de Leste a projectos agrícolas no Terceiro Mundo, não propriamente no sector camponês, mas quando estão em causa processos de mecanização nas grandes unidades estatais; é igualmente conhecida a frequência de acordos de pesca que permitem o acesso às águas territoriais da imponente frota pesqueira soviética, praticando aquilo que muitos consideram verdadeira pilhagem, até porque o método utilizado de pesca por sucção é tido por devastador das espécies piscícolas. Menos conhecido, talvez, é o crescente interesse dos países socialistas pelos projectos de exploração mineira, o que se prende com o importante problema das matérias-primas.

Matérias-primas

Antes de mais, importa não esquecer que a URSS é o primeiro produtor mundial de minerais não energéticos, extraindo da terra, só à sua conta, 21% do total mundial desses produtos. A sua quase auto-suficiência em matérias-primas coloca-a num lugar à parte, em contraste com as restantes potências industriais. A União Soviética apenas depende do fornecimento exterior quanto a meia dúzia de minerais (bauxite, antimónio, estanho, tungsténio e molibdeno).

Daí que o seu acesso a fontes externas de matérias-primas não seja para ela uma questão estratégica vital, como o é para a Europa Ocidental e mais ainda para o Japão.

O mesmo já não acontece com os restantes países do COMECON que têm visto agravar-se a sua dependência do Terceiro Mundo para o abastecimento em produtos energéticos e minerais. Seja por esta razão, seja porque o sector mineiro aparece como o sucedâneo possível da indústria pesada em países subdesenvolvidos, a verdade é que nos últimos anos se tem intensificado a presença soviética nesse sector. Segundo estudos documentados, só entre 1977 e 1979 os países socialistas concluíram 21 acordos de exploração geológica e mineira na África negra. Mais em geral, encontramos hoje a sua assistência em refinarias de petróleo da Colômbia, Egipto, Guiné, Etiópia, Índia, Iraque, Mauritânia e Síria; na produção de gás natural no Afeganistão, Irão, Paquistão e outros; em minas de fosfato no Iraque, Síria e Marrocos; na extracção de ferro no Afeganistão e Índia; nas minas de bauxite e na fabricação de alumínio na Argélia, Costa Rica, Egipto, Guiné-Bissau, Indonésia, etc.; na extracção de chumbo, zinco e outros metais no Afeganistão, Argélia, Congo, Mali, Índia, Somália, etc. Outros estudos revelam, por exemplo, o papel decisivo que os soviéticos têm desempenhado na prospecção do subsolo e na exploração mineira em Moçambique. E neste breve quadro de conjunto tem de destacar-se o acordo soviético-marroquino, assinado em Março de 1978, relativo à extracção de fosfatos, por vezes definido como o «negócio da década»: o aproveitamento da jazida de fosfatos de Meskala, num plano global que prevê investimentos da ordem dos 2000 milhões de dólares, a troco de a URSS ver garantido por 30 anos o fornecimento de fosfatos, essenciais para a produção de adubos e fertilizantes.

Em síntese, poderá afirmar-se que o relacionamento económico da URSS com o Terceiro Mundo tem uma dupla caracterização. Por um lado, está geograficamente concentrado, sem prejuízo da multiplicação de parceiros menores. Por outro lado, evoluiu da prioridade ao fornecimento de equipamentos industriais para novas áreas prioritárias, as chamadas actividades primárias: agricultura, pescas e minas.

Trocas comerciais

No multiforme campo das relações económicas tem evidente relevo o problema das trocas comerciais. Nesse domínio, uma primeira constatação, algo surpreendente, é a do reduzido volume do comércio entre a URSS e os países afro-asiáticos e latino-americanos.

É verdade que se tem verificado, em termos absolutos, um aumento regular das trocas comerciais União Soviética-Terceiro Mundo, mas a sua importância relativa tem diminuído na globalidade do comércio externo da URSS. Mesmo alargando esta análise para o conjunto dos países do bloco de Leste, conclui-se que o smatório das suas trocas com a Ásia, África e América Latina é claramente marginal, quer em relação ao comércio mundial quer aos fluxos de importação-exportação do Terceiro Mundo. Por exemplo, durante o período de 1976 a 1980 as trocas comerciais Leste-Sul apenas representaram 1,3% das trocas mundiais e 4,6% do comércio total dos países desses três continentes.

Para além deste fraco nível quantitativo das trocas será interessante referir a sua natureza. Existe uma ideia feita segundo a qual o comércio externo da URSS teria uma estrutura deste tipo: do Ocidente, importação de tecnologia e de cereais; quanto ao Terceiro Mundo, importação de matérias-primas, contra exportação de bens de equipamento e de armas.

Durante uma primeira fase, foram estes de facto os grandes traços do relacionamento comercial da União Soviética com o exterior. Mais recentemente, porém, algumas alterações vieram modificar aspectos importantes do cenário. O embargo parcial da venda de cereais americanos, imposto já no tempo do presidente Carter, fez desviar essas importações para a Argentina, transformando este país num dos maiores parceiros da URSS (ver quadro), não obstante o regime político ditatorial que então ali vigorava. Por outro lado, e em correspondência com a deslocação de áreas prioritárias acima referidas, verificou-se uma forte diminuição da quota de máquinas e peças sobressalentes nas exportações soviéticas para o Terceiro Mundo, mercê sobretudo da quebra de concorrencialidade desses produtos no mercado internacional. Em contrapartida, a URSS aumentou a sua capacidade de exportar matérias-primas e combustíveis, outro facto que contribuiu para a modificação do esquema tradicional do seu comércio externo.

Um último sector das trocas com o hemisfério Sul merece ser destacado pela sua especial importância: o comércio de armas.

Continua na pág. 4

Sobre a expressão «Terceiro Mundo»

USADA por mera comodidade, a expressão «Terceiro Mundo» está longe de ser rigorosa e engloba uma realidade profundamente heterogénea. Designando a generalidade dos países da Ásia, África e América Latina, outrora dominados pelos impérios coloniais europeus, no «Terceiro Mundo» encontram-se hoje lado a lado os ricos países produtores de petróleo e os chamados «Novos Países Industrializados» — desde o Brasil à Coreia do Sul — bem como os PMA, «Países Menos Avançados», os mais pobres do mundo.

Do ponto de vista soviéico também existem graduações quanto à natureza e ao relacionamento com os Estados do Terceiro Mundo.

No conjunto dos países afro-asiáticos e latino-americanos (exceptuando o caso da China, em conflito aberto com a URSS desde o início dos anos 60), existem cinco Estados que pertencem ao «campo ocialista», com um sistema de economia centralmente planificada: Mongólia, Coreia do Norte, Cuba, Vietname e Laos.

Três dles integram o COMECON (ou CAME — Conselho de Assistência Mútua Económica — criado em 1949 entre a URSS e os 6 países da Europa do Leste): a Mongólia desde 1960, Cuba desde 1972 e o Vietname desde 1978.

Os soviéticos distinguem em segundo lugar a série de países presididos por partidos que se reclamam do marxismo-leninismo e que, mantendo-se subdesenvolvidos, adoptaram uma orientação socialista: Afeganistão, Yémen do Sul, Etiópia, Angola, Moçambique, Congo, Benin...

Finalmente, e em contraposição aos regimes claramente aliados ao Ocidente, existem os Estados de orientação «progressista», ou «não-alinhada», ou «anti-imperialista», com os quais a URSS mantém relações ora de sólida aliança (caso típico da Síria) ora de intensas trocas económicas (como acontece com a Índia).

O auxílio através dos créditos

«O capítulo de longe mais importante na ajuda soviética é constituído pelos créditos. A URSS foi o primeiro país a oferecer créditos a baixa taxa de juro aos países do Terceiro Mundo, mas créditos ligados, quase sem excepção, à compra de equipamentos soviéticos. A URSS foi também o primeiro país a aceitar reembolsos em espécie.

Podem distinguir-se dois tipos de créditos:

1) os créditos de cooperação económica, concedidos pelo Estado, sobretudo para projectos de fábricas 'chave-na-mão': são créditos em espécie;

2) os créditos comerciais que a URSS situa ao nível de auxílio porque favorecem o desenvolvimento económico do país beneficiário, geralmente para a compra de materiais, equipamentos e máquinas, e concedidos por empresas de 'import-export'.

Yann Meyer, «Tendenze e obiettivi dell'aiuto ai PVS» in Política Internazionale, Março 1984

Países do Terceiro Mundo que assinaram tratados de «amizade e cooperação» com a URSS (desde 1970)

Egipto	(1971)	Vietname	(1978)
Índia	(1971)	Afeganistão	(1978)
Iraque	(1972)	Yémen do Sul	(1979)
Somália	(1974)	Síria	(1980)
Angola	(1976)	Congo	(1981)
Moçambique	(1977)	Granada	(1982)
Etiópia	(1978)		

Alguns destes tratados foram mais tarde denunciados unilateralmente (Egipto, Somália, Granada); noutros casos, nomeadamente o Iraque, as relações têm sido oscilantes, passando por períodos de dificuldade.

Influência militar soviética em África

Presença dos países do Pacto de Varsóvia e/ou Cuba

Venda de armas, acordos, presença de conselheiros e de tropas, facilidades militares tanto aéreas como navais.

Líbia — *Etiópia* — *Angola*

Venda de armas, acordos, presença de conselheiros militares.

Cabo Verde — *Guiné-Bissau* — *Guiné-Conakry*
Congo — *S. Tomé e Príncipe* — *Moçambique*

Venda de armas e presença de conselheiros militares.

Argélia — *Mali* — *Benin*
Tanzânia — *Zâmbia* — *Madagáscar*

Venda de armas.

Nigéria — *Guiné Equatorial* — *Zimbabwe*

Facilidades militares navais.

Moçambique — *Seichelles*

(Segundo «*L'année stratégique*», Paris, 1984)

A URSS e o Terceiro Mundo

Continuação da pág. 3

Comércio de armas

O gráfico que reproduzimos atesta que a União Soviética se coloca sem dúvida em primeiro lugar como exportador de armas para o Terceiro Mundo. Estatísticas dos últimos 20 anos comprovam que as duas superpotências dividem entre si a parte de leão na venda de armamentos, negócio rendoso que é também factor decisivo de influência política. Apesar da recente quebra das exportações — fruto da recessão mundial e da saturação de alguns mercados — o volume de vendas contabiliza-se à escala dos milhares de milhões de dólares.

Este comércio é vital para a URSS. Estimativas apontam para um **lucro** da ordem dos 1 500 milhões de dólares (qualquer coisa como 220 milhões de contos), o que lhe permite equilibrar o défice da sua balança comercial.

Em contraste com os Estados Unidos, que têm três vezes mais compradores de armas que a URSS, esta vende armamento a um número relativamente limitado de países, verificando-se também aí o princípio da concentração geográfica. Mais de 80% das suas exportações de material bélico são destinadas a uns poucos países do Médio Oriente e da África do Norte — Síria, Líbia, Iraque, Argélia... Não é pois difícil concluir que um pequeno número de países recebe uma grande quantidade de armamento.

Como era de prever, dadas as incidências político-estratégicas, o fornecimento de armas soviéticas, ao contrário das restantes trocas comerciais, rege-se por critérios eminentemente políticos e destina-se quase em exclusivo a países com afinidades ideológicas. A venda de equipamentos militares tornou-se assim para a URSS uma fonte preciosa de divisas e um trunfo geopolítico de primeira grandeza.

Assistência técnica e cooperação

Um outro capítulo a que importa fazer referência é o da cooperação económica. Além dos interessantes critérios adoptados para a política de créditos (ver caixa), a cooperação soviética com o Terceiro Mundo não tem praticamente equivalente àquilo que no Ocidente é designado por «ajuda pública ao desenvolvimento». Quer dizer, os donativos financeiros da URSS aos países mais pobres são insignificantes e não a vemos participar nas frequentes reuniões em que delegações governamentais se comprometem a financiar projectos de desenvolvimento.

Inversamente, a União Soviética investe fortemente no envio de técnicos para os continentes do Sul, em especial os que vão prestar assistência aos empreendimentos financiados pelos empréstimos concedidos. Já em meados dos anos 60 se contavam mais de 16.000 técnicos soviéticos no Terceiro Mundo. Se alargarmos este número ao conjunto da Europa do Leste, vemos que ele é ainda mais significativo e que tem registado uma espectacular progressão: 45.000 técnicos em 1976, 72.000 em 1978.

Da mesma maneira, a URSS atribui grande importância ao auxílio à formação de quadros, actividade sensível pela irradiação ideológica que permite. Calcula-se que, por ano, frequentem como bolseiros as instituições soviéticas 24.000 estudantes do Terceiro Mundo, muitos deles concentrados na célebre Universidade Patrice Lumumba, em Moscovo.

Estes vários aspectos da política de cooperação remetem para uma questão mais geral que é a da posição soviética relativamente aos esforços por instaurar uma ordem económica internacional mais justa. Como é sabido, a URSS tem-se recusado persistentemente a participar de forma activa no chamado diálogo Norte-Sul. Invocando que não é co-responsável pela exploração colonial praticada pelas potências ocidentais, nem pelas distorções económicas do mercado mundial, ela tem ficado à margem de todas as negociações em torno da nova ordem económica internacional.

Tal posição tem sido mal acolhida pela generalidade dos países subdesenvolvidos, que esperam da URSS um papel mais interveniente na correcção dos desequilíbrios mundiais. Basta ver que a Cimeira dos Não-Alinhados em Nova Deli (1983) renovou o insistente apelo aos países do Comecon para que integrem os organismos financeiros internacionais e apoiem activamente a construção de um novo ordenamento das relações económicas a nível mundial.

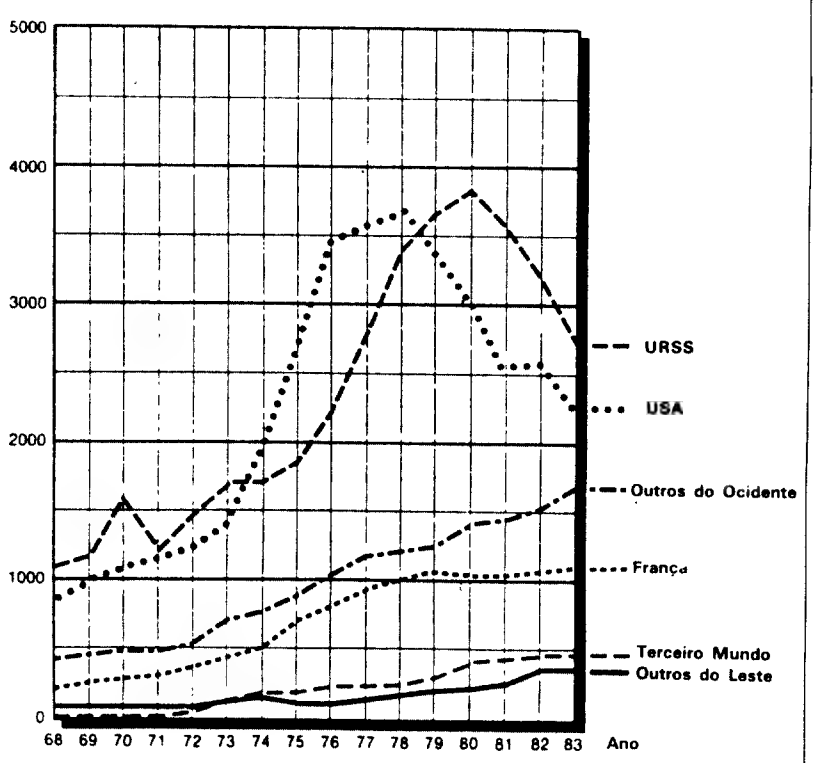
Conclusão

No vasto panorama das relações económicas URSS-Terceiro Mundo tentámos não omitir nenhum domínio fundamental, obrigando a tratar sumariamente cada um deles. Mesmo assim, é possível resumir as principais conclusões.

Não obstante ser a segunda maior potência entre os países industrializados, a União Soviética não tem uma projecção económica comparável à sua influência político-militar. A natureza dessa projecção, por outro lado, não proporciona o fenómeno da integração, nem tem paralelo com a das grandes potências capitalistas e os seus mecanismos específicos de dominação económica (dívida externa, multinacionais...). Mas a URSS beneficia do sistema de trocas desiguais no mercado mundial, que favorece o mundo industrializado em detrimento dos países subdesenvolvidos do Sul. Designadamente o comércio de armas tornou-se o instrumento privilegiado para garantir a sua supremacia político-militar e económica em regiões-chave. A escolha dos parceiros económicos obedece a critérios predominantemente políticos, levando também à concentração geográfica, mas as necessidades pragmáticas conduzem a um crescente peso do critério das vantagens puramente económicas. Essas vantagens parecem centrar-se, além da exportação de armamento, na exploração geológico-mineira, nos grandes projectos agrícolas e nos acordos de pesca. Por último, a cooperação soviética com o Terceiro Mundo concretiza-se pela concessão de créditos em condições favoráveis, pelo envio de técnicos e pela formação de quadros, sem que haja lugar para a ajuda pública em meios financeiros nem para o empenho nas instituições em que se estabelece o dálogo Norte-Sul. ■

Os maiores exportadores de armas para o Terceiro Mundo

(em milhões de dólares)



Reproduzido de ADIU Report 8-2/1986

Trocas comerciais (importações + exportações) entre a URSS e os seus 10 principais parceiros do Terceiro Mundo (entre 1976-1980)

(em milhões de dólares)

Cuba	26 651	Vietname	3460
Índia	7 504	Argentina	3388
Iraque	6 281	Coreia do Norte	3029
Mongólia	5 359	Egipto	2965
Irão	3 671	Afeganistão	2049

Em comparação com estes valores, são diminutas as trocas comerciais com os principais aliados soviéticos em África: Etiópia (460), Angola (446) e Moçambique (97 milhões de dólares).

O significado de Reiquejavique

Fracasso? Ponto de partida para novas negociações, incluindo as de Genebra, e para um eventual encontro entre Gorbachev e Reagan, em Washington? O Sete Ponto Sete publica as transcrições, na íntegra, das conferências de Imprensa do secretário de Estado americano George Shultz e de Mikhail Gorbachev após o encontro da «terra do gelo».

Na passada quarta-feira, três dias após o fim da pré-cimeira falhada de Reique - javique, o secretário de Estado americano, George Shultz, concedeu uma entrevista via satélite na qual clarificou as posições da Casa Branca a seguir ao encontro Reagan-Gorbachev. Os entrevistadores foram os correspondentes da Agência Mundial de Informação dos Estados Unidos em Londres, Roma, Mainz, Paris e Haia. Publicamos aqui a transcrição integral do diálogo havido no período de perguntas e respostas, feita pelos serviços oficiais norte-americanos, tal como foi distribuído às Embaixadas dos EUA pelo mundo fora.

No que toca à «resposta flexível» da Nato não há alterações, e estamos a estudar um projecto de extensão da ideia de defesa que vá do Atlântico aos Urale

Moderador: Os postos que par ticipam no programa são os de Roma, Mainz, Paris e Haia. E um prazer ter hoje connosco o se cretário de Estado George Shultz, que nos falará dos resultados do encontro entre o presidente Ronald Reagan e o secretário-geral Mikhail Gorbachev em Reiquejavique. Secretário Shultz, obrigado pela sua participação.

Shultz: O prazer é todo meu.

Moderador: Uma vez que o tem po disponivel é muito pouco vamos dar de imediato a palavra aos nossos entrevistadores.

_ Espero que possa esclarecer a confusão que se gerou em torno da eliminação dos misseis de médio al - cance na Europa. Considera que exi - ste uma ligação entre esta que stão e a Iniciativa de Defesa Estratégica, como afirmou o responsável soviético nas negociações de Genebra, Victor Karpov?

_Não pensamos que essa ligação tenha que existir ou que seja necessária. Devia ter havido uma separação das propostas logo no inicio das conversações de Genebra e nós vamos continuar a defender que ambas as questões podem ser tratadas em separado.

_ Diz-se que os Estados Unidos vão apresentar em Ge nebra uma nova proposta sobre os misseis de médio alcance (INF). Con firma? Em caso positivo, será a aceitação pelos Estados Unidos da opção zero na Europa?

_O presidente e o secretário-geral discutiram amplamente em Reiquejavique a matéria respeitante aos misseis de médio alcance e no fim conseguram chegar a um acordo de princípio. Como o tempo era pouco não foi possivel detalhar os seus aspectos. Demos por isso instruções aos nossos negociadores em Genebra para avançarem com esta tentativa de entendimento. Será esta a nossa posição.

_ Posso então dizer que o que vão colocar na mesa das negociações é a opção zero ?

_ Antes de mais, a nossa posição é a de fixar um tecto global, que será de 100 ogivas para cada um dos dois lados. Estas 100 ogivas serão colocadas , no que respeita à URSS, no seu território asiático, e no que respeita aos Estados Unidos em qualquer parte do nosso território, provavelmente no Alasca. Fixar-se-á também um tecto no sentido de congelar o número de misseis de curto alcance soviéticos. Haverá processos de verificação adequados. E pensamos que talvez seja possível chegar a acordo, trocando dados especificos, no dominio das inspecções locais enquantro suplemento aos meios técnicos próprios de destruição dos mis seis existentes ou seja, facilitar o controlo através das inspecções locais dos inventários e da produção,entre outras coisas. Deste modo ambas as partes ficariam com a certeza que não seriam construidos mais mis seis deste tipo.

Quanto à duração destes acordos, ela pode ser indefinida ou, como os soviéticos sugeriram, permanecerem em vigor até serem substituídos por outro mutuamente satisfatório. Basicamente, é este o entendimeneto existente.

Desapontamento passageiro

_ Quanto tempo falta ainda para esse acordo ser assinado? Dias,semanas, mais?

Se os soviéticos confirmarem a sua intenção, se os seus negociadores seguirem o sr.Gorbachev e os nossos seguirem o presidente Reagan, então posso-lhes dizer que eles podem assentar nestas linhas básicas e iniciarem um trabalho detalhado necessário à elaboração de um documento que possa ser assinado. Não tenho razões para pensar que este seja um processo que se venha a eternizar.

O que é que pen sa do discurso que o sr.Gorbachev fez através da televisão soviética? Ele disse que a porta não tinha sido fe chada pelos soviéticos. Mas após Reiquejavique ela não parece estar propriamente aberta. Como é que vê o futuro depois disso?

- Ele disse em Reiquejavique que todas as sua propostas continuavam na mesa das negociações. No seu discurso e na intervenção mais formal que fez perante o Politburo, existe uma certa confusão. Mas basicamente penso que aquilo que os agita é o facto de estarem- tal como nós- preparados para tentar avançar com as

_ Qual poderá ser o papel da Europa para melhorar a situação no próximo mês?

_Penso que uma das questões que mais se salientou nos últimos anos foi a força que nos vem dessa alianCa entre a América e a Europa, a Europa livre, que leva à expansão dos nossos valores, os valores da democracia,da liberdade,da abertura que partilhamos e desejamos ser capazes de defender.

Nos últimos anos, demonstrámos em circunstâncias especiais que existe uma coesão em torno destes valores fundamentais e essa coesão tem resultado. Podemos chegar a qualquer lado com esta estratégia básica de permanecermos fortes , coesos, razoáveis e prontos para negociar. É isto que a Europa deve esperar dos Estados Unidos, do mesmo modo que nós o esperamos da Europa. É,afinal, um trabalho conjunto e reciproco em prol dos valores da liberdade e democracia.

_ As sua palavras podem ser descritas como optimistas. O optimismo também esteve pa tente nas palavras do sr.Reagan, do sr. Gorbachev, e nas do Po litburo. Pode dizer-nos o que é queproduziu este optimismo quando no domingo à noite parecia ter ocorrido um eclipse total?

_ Quando as pessoas olham para o que foi debatido, ficam espantadas porque o que esteve em jogo foi tremendamente importante. Penso que ao termos concretizado essas coisas não as deveriamos perder, mas sim avançar para a frente e consolidar o que se conquistou. É exactamente isso que estamos a tentar fazer.

_ Qual é a vos sa posição sobre a retirada parcial das tropas soviéticas do Afeganistão? Penso que apenas foram retiradas sete por cento das tropas.

_Não é claro que se trate de uma nitida retirada, embora alguém possa ter saído dali, mas, em todo o caso, ficamos satisfeitos com qualquer tipo de retirada. Ela é descrita pelos própros soviéticos como um mero «sinal» ou um «símbolo». E é o que ela é. O ponto principal é que há uma grande quantidade de tropas soviéticas ocupando o Afeganistão em resultado da invasão do país, e que deveriam partir totalmente para que o povo afegão escolha o governo da sua preferência.

Mesmo no caso do acordo sobre os misseis de médio alcance acerca do qual se falou em Reiquejavique ser assinado, a Europa ficaria com 900 ogivas soviéticas de curto alcance apontadas para ela. Pen sa que coisas estabelecidas em Reiquejavique, as quais são muito, muito substanciais. E isto é o que vamos fazer.

Vamos arrancar em Genebra com as três áreas em negociação, tentar seleccionar as coisas em que estamos de acordo e avançar com elas. Vamos avançar comn outros encontros sobre questões como os testes nucleares, a redução das zonas de perigo, e as relações bilaterais. Continuaremos a pressioná-los no domínio dos direitos humanos; e continuaremos os nossos esforços no sentido de saber se a tensão poderá ser reduzida, pelo menos nos vários conflitos regionais. É isto que vamos fazer.

_ Em Reiquejavique mostrou-se profundamente desiludido, mas quando se deslocou a Bruxelas classificou o encontro como tendo si do um sucesso. A que é que se deve esta mudança de opiniãc? E deste modo que pensa poder preparar o terreno para uma eventual visita do sr. Gorbachev aos Estados Unidos?

O que me desapontou em Reiquejavique foi o facto de não termos sido capazes de chegar a aum acordo no domínio da defesa do espaço, apesar do grande e criativo esforço desenvolvido nesse sentido por ambas as partes. Conseguimos entender-nos em muitas coisas, mas não fomos capazes de chegar a um acordo. Foi por isso que fiquei desapontado.

No entanto, vendo o encontro no seu conjunto,constata-se que houve um avanço em miutas questões extremamente importantes. E foi isto que o transformou num encontro diferente, num momento memorável, num sucesso. Foi talvez o mais produtivo encontro que alguma houve entre os lideres de ambos os países.

Defesa da liberdade

Gorbachev já vol tou a insistir na ligação entre a opção zero e a SDI, colocando em dúvi da a necessidade do desenvolvimento deste projecto no caso de existirem progressos na opção zero no dominio dos misseis de medio alcance e noutras áreas.

Foram vários os pontos de vista apresentados. Continuaremos a sustentar que esta é uma questão independente e que tem de ser resolvida antes. É esta a nossa ideia e vamos tentar realizá-la.

Os observadores europeus seguiram a espe ctacular iniciativa do seu governo no sentido de conquistar a opinião pública americana. Isto aconteceu de facto? Estão a preparar a au diência norte-americana para a eventualidade de um acordo a ser assinado nos próximos meses, no máximo até à Primavera?

_O presidente decidiu- na própria altura em que abandonou a Hofdi House em direcção à embaixada americana de onde partimos-que se tinha avançado muito e que deveriamos tornar público tudo isso. Foi

Continua na pág. 6

Gorbachev virá aos EUA cedo ou tarde e é preciso caminhar para mais acordos

Continuação da pág 5

um encontro muito importante, em substância e processualmente. Por isso ele deu-nos instruções para descrever o encontro de um modo simples de modo a que as pessoas pudessem entender todos os problemas, nomeadamente as coisas em que se avançou.

É isto que temos estado a fazer. Permitimos às pessoas saber o que se passou e, claro, tentamos ao mesmo tempo ganhá-las para as questões que estão a ser debatidas. Tanto quanto julgo saber, penso que com uma perspectiva ligeiramnete diferente, a União Soviética está a fazer a mesma coisa.

_ *Dada a incerteza que existe quanto à viabilidade da SDI, qual foi o verdadeiro motivo que levou a tropeçar-se neste obstáculo, dando a Moscovo uma vantagen apa rente ao poder acusar os Estados Unidos de intransigência no que respeita à guerra das estrelas?*

_ Sentimos que a SDI é importante para a defesa dos Estados Unidos, para a defesa dos nossos aliados ,e apara a própria liberdade. Sentimos que devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance no sentido de descobrirmos a maneira de nos defendermos contra esses misseis balisticos que ameaçam não só os Estados Unidos, como também a Europa e todos nós.

Um programa vital para a Europa

Sabemos que a União Soviética tem trabalhado nesse sentido. São eles os únicos a terem um sistema deste tipo e têm estado a trabalhar no seu desenvolvimento há já muito tempo. Mesmo não ligando a isto, devemos -se pudermos- aprender como nos defender a nós próprios.

Penso que se tem feito uma apreciação certa, nomeadamente ao verse o ênfase colocado pela URSS nesta questão, quando se diz que foi este esforço de aprendizagam da nossa defesa que despertou o seu interesse e provavelmente a levou a adoptar um tom de entendimento.

Nestas circunstâncias, desistir deste esforço seria uma estupidez. Na verdade, penso que o facto desta defesa poder vir a tornar-se realidade é um dos factores motivadores para a concretização dos acordos que actualmente estão prestes a ser realizados.

Pensamos por isso que não seria acertado desistirmos da possibilidade de aprendermos como defender-nos a nós próprios. E estou cero que quando pensarem nisto, todos os nossos amigos e aliados compreenderão as nossas razões- e respeita-las-ão.

_ *Londres e Paris foram sondados sobre uma proposta de de sarmamento mundial. Manteve alguns contactos com Paris sobre este assunto?*

A semelhança dos governos britânico e chinês, o presidente Miterrand afirmou que não está disposto a discutir a sua força nuclear. Respeitamos esta atitude e nos debates que mantivemos com os soviéticos inistimos que esses sistemas não deviam ser tidos em conta na contabilidade dos misseis de médio alcance. Se se verificar uma tentativa para alargar este acordo, ela será feita sem nós.

Se nós conseguirmos reduzir o número de misseis soviéticos e americanos, como estamos a tentar fazer, esperamos que eles também reduzam o seu. É obvio que a União Soviética e os Estados Unidos não irão ficar sem misseis, enquanto outros países os tiverem. Se aquela redução for para a frente tem de haver então uma colaboração entre os países que possuem misseis.

Claro que a possibilidade disto vir a tornar-se realidade leva-nos a pensar em todas as outras coisas que se tem de fazer para construir um mundo sem misseis. Claro que isto reforça a importância das forças convencionais, debatida no seio da NATO, e de outras reduções e negociações aqui e ali, e o trabalho em vários outros dominios como por exemplo o das armas quimicas.

Existe muito trabalho para fazer antes que este período pertença ao passado, mas se um mundo sem misseis nucleares se tornar realidade é porque todos os países que os possuem assim o resolveram.

_ *Consegue entender o de saponta-mento europeu, que se fez também sentir na Holanda, por causa do quase acordo que impediria a instalação,ali, dos misseis Cruise?*

-Penso que em primeiro lugar as pessoas devem ficar contentes com a decisão holandesa de permitir a instalação dos misseis no seu território. Porque este simbolo de coesão, força e determinação por parte da Aliança é certamente un dos factores que provocou impacto na União Soviética e a levou a estar prepararda para um acordo em Reiquejevique..

Temos de ver qual é a posição soviética. Mas eles têm de separar as questões para ser possível chegarmos à fala e não estou certo se estão interessados nisso agora. Mas seja de que forma for, vamos avançar neste importante acordo.

_ *Considera que é isso que se está a passar?*

_ Esta é a nossa interpretação dos factos. Temos de ouvir o que os soviéticos têm para nos dizer quando regressarem à mesa das negociações em Genebra. Mas algumas das declarações feitas após Reiquejavique sugerem que se poderá concretizar uma separação das propostas em debate. Veremos.

Indecisões em torno da SDI

- Os aliadoss europeus não têm uma opinião comum sobre a SDI. Pensa, como o governo alemão, que é tempo deles se decidirem e tomarem uma po sição definitiva sobre o assunto?

-Quem é que tem de se decidir?

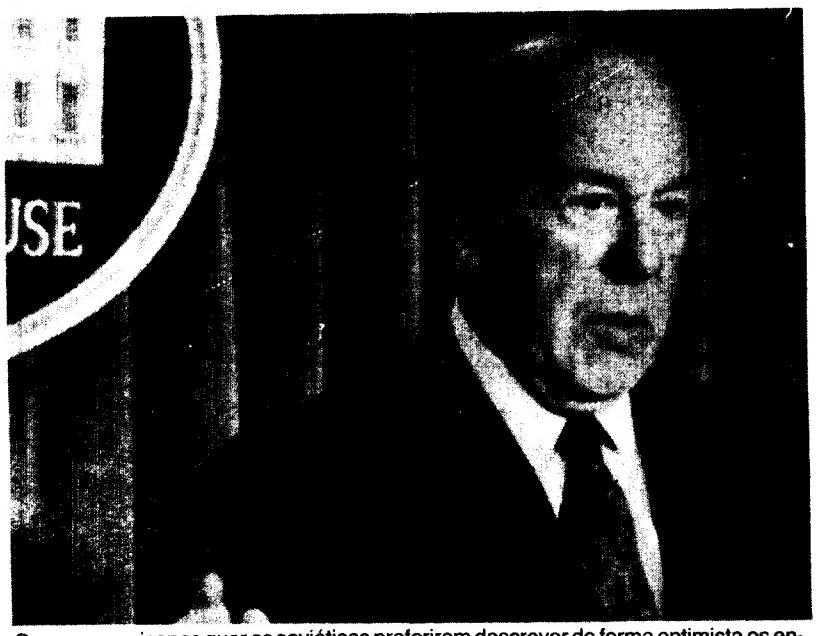
_ *Aqueles a quem a SDI diz respeito.*

_ De quem é que está a falar? Está a referir-se a nós?. Nós já nos decidimos. Não precebo a pergunta. Quem é que você pensa que tem que se decidir?

_ *Estou a falar dos governos europeus, os aliados eu ropeus da NATO, que têm de tomar uma de cisão sobre a SDI.*

_ Já entendi. São vários os países que já decidiram participar na Iniciativa de Defesa Estratégica e essa decisão tem-lhes proporcionado grandes benefícios, não só porque deste modo podem ver se esta defesa é possivel e contribuir para ela, como também por ser um programa de investigação que lidera as mais novas e sofisticadas tecnologias.

Por isso, existem países que participam na SDI e aprendem com ela. Estamos contentes por contar com a participação dos britanicos, alemães e italianos. Penso que talvez os franceses possam vir a ter companhias neste programa.



Quer os americanos quer os soviéticos preferiram descrever de forma optimista os entendimentos a que se chegou a Reiquejavique

_ *Será necessário que todos os aliados europeus tenham uma mesma posição sobre esta questão?*

_ As pessoas têm liberdade para decidir. Não penso que seja necessário que todos façam as mesmas coisas. Alguns países podem querer participar e outros não, mas é a eles que compete decidir. Penso que se nós formos capazes de nos defendermos isso beneficiará a todos, porque os misseis balisticos ameaçam tanto a Holanda como os Estados Unidos. Se nós conseguirmos aprender o modo de nos defendermos desses misseis, vamos sentir-nos melhor, não acha?

_ *Qual a concessão feita à URSS no domínio da SDI no(inaudível) vosso encontro?*

_ Discutimos muito esse aspecto em Reiquejavique, o presidente fez há alguns meses atrás uma proposta formal ao sr.Gorbachev. Uma das questões que esteve em foco em Reiquejavique-e mesmo antes- foi a de se acordar um período durante o qual ambas as partes se comprometessem a não exercer o seu direito de denunciar o Tratado ABM.

Como já disse, o presidente fez uma proposta nesse sentido há já alguns meses. Em Reiquejavique, num esforço para chegarmos a acordo com os soviéticos, avançámos com uma nova proposta para estabelecer um período de dez anos, durante o qual fossem observadas algumas premissas quanto à eliminação dos misseis balisticos Assim, se propusemos um periodo de dez anos durante o qual todos os misseis balisticos ofensivos seriam eliminados, era lógico que no fim qualquer tratado sobre estes misseis deixaria de ter sentido.

Fizemos esta proposta, travámos uma discussão em torno dela e os soviéticos concordaram connosco em alguns pontos; mas acabámos por não concluir qualquer acordo e isso foi um desapontamento. Apesar disso, existiu um grande debate e um regatear sincero em torno desta área. Claro que a levaremos para Genebra e aí iniciaremos a discussão no ponto onde a deixámos.

_ *Quais são as condições colocadas pelos Estados Unidos para a realização de uma nova cimeira?*

_ A nossa condição é a de que o sr.Gorbachev aceite o convite que lhe fizemos. Pensamos que qualquer encontro que se venha a realizar nos Estados Unidos deve;á ser muito bem preparado. Acolhemos com agrado os progressos alcançados neste sentido em Reiquejavique. A ideia deste encontro partiu do sr.Gorbachev e penso que a prática demonstrou que foi uma boa ideia. O presidente aceitou a proposta tendo em conta tudo isto. Queremos um encontro que esteja bem preparado. Gostavamos que ele se concretizasse o mais rapidamente possivel e estamos prontos para ele.

- Quantos meses serão necessários para a realização de uma nova cimeira Reagan/Gorbachev?

_ Compete aos russos decidir quando e como aceitarão o convite do presidente. Entretanto, continuaremos o nosso trabalho para que na altura em que o sr.Gorbachev visite os Estados Unidos, e mais tarde ou mais cedo isso acontecerá, tenha uma série de coisas concretas sobre as quais se pronunciar.

_ *Qual poderá ser o papel da Europa para melhorar a situação no próximo mês?*

_ Penso que uma das questões que mais se salientou nos últimos anos foi a força que nos vem dessa alianCa entre a América e a Europa, a Europa livre, que leva à expansão dos nossos valores, os valores da democracia,da liberdade,da abertura que partilhamos e desejamos ser capazes de defender.

Só negociamos em posição forte

Nos últimos anos, demonstrámos em circunstâncias especiais que existe uma coesão em torno destes valores fundamentais e essa coesão tem resultado. Podemos chegar a qualquer lado com esta estratégia básica de permanecermos fortes , coesos, razoáveis e prontos para negociar. É isto que a Europa deve esperar dos Estados Unidos, do mesmo modo que nós o esperamos da Europa. É,afinal, um trabalho conjunto e reciproco em prol dos valores da liberdade e democracia.

_ *As sua palavras podem ser descritas como optimistas. O optimismo também esteve pa tente nas palavras do sr.Reagan, do sr. Gorbachev, e nas do Po litburo. Pode dizer-nos o que é queproduziu este optimismo quando no domingo à noite parecia ter ocorrido um eclipse total?*

_ Quando as pessoas olham para o que foi debatido, ficam espantadas porque o que esteve em jogo foi tremendamente importante. Penso que ao termos concretizado essas coisas não as deveriamos perder, mas sim avançar para a frente e consolidar o que se conquistou. É exactamente isso que estamos a tentar fazer.

_ *Qual é a vos sa posição sobre a retirada parcial das tropas soviéticas do Afeganistão? Penso que apenas foram retiradas sete por cento das tropas.*

Não é claro que se trate de uma nitida retirada, embora alguém possa ter saído dali, mas, em todo o caso, ficamos satisfeitos com qualquer tipo de retirada. Ela é descrita pelos própros soviéticos como um mero «sinal» ou um «símbolo». E é o que ela é. O ponto principal é que há uma grande quantidade de tropas soviéticas ocupando o Afeganistão em resultado da invasão do país, e que deveriam partir totalmente para que o povo afegão escolha o governo da sua preferência.

_ *Mesmo no caso do acordo sobre os misseis de médio alcance acerca do qual se falou em Reiquejavique ser assinado, a Europa ficaria com 900 ogivas soviéticas de curto alcance apontadas para ela. Pen sa que face a essa possibilidade ainda há tempo para alterar decisões?*

_ Bom, uma das coisas que faria parte do acordo tal como o preparámos, seria a atenção especial a esse problema. Os soviéticos concordaram, creio, em instalar as sua armas até um certo ponto que constituiria um «tecto» de modo a que nós também nos pudessemos mover até certo «tecto» - prosseguindo as negociações com vista a diminuir progressivamente os valores até à eliminação mútua desses armamentos. Você identificou um problema importante. Não se discutiu sobre ele em Reiquejavique, mas tencionamos voltar a ele.

_ *Falou do problema das forças convencionais. Foram propostas reduções destas forças tão am biciosas como as relativas ao desarmamento nuclear? Em caso positivo, qual o futuro da política de resposta flexível da NATO perante tais reduções?*

_ Claro que essa política se mantem, e no que toca à NATO temos desde sempre dado a maior atenção às forças convencionais. Essa atenção foi reforçada nos últimos anos, e no encontro de Halifax de Maio último, iniciou-se mesmo um estudo sobre este conceito das negociações abrangendo o território do Atlântico aos Urais. Esperamos um relatório com base nesse estudo até ao fim do ano. Gostariamos de ver as negociações prosseguirem com base nesse conceito.

_ *Estamos a ser submergidos desde Reiquejavique por anuncios de prometedores acordos que acabarão por desembocar na eli minação total das armas nucleares. Como pode fazer-nos crer que a in vestigação relativa ao SDI é, fora dos laboratórios, tão importante que garanta tais acordos futuros?*

_ Ela não «garante» nada, está, sim, entre as coisas importantes que constituem um ponto de partida para tais acordos. Também a coesão da Aliança é outro importante ponto de partida, bem como foi a decisão do povo holandês de avançar com a instalação dos misseis no seu território. Quando se mostra força e coesão, a parte oposta tende a mostrar-se mais razoável. Essa tem sido a nossa estratégia e não alteraremos esse caminho. ■

(*) Fim da transcrição oficial da entrevista de George Shultz.

Gorbachev no fim da «pré-cimeira»

As conversações de Genebra devem recomeçar e não excluímos um encontro em Washington

Uma hora depois do fim dos seus encontros de Reiquejavique com Reagan, no passado dia 12, Gorbachev concedia uma conferência de Imprensa sobre a «pré-cimeira» falhada. Eis a transcrição integral do seu diálogo com os jornalistas, realizada e traduzida para português pelos serviços oficiais soviéticos.

— (Televisão checoslovaca). *Mikhail Sergeevitch, o senhor disse a certo passo que aqui, em Reiquejavique, foi desperdiçada uma chance histórica? Quando, na sua opinião, surgirá nova chance?*

— Não obstante tudo, a minha resposta será optimista, dado que muito se fez nas vésperas do encontro e no próprio encontro. Se todos nós, tanto na Casa Branca, nos EUA, como em Moscovo, repensarmos tudo a partir de posições realistas e responsáveis, não estaria perdida a possibilidade de resolver todas estas questões.

— (Cadeia nipónica de TV «NHK»). *Quererá isto dizer que o diálogo com os EUA, com a Administração Reagan, ainda continua? Ou o senhor pensa que restam muito poucas probabilidades para um diálogo produtivo com Reagan?*

— Penso que agora aumentou ainda mais a necessidade de um diálogo, por mais difícil que seja.

— (Jornal «Pravda»). *Mikhail Sergeevitch, na sua opinião, porque é que a Administração americana decidiu malograr as conversações, adoptando uma decisão irresponsável em desrespeito completo pela opinião pública mundial?*

— Acho que a América ainda tem que fazer uma opção. Ela, na minha opinião, ainda não a fez, o que, como sentimos, se reflectiu na posição do presidente.

— (Corporação de Radiodifusão Australiana). *O senhor disse que o presidente Reagan está no cativeiro do complexo militar-industrial. Significa isso que não haverá resultados nos próximos dois anos? Terá o senhor esperanças de que o novo presidente dos EUA não esteja no cativeiro deste complexo?*

— Mesmo considerando tudo o que representa agora o complexo militar-industrial e o peso que tem na América contemporânea, não vamos sobrevalorizar as suas possibilidades. A palavra decisiva é do povo, seja qual for o país, inclusive do povo norte-americano.

A nossa resposta será assimétrica

— (Rádio e Televisão Islandesa). *Será que, após o resultado negativo do encontro, a União Soviética procurará contrapor algo ao programa norte-americano da «IDE» e colocará em plena marcha o seu programa de armamentos espaciais?*

— Penso que compreendeu a essência da posição soviética. Se chegámos agora a uma etapa na qual iniciamos uma sensível redução das armas nucleares, tamto estratégicas como dos mísseis de médio alcance, o que nós, em conjunto com os norte-americanos, já acordámos em fazer durante os próximos dez anos, temos o direito de exigir que neste período estejamos garantidos de que não acontecerá nada de inesperado nem de imprevisto, inclusive no domínio do Espaço e da criação da defesa espacial antimíssil.

Disse ao presidente (talvez eu levante um pouco a cortina sobre a nossa troca de opiniões), que não nos preocupa o aspecto militar do programa da «Iniciativa de Defesa Estratégica». A meu ver, até na própria América ningém acredita que seja possível criar um tal sistema. Além do mais, se finalmente a América se decidir a isso, a nossa resposta não será simétrica. Disse, aliás, ao presidente: Senhor presidente sabe que já me fizeram partidário da «IDE». O presidente ficou surpreendido. Acontece, disse-lhe, que visto eu criticar tanto a «IDE», isto dá-lhe o argumento mais convincente da necessidade da «IDE». É só dizer: já que Gorbachev é contra, o negócio deve ser bom. O senhor recebe aplausos e meios financeiros. Surgiram, porém, cínicos e cépticos que afirmam: E se for uma astúcia de Gorbachev — não se deixar envolver na «IDE» mas arruinar assim os EUA. Concluam vocês. Em todo o caso não temos medo da «IDE».

Declaro isto com toda a segurança, porque um «bluff» nesta matéria é uma coisa irresponsável. Haverá resposta à «IDE». Resposta assimétrica, mas haverá. E não vamos sacrificar muito.

Mas qual o perigo que acarreta? O primeiro perigo é político. Surgirá logo uma situação que introduzirá incerteza e aquecerá a desconfiança e suspeita mútuas. Então nem se poderá falar da redução das armas nucleares. Em resumo, necessitamos de uma situação redicalmente diferente para que possamos ocuparmo-nos, a fundo, com a redução das armas nucleares. Segundo, existe, em todo o caso, o aspecto militar. Através da «IDE» será possível obter novos tipos de armas. Podemos dizê-lo com toda a nossa competência. Será possível também entrar numa etapa completamente nova da corrida aos armamentos, com consequências sérias e imprevisíveis.

Acontece que, por um lado, acordamos o início da redução de armas nucleares — as mais perigosas e horríveis e por outro, temos de abençoar as investigações e mesmo efectuá-las no espaço, em proporções reais, a fim de obter uma novíssima arma. Isto não se coaduna com a lógica comum.

— (Jornal «Washington Post»). *O senhor acaba de terminar mais um encontro com o presidente Reagan após dois dias de reuniões. Que impressão tem do presidente como político? Considera que ele compartilha o seu sentido de responsabilidade pelos destinos do mundo?*

— Tenho a impressão de que nós podemos prosseguir o diálogo, bem como procurar soluções para grandes problemas palpitantes, inclusive aqueles de que já falei, com o sr. Reagan.

— (Telvisão dinamarquesa). *Levando em consideração os resultados insatisfatórios deste encontro, significa isto que não haverá progressos no campo da proibição deos ensaios nucleares e noutros assuntos que ontem e hoje foram debatidos? Está ou não relacionada a questão da proibição dos ensaios nucleares com outros assuntos examinados nestas reuniões?*

— Já respondi a esta questão. A nossa opinião é que, com isso, não se rompem os nossos contactos com os americanos e com o presidente, e com mais forte razão as relações internacionais. As buscas continuam e vão ser prosseguidas. Creio que aquilo que ocorreu na Islândia deve imprimir um forte estímulo para que todos nós sintamos a necessidade de nos empenhar na luta comum pela normalização da situação internacional, pela procura das saídas dos impasses, incluindo dos que estiveram em foco em Reiquejavique. Para falar com propriedade, aqui também surgiu um ímpasse. Mas sou optimista.

Chegou a hora das «acções activas»

— (Televisão da RDA). *O camarada disse que o encontro não surtiu resultados. Significará isso que, foi inútil? Ou pensa que a paz se tornou mais estável após Reiquejavique?*

— Considero que pensou bem a sua pergunta. Gosto Sempre da precisão das afirmações e pensamentos dos nossos amigos alemães. Penso que é decepcionante e desolador o facto ocorrido em Reiquejavique, de terminarmos o nosso encontro sem chegar a acordos no respeitante às questões de cuja solução nos havíamos aproximado. Mas não diria que o encontro foi inútil. Pelo contrário, apesar de tudo, constitui um degrau no difícil e complexo diálogo para encontrar soluções. Procuramos soluções difíceis para questões. Por isso, não vamos lançar o pânico no mundo. Ao mesmo tempo, convém dizer que o mundo deve estar a par de tudo o que acontece para que não se sinta um observador à parte. Chegou a hora das acções activas por parte de todas as forças.

— (Cadeia de Televisão norte-americana «ABC»). *Senhor secretário-geral, não compreendo porque, quando teve a possibilidade de conseguir um acordo com o presidente Reagan sbre a redução dos armamentos nucleares, a parte soviética não concordou com as pesquisas no âmbito da «IDE». O senhor disse há tempos, em Genebra, que está disposto a pagar caro a redução dos armamentos nucleares. Agora, quando existiram tais possibilidades, desperdiçou-as.*

— A sua pergunta contém um elemento de crítica. Por isso, gostaria de responder-lhe com maior pormenor.

Primeiro, o presidente dos EUA chegou a Reiquejavique com as mãos e os bolsos vazios. A delegação norte-americana, posso dizê-lo, trouxe-nos os restos das conversações de Genebra. Só graças às propostas de grande perspectiva da parte soviética conseguimos optar por grandes entendimentos (faço uma ressalva, estes não obtiveram forma legal) sobre a redução dos armamentos estratégicos ofensivos e sobre os mísseis de médio alcance. Esperamos, como é natural, que nestas condições, penso que isto é bem compreensível tanto para um político como para militar ou para uma pessoa simples e normal, caso assinemos acordos semelhantes sobre grandes reduções de armas nucleares, devemos preocupar-nos com que não aconteça nada que faça malograr este difícil processo, rumo ao qual marchamos ao longo de decénios. É em virtude disso que colocamos a questão de sermos a favor da consolidação do Tratado «DAM». A parte norte-americana tem acalentado constantemente planos contra a defesa antimíssil.

Já pôs em dúvida o Tratado «SALT-2» e agora queria organizar, em Reiquejavique, as exéquias do Tratado «DAM» com a participação da União Soviética e de Gorbachev. Isso não acontecerá. Senão, o mundo não nos compreenderia. Estou certo disso.

As pessoas que se reuniram aqui estão certas de que se começarmos a atacar o Tratado «DAM», o último mecanismo que tanto se fez para conter, em última instância, o processo da corrida aos armamentos, não valeremos nada como políticos. Entretanto, é insuficiente salvaguardar apenas as suas cláusulas quando se iniciam profundas reduções dos armamentos nucleares. Somos de opinião que é necessário reforçar este tratado. Propusemos um mecanismo do seu reforço, ou seja, não se servir do direito de abandonar o Tratado «DAM» durante dez anos dentro dos quais reduziremos totalmente, eliminaremos, o potencial nuclear nos nossos países...

Ao mesmo tempo, para que ninguém ambicione conseguir a supremacia militar, digamos, para que a União Soviética não procure contornar a América nas investigações no espaço, nem tão-pouco para que a América pretenda fazer o mesmo em relação à União Soviética, dissemos: somos a favor de investigações e experiências em laboratório, mas somos contra a saída destas investigações e experiências com os elementos do «DAM» cósmico para o espaço. Eis a nossa exigência. Deste modo, também neste caso, a nossa exigência seria construtiva, levando em consideração a posição da América. Caso a parte americana estivesse de acordo, teria a possibilidade de resolver os seus problemas no âmbito da continuação das investigações em laboratório, mas sem criar um «DAM» cósmico. Acho que se trata aqui de uma lógica «de ferro», como costumam dizer as crianças. Há coisas que às vezes devemos aprender com as crianças.

— (Jornal «Guardian»). *Planeia a União Soviética outras iniciativas em relação à Europa ocidental depois daquilo que aconteceu em Reiquejavique?*

A Europa aceita as minhas palavras

— Penso que a Europa aceita as minhas palavras e se ela pensar e analisar cuidadosamente as nossas propostas, chegará à conclusão que elas correspondem aos interesses da Europa ocidental. Compreendemos que não se pode ter uma atitude indiferente para com os interesses da Europa ocidental, na qual germina uma nova mentalidade e na qual cresce a responsabilidade pela salvaguarda e consolidação da nossa casa europeia.

Continua na pag. 8

Gorbachev em Reiquejavique

O mundo está farto de mera tagarelice

Continuação da pág. 7

— (Revista «Newsweek»). *Quais as suas intenções quanto à sua futura viagem a Washington? Afirmou antes que, para tal, seriam necessários um ou dois acordos. Serão possíveis tais acordos antes da sua visita a Washington?*

— Penso que apesar de todo o dramatismo do momento actual não nos distanciamos de Washington, pelo contrário. Se o presidente e a sua administração derem ouvidos à minha proposta de continuar a estudar tudo o que se disse em Reiquejavique e consultaram os quadrantes que considerarem necessários, na minha opinião, nem tudo estará perdido. Há possibilidades de, na base do que alcançámos aqui em Reiquejavique, obter os acordos que tornariam real e possível um encontro em Washington, encontro que poderia ser bem positivo.

— «Cadeia de TV norte-americana «CNN»). *Sr. Gorbachev, o sr disse a certo passo do seu discurso que o presidente Reagan deve repensar a situação, consultar o Congresso e o povo americano. Pensará o sr. que a opinião pública americana apoiará a atitude soviética neste plano?*

— Vamos ver.

— (Jornal «Rude Pravo»). *Quero perguntar ao sr., enquanto político e jurista, quais são, na sua opinião, as prioridades em termos de problemas dos direitos humanos no século dos mísseis nucleares e que papel poderá desempenhar o factor humano na resolução da questão da guerra e da paz?*

— O senhor é filósofo. Posso dizer que eu, em tempos, me interessei pela filosofia e, voltando agora a ela, penso que quando falamos sobre os direitos humanos se deve ter sempre presente que hoje a questão da manutenção da paz e a necessidade de afastar o perigo nuclear do homem é uma questão da máxima prioridade. Se houver paz, haverá vida. Quanto aos problemas, arranjaremos forma de os resolver. São cada vez mais no mundo as pessoas instruídas. Penso que os povos saberão tirar a conclusão correcta. Portanto, quando falamos dos direitos do homem, colocaria no primeiro plano o direito do homem à vida.

Em segundo lugar, quanto ao facto humano, creio que no século nuclear (nisto vejo uma manifestação da nova mentalidade) a ameaça de uma guerra nuclear coloca de outro modo a questão sobre o papel do factor humano na luta pela paz e pela prevenção da guerra. Uma vez que esta guerra será generalizada, independentemente do lugar onde começar. Só detractores consideram que todos os movimentos antibélicos e todos os que se manifestam a favor da paz são intrigas de Moscovo. Hoje em dia mulheres, crianças, homens de todas as idades levantam-se, dão as mãos e exigem que se trave esta perigosa tendência que arrasta o mundo para uma guerra nuclear. Penso que nesta conjuntura o papel do factor humano cresce consideravelmente.

O mundo não quer ser feudo dos EUA ou da URSS

— (Jornal «Izvestia»). *A Casa Branca tem afirmado frequentes vezes que os mísseis intercontinentais soviéticos constituem o maior perigo para a América. Propusemos em Reiquejavique liquidar num prazo de dez anos este perigo. Na sua oopinião, porque é que a outra parte não esteve disposta a afastar este perigo do seu país?*

— É justo que tenha levantado esta questão durante muitos anos utilizada pela parte norte-americana para afirmar, hipoteticamente, que a União Soviética não tem a intenção séria de iniciar o desarmamento e cessar a corrida aos armamentos, nem tem em conta as preocupações da América, etc...

Como sabem propusemos fazer reduções radicais. Note-se que colocamos a questão de maneira muito categórica. Existe uma tríade de armamentos estratégicos, reconhecida tanto por nós como pelos norte-americanos. Nos primeiros cinco anos propusemos reduzir em 50 por cento esta tríade das forças armadas estratégicas. É um grande passo.

Contudo, expressamos a nossa preocupação aos norte-americanos, pois a maior parte das forças estratégicas dos EUA encontram-se estacionadas em submarinos. Isto significa cerca de 700 mísseis com quase 6000 ogivas múltiplas autoguiadas. Sabe-se que os submarinos sulcam os mares e os oceanos em torno da União Soviética. Donde desferirão o seu golpe? Esta situação não representa um perigo menor do que o dos mísseis pesados de estacionamento terrestre.

Numa palavra, quando não se quer resolver as questões, arranjam-se problemas e criam-se obstáculos artificiais. Contudo, aqui, estes obstáculos foram eliminados. Isto é importante. Demos um grande passo, eliminando as desculpas sobre os mísseis de médio alcance que têm uma importância estratégica para a América. Também, ao decidirmos a questão dos mísseis estratégicos, não incluimos os meios de estacionamento avançado. Tudo isso prova a nossa boa vontade. Não obstante, os americanos não aceitaram a nossa proposta.

Os americanos pensam que alcançarão a supremacia nuclear sobre nós através do Espaço e que concretizarão a ideia de um presidente que disse: Quem dominar o Cosmos, dominará a Terra. Isto demonstra que estão em causa ambições imperiais.

Mas o mundo de hoje não é o mundo de antes. Este mundo não quer ser um feudo dos Estados Unidos da América, nem da União Soviética. Cada país tem direito à livre escolha, à sua própria ideologia e aos seus próprios valores. Se não o reconhecermos, não haverá relações internacionais. Então, entraremos no caos e no direito «do mais forte»... nunca aceitaremos isso.

A América, ao que parece, tem muitas saudades dos tempos passados quando era toda-poderosa e possuía a supremacia militar sobre nós, uma vez que saímos da Guerra economicamente enfraquecidos.

Talvez exista na América nostalgia do passado. Contudo, devemos desejar aos nossos parceiros que compreendam as realidades de hoje. Eles também precisam de o fazer. Senão, ou seja, se os americanos não começarem a pensar nos termos de hoje, se não levarem em conta as realidades contemporâneas, não haverá progressos na procura de decisões correctas.

Conversações de Genebra deverão recomeçar

— (Televisão búlgara). *Se bem entendi, as conversações de Genebra não acabaram e a direcção soviética tenciona incumbir a delegação soviética de procurar uma solução para as questões ainda por resolver?*

— Tem toda a razão.

— *Acha possível que, após Reiquejavique, idênticas instruções sejam dadas também à delegação norte-americana?*

— Espero que tudo seja precisamente assim.

— (Agência telegráfica «CTK»). *Que influência terá, na sua opinião, o resultado do encontro de Reiquejavique no processo pan-europeu?*

— Penso que tanto os políticos como os povos da Europa estarão à altura, neste momento extremamente responsável. O tempo exige acções e não só declarações pomposas, às quais não se segue nada de concreto. O mundo está cansado e farto de «tagarelice», necessitando de progressos reais tanto no desarmamento como na liquidação das armas nucleares. Acho que esta tendência continuará a crescer. Deposito particulares expectativas na perspicácia e na responsabilidade dos políticos e dos povos da Europa.

Pacifistas não são «lobby» pró-soviético

— (Cadeia de Televisão norte-americana «NBC»). *Segundo creio, o senhor apela directamente aos outros membros da Comunidade Internacional para que formem uma espécie de «lobby» a fim de influenciar os Estados Unidos e forçá-los a mudar a sua opinião?*

— Sabemos a que ponto está desenvolvido o «lobbismo» no vosso país e como decorre o processo político na América. Talvez por isso foi difícil para o presidente tomar uma decisão nesta cimeira. Mas quando se trata da consolidação da paz, de passos reais a dar para alcançar este objectivo, quando são precisos esforços conjuntos — isto diz respeito a todos, e não só aos EUA e à União Soviética — penso que não se deve falar de «lobbismo», mas sim do sentido de responsabilidade, do bom senso dos povos, da compreensão do valor que representa a paz, e da necessidade de a salvaguardar. Por conseguinte é uma injúria acusar os povos e os movimentos que se manifestam pela paz, de «lobby» a favor da União Soviética. Acontece que as pessoas defendem as suas posições políticas e cívicas.

— *(Jornal islandês «Mourgunbladid»). Sou editor de um jornal islandês. Teve problemas em decidir-se a vir a Reiquejavique? Sabe-se que a Islândia é membro da NATO. Ao mesmo tempo, como é do conhecimento geral, o nosso governo pronunciou-se a favor da proclamação de zona desnuclearizada no Norte. Gostaria de saber qual a sua atitude a este respeito.*

— Eu queria terminar precisamente com este assunto e tenho prazer em aproveitar a pergunta do representante da Imprensa islandesa para o fazer. Quero recordar que fomos nós quem propôs a Islândia como um possível local do encontro, por isso não tivemos dificuldades a este respeito.

Quero agradecer ao governo da Islândia e ao povo islandês por terem utilizado todo o seu potencial, tanto humano e organizativo como material, para resolver todas as questões relacionadas com a organização deste encontro. Estamos-lhes gratos por isso. Sentimo-nos aqui à vontade. Também Raissa Maksimovna, que teve muitos encontros na Islândia, me contou coisas muito interessantes. Todos os encontros foram muito interessantes. Dá-nos um imenso prazer a atmosfera de amizade e o interesse que aqui se manifesta pelo nosso país. Agradecemos à Islândia e ao governo islândes por tudo o que fizeram. Desejamos prosperidade ao vosso povo.

No que diz respeito à última parte da sua pergunta relativamente à decisão do vosso governo de proclamar o Norte do país zona desnuclearizada, saudamo-la. Caros amigos, obrigado pela atenção. Acho que o tempo que passámos convosco foi útil. Desejo-vos felicidades e até à próxima. ■

* Transcrição e tradução oficial soviética. Subtítulos da responsabilidade do Sete Ponto Sete

Mensagens Pessoais

«Grande reportagem»

Compro «Grande Reportagem» n.ºs, 1 — 21 — 22 — 26 — 27 e 28. Contactar telefone 320229 — Maria Edurda.

Selos

Vendo sobrescritos CTT de 17 Março 1955 a 22 Maio 1986 com as séries completas. Vendo rótulos de garrafas nacionais e estrangeiras, à volta de mil, maior oferta; contactar pelo tel. 664508 das 12 h às 15 h.

Linda-a-Velha

Pratica ginástica — dá saúde, põe-te bem disposto (a).

Inscreve-te na Academia Recreativa de Linda-a-Velha, já abriram as inscrições e as aulas estão a começar. Vá lá, deixa a preguiça que não te vais arrepender.

A Academia á na Rua Fontes Pereira de Melo em Linda-a-Velha. Contamos contigo.

O Diabo (1934-38)

«O Diabo», semanário de crítica literária e artística. Completo. Encadernado em percalina (4 vols.) e em bom estado. Base de licitação: 10 000$00. Vende-se pela melhor oferta. Tel. 043/51130.

Colóquio/Letras

«Colóquio/Letras», vendo dos números 1 a 78 telefone n.º 548537.

Quarto criança

Vendo mobília de quarto de criança, em tola, c/ duas camas, roupeiro c/ sete gavetas e escrivaninha. Tel. 705632

Filtro de Água

Filtro de água, novo, «Lar-ozon», eléctrico. Relógio pulso, novo, «Rolex». Tel. 837054, até às 10 h depois das 20 h.

Arame de cobre

1 lote arame de cobre esmaltado para bobinadores vende-se urgente. Tel. 535870

Aos Colégios

Mobiliário e instrumentos musicais vendo, destinados a classe préprimária. Contactar com Telef. 847622. Dias úteis das 10 às 21 horas.

Benavente

Vende-se lote de terreno urbanizado em Benavente, 300 m². Informações pelo tele. 529834, Armando Ferreira Aires

Cadeira de rodas

Compro em 2.ª mão. Telef. 520050.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.